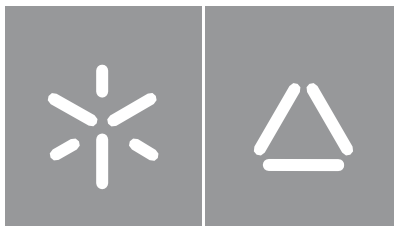


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Deyvison Longui Batista

Jornal Escolar: ferramenta de interação entre alunos/escola e comunidade e a consolidação de competências da literacia mediática



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Deyvison Longui Batista

**Jornal Escolar: ferramenta de interação entre
alunos/escola e comunidade e a consolidação de
competências da literacia mediática**

Relatório de Projeto de Ação
Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Sandra Cristina Santos Monteiro Marinho

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho acadêmico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Agradecimentos

A jornada foi ultramarina, mas determinante para a realização de um enorme desejo e pudesse encontrar o melhor trajeto, no real sentido da palavra ou no figurado, em cada momento desta minha caminhada. Ao deixar Vitória, no Brasil, e vir em direção a Braga, em Portugal, pude renascer, viver, evoluir, descobrir e vencer. Um pouco para alguns destes e muito mais para outros. O ciclo ainda continua. O percurso não terminou. Há vários trajetos a serem percorridos.

E trilhar este caminho para esse momento rumo ao mestrado só foi possível com o apoio, energia e força de várias pessoas, a quem dedico especialmente este projeto de vida. Aos amigos, que torceram pela minha aprovação na Universidade do Minho e, mesmo estando longe alguns milhares de quilômetros, fizeram com que a distância ficasse a um clique de uma chamada de vídeo ou das mensagens de texto recebidas.

A Subsecretaria de Comunicação da Prefeitura de Vitória, a qual sou servidor concursado, por ter me liberado para o curso de mestrado. A Secretaria Municipal de Educação (SEME), que permitiu a implementação do projeto em uma escola pública municipal. E a Escola Vercenilio da Silva Pascoal, local escolhido para a intervenção, em especial a diretora Maria Luiza, ao professor Iranilso Araújo, de Língua Portuguesa, e a bibliotecária Elane Uliana, por terem acreditado na proposta apresentada e participado da sua execução até o final.

Também ao meu irmão, Fábio, e minha mãe, Mara, que me apoiaram, incentivaram e encorajaram as minhas decisões. A Geraldo Nascimento que ajudou e possibilitou aos estudantes conhecerem o mundo jornalístico. A Mário Alberto pelo companheirismo, apoio incondicional, compreensão, tolerância, generosidade e alegria. E, não menos importante, a minha orientadora, Professora Doutora Sandra Marinho, pela sua paciência e dedicação comigo durante o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço muitíssimo seus ensinamentos pautados em elevado nível ético e científico, visão crítica e oportuna, que contribuíram para enriquecer cada fase deste projeto e fizeram apresentar o que poderia contribuir de melhor.

Meu muito obrigado.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Jornal Escolar: ferramenta de interação entre alunos/escola e comunidade e de consolidação de competências da literacia mediática

Este projeto de intervenção é baseado na utilização dos gêneros jornalísticos Notícia, Entrevista, Reportagem, Artigo de Opinião, Crônica, Fotografia, Editorial e Charges/Ilustração como forma de aprimorar a qualidade dos Jornais Escolares, e, por esse meio, promover a interação entre alunos e comunidade e a consolidação de competências de literacia mediática. Tal ação foi implementada como projeto de intervenção do curso de Mestrado em Ciências da Comunicação, especialização em Informação e Jornalismo, nas aulas de Língua Portuguesa com a criação do Clube do Jornal na escola pública municipal de ensino fundamental Vercenílio da Silva Pascoal, em Vitória (ES), no Brasil, entre os meses de abril a julho de de 2023.

Para tentar perceber esses processos, foi realizado um diagnóstico, a partir da observação, análise de documentos e entrevistas, além de atividades com gêneros textuais da esfera jornalística em oficinas ministrados duas vezes por semana no período do contraturno com alunos dos anos finais da educação fundamental (do 6º ao 9º ano) para que pudessem trabalhar estas modalidades textuais, por meio dos jornais impressos e de outras mídias. Os resultados apurados mostram que os processos de implementação de Jornais Escolares e de estudo dos gêneros jornalísticos no contexto escolar possibilitam ao aluno ter contato com aprendizados que são importantes para a convivência dentro e fora da escola, com o desenvolvimento de novas formas de escrita e de se comunicar. Os dados apresentados neste estudo levam a crer que a ferramenta promove, de forma positiva, a aproximação dos estudantes de conteúdos que os ajudem a explicar uma situação ou revelar as circunstâncias e de vivência e a promoção de debates e reflexões sobre as questões sociais, letramento e cidadania.

Palavras-chaves: Jornal Escolar, gêneros jornalísticos, literacia midiática, cidadania, protagonismo.

Jornal Escolar: tool for interaction between students/school and community and for consolidating media literacy skills

This intervention project is based on the use of the journalistic genres News, Interview, Report, Opinion Article, Chronicle, Photography, Editorial and Cartoons/Illustration as a way of improving the quality of School Newspapers, and, through this means, promoting interaction between students and community and the consolidation of media literacy skills. This action was implemented as an intervention project for the Master's degree in Communication Sciences, specialization in Information and Journalism, in Portuguese language classes with the creation of the Newspaper Club at the municipal public elementary school Vercenilio da Silva Pascoal, in Vitória (ES), in Brazil, between the months of April and July 2023.

To try to understand these processes, a diagnosis was carried out, based on observation, analysis of documents and interviews, in addition to activities with textual genres from the journalistic sphere in workshops held twice a week during the after-school period with students in the final years of elementary education. (from the 6th to the 9th year) so that they could work on these textual modalities, through printed newspapers and other media. The results obtained show that the processes of implementing School Newspapers and studying journalistic genres in the school context allow students to have contact with learning that is important for coexistence inside and outside of school, with the development of new forms of writing and communicate. The data presented in this study leads us to believe that the tool promotes, in a positive way, bringing students closer to content that helps them explain a situation or reveal circumstances and experiences and promotes debates and reflections on social issues, literacy and citizenship.

Keywords: School Newspaper, journalistic genres, media literacy, citizenship, protagonism.

Índice

Introdução	15
Capítulo 1. Jornal Escolar: ferramenta, experiências e formação de competências	19
1.1 O Jornal Escolar como meio de transformação.....	19
1.1.1 Jornal Escolar como instrumento para aproximar Escola e Comunidade.....	21
1.1.2 Experiência em Portugal.....	23
1.1.3 Utilização no Brasil, no Espírito Santo e em Vitória.....	25
1.2 Uso dos gêneros jornalísticos como instrumento de promoção de literacia mediática.....	27
1.3 A relevância da Literacia Mediática.....	31
1.3.1 Literacia mediática no Brasil.....	36
1.3.2 A avaliação ou medição das competências de literacia mediática.....	38
Capítulo 2. A Escola Vercenílio da Silva Pascoal – Diagnóstico	41
2.1 Um Modelo de Análise para o Diagnóstico, Implementação e Avaliação.....	42
2.2 Orientações metodológicas.....	46
2.2.1 O método de investigação-ação.....	48
2.2.2 Amostragem.....	51
2.2.3 Técnicas de Recolha de Dados.....	53
2.2.4 Técnicas de Análise de Dados.....	63
2.2.5 Questões éticas.....	64
2.3 A Escola Professor Vercenílio da Silva Pascoal.....	65
2.3.1 A Escola – caracterização e contexto.....	66
2.3.2 Níveis de aprendizagem.....	68
2.3.3 Contexto socioeconômico e cultural da realidade escolar.....	69
2.3.4 Corpo docente, técnico e administrativo.....	72
2.3.5 A participação da Biblioteca.....	72
2.4 O contexto educativo da escola.....	73
2.4.1 Panorama da Educação no Brasil.....	73
2.4.2 Base Nacional Curricular Comum.....	75
2.4.3 A Educação em Vitória.....	76

2.5 Um Diagnóstico da Escola Vercenílio da Silva Pascoal.....	76
Capítulo 3. O Jornal Escolar – A implementação.....	80
3.1 A formação do Clube do Jornal.....	81
3.1.1 Apresentação do “Clubinho”.....	82
3.1.2 Conhecendo os alunos.....	83
3.1.3 Os participantes e a definição das atividades.....	85
3.2. O início – conhecendo o que vão aprender.....	87
3.2.1. Boas-vindas, dinâmicas e combinados.....	87
3.2.2 Momento Notícia.....	91
3.3. Ingressando no mundo do jornal e dos gêneros jornalísticos.....	91
3.3.1 Alunos x Jornais: o quanto sabem a respeito.....	93
3.3.2. Notícia: o que é isso?.....	95
3.3.3 Fazendo a Entrevista.....	99
3.3.4. A Reportagem.....	104
3.3.5 Artigo de Opinião.....	108
3.3.6 O Editorial.....	111
3.3.7 Fotografia.....	114
3.3.8 Charge.....	119
3.3.9 Crônica.....	123
3.4 Visitando um veículo de comunicação.....	126
3.5 Escolhendo o nome do Jornal Escolar.....	130
3.5.1 Criando as seções, pautas, textos e montando a 1ª edição.....	132
3.5.2 Produzindo o <i>Notícia Ativa – Jornal do VSP</i>	133
3.5.3 Apurando a notícia.....	132
3.5.4 Escrevendo a matéria.....	135
3.5.5 Fazendo a edição.....	137
3.5.6 Criando a página.....	138
3.6 <i>Notícia Ativa - Jornal do VSP - Versão impressa</i>	139
3.6.1 Lançamento na Escola.....	142
3.6.2 Entrega no Bairro/Comunidade.....	143
3.6.3 Divulgação nas mídias sociais.....	145
3.7 Apresentando e divulgando o projeto de intervenção.....	145

Capítulo 4 – Avaliação e propostas de melhoria	147
4.1. Avaliação inicial da intervenção e da 1ª edição do jornal.....	147
4.2 Refletindo sobre o processo.....	148
4.3 Segunda Edição do <i>Notícia Ativa – Jornal do VSP</i>	155
Considerações finais	158
Referências Bibliográficas	161
Anexos	167
Anexo 1 - Grelha de Observação – Aula/Oficina.....	167
Anexo 2 - Grelha de Observação – Competências da Literacia Mediática.....	168
Anexo 3 - Grelha de Observação – Relação Escola/Aluno e Comunidade.....	169
Anexo 4 – Guião de Entrevista.....	170
Anexo 5 – Questionário Alunos X Notícias.....	172
Anexo 6 – Crônica de Luís Fernando Veríssimo: A Bola.....	173
Anexo 7 – Entrevista com a bibliotecária Elane Uliana.....	174
Anexo 8 – Autorização Participação/Alunos.....	176
Anexo 9 – Termo de Consentimento – Entrevista.....	177
Anexo 10 – Autorização PMV/Intervenção.....	178

Índice de Figuras

Figura 1: Ciclo da Investigação-Ação.....	48
Figura 2: Enunciado de uma questão da Avaliação Diagnóstica do 7º Ano.....	59
Figura 3: Dados da avaliação diagnóstica dos 16 alunos participantes do projeto de intervenção.....	63
Figura 4: Fachada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Vercenílio da Silva Pascoal.....	66
Figura 5: O bairro Joana D´Arc na Região Administrativa de Maruípe.....	67
Figura 6: A Escola Vercenílio da Silva Pascoal inserida na geografia da cidade de Vitória.....	67
Figura 7: Situação dos alunos matriculados na Escola Vercenílio da Silva Pascoal.....	69
Figura 8: Estudantes segundo a renda familiar regular.....	70
Figura 9: Estudantes segundo o número de pessoas que dependem da renda familiar regular.....	70
Figura 10: Distribuição dos estudantes segundo a pessoa responsável pelo domicílio do estudante....	70
Figura 11: Estudantes segundo o nível de escolaridade do (a) responsável regular.....	71
Figura 12: Distribuição dos estudantes segundo a condição de ocupação do domicílio.....	71
Figura 13: Estudantes segundo a regularidade no acesso à internet regular.....	71
Figura 14: Arte do cartaz para participarem do Clube do Jornal.....	81
Figura 15: Apresentação do Clube do Jornal para a turma do 8º ano.....	83
Figura 16: Ficha de inscrição para participar do Clube do Jornal.....	83
Figura 17. Conversa com aluna sobre o interesse e expectativa em participar do Clube do Jornal.....	84
Figuras 18 e 19: Kit composto por caderno, lápis e caneta entregues aos alunos do Clube do Jornal..	88
Figuras 20 e 21: Mesas dispostas em círculos para que todos pudessem se ver e interagir.....	88.
Figuras 22 e 23: Dinâmica dos sonhos para motivar a pensar sobre o que queriam e como protegê-los das dificuldades.....	89
Figura 24: Momento da escolha das obras infantojuvenis para leitura durante o Clube do Jornal.....	91
Figura 25: Exemplos utilizados para mostrar a composição dos jornais.....	92
Figura 26: Apresentação aos alunos de um jornal com circulação diária.....	92
Figuras 27 e 28: Os alunos manuseando os exemplares de maneira autônoma.....	93
Figura 29: Questionário aplicado para conhecer como é a relação com as notícias.....	95
Figuras 30 e 31: Alunos desafiados a identificar os elementos da estrutura textual a partir da pirâmide invertida.....	97
Figura 32: Os alunos escolheram uma manchete para a criação de uma notícia.....	97
Figura 33: Ao final da escrita da notícia, eles puderam conhecer o texto original.....	97
Figuras 34 e 35: Os alunos criaram a notícia no caderno e depois passaram para a folha de	

atividade.....	98
Figuras 36, 37 e 38: Notícias criadas por alunos a partir de um assunto que tinha apenas o título, o subtítulo, uma foto, o texto da legenda.....	98
Figura 39 e 40: Gênero Entrevista na Revista Veja.....	100
Figura 41 e 42: Perguntas elaboradas pelo Grupo Trabalho e pelo Grupo Esportes.....	101
Figura 43: Grupo Trabalho entrevistando a profissional da limpeza.....	102
Figura 44: Grupo Esportes entrevistando a professora de educação física.....	102
Figura 45: Ilustração para lembrar como uma entrevista escrita geralmente aparece na mídia.....	103
Figura 46.:Os alunos reescrevendo o texto escrito no caderno e indicando as partes da entrevista....	103
Figura 47: Entrevista do Grupo Trabalho.....	104
Figura 48: Entrevista do Grupo Esportes.....	104
Figuras 49 e 50: Os alunos incentivados a pesquisarem sobre os temas que iriam abordar na entrevista.....	105
Figura 51: Grupo formulando as entrevistas para o fechamento da Reportagem.....	106
Figura 52: Grupo entrevistando a diretora Maria Luíza para ter o posicionamento da Escola.....	106
Figura 53: Reportagem escrita pelo Grupo Esportes.....	107
Figura 54: Reportagem escrita pelo Grupo Trabalho.....	108
Figura 55: Artigo do Jornal O GLOBO utilizado para mostrar a estrutura do gênero Opinião.....	109
Figura 56: Alunos lendo artigos para tomarem conhecimento de sua composição.....	109
Figuras 57 e 58: A partir da escolha do artigo, os alunos preenchem uma tabela de perguntas.....	110
Figura 59: Tabela disponibilizada para preenchimento com base nas informações sobre o artigo selecionado.....	110
Figura 60: Repostas dadas por uma dupla de alunos sobre o artigo selecionado.....	110
Figura 61: Imagem de Editorial para que os alunos pudessem identificar o local.....	112
Figura 62: Chamada do Editorial de A Gazeta.....	112
Figura 63: Opinião e argumento de uma dupla de alunos.....	113
Figura 64: Outra dupla de alunos com opiniões e argumentos sobre o recebimento de tíquete pelos deputados estaduais.....	113
Figura 65: Modelo com sugestão de frases e conectivos que podem ser utilizados durante a produção textual do artigo e editorial.....	114
Figura 66: Imagem inicial apresentada aos alunos para que pudessem relatar o que viam.....	116
Figura 67: Foto apresentada para observação de uma manifestação que impediu a circulação de	

ônibus e dos passageiros.....	116
Figura 68: O fotógrafo apresentou a câmera digital profissional e os equipamentos.....	117
Figura 69: Os alunos aprenderam técnicas e puderam manusear a câmera digital profissional e suas lentes.....	117
Figura 70: O fotógrafo apresentou como é vista a imagem no celular e na câmera profissional.....	118
Figura 71: Os alunos aprenderam como fazer no celular o enquadramento da imagem e recursos disponíveis.....	118
Figura 72: Ângulo escolhido pelo aluno.....	119
Figura 73: Registro feito pelo aluno usando a câmera profissional.....	119
Figura 74: Registro feito pelo aluno usando o celular.....	119
Figura 75: A charge é um desenho humorístico que critica um fato de conhecimento público.....	120
Figura 76: Apresentação da charge e suas formas de linguagem.....	120
Figura 77: Os alunos receberam dicas para análise.....	120
Figura 78: Exemplos de charges apresentadas e que brincavam com seus elementos construtivos..	122
Figura 79: Alunos prestando atenção na crônica contada pela bibliotecária.....	124
Figura 80: Alunos realizando a atividade de escrita de uma crônica.....	125
Figura 81: Crônica escrita por um aluno.....	126
Figura 82: Fachada da Rede Gazeta de Comunicação.....	127
Figura 83. Alunos no transporte até a Rede Gazeta.....	127
Figura 84: Geraldo Nascimento falando para o grupo como seria a visita e o que eles iriam conhecer.....	128
Figura 85: Os alunos se deparando com dezenas de profissionais em um mesmo espaço na Redação Integrada.....	128
Figura 86: Geraldo explicando como a notícia chega até a Redação.....	129
Figura 87: Os alunos conhecendo a montagem de uma matéria para o telejornal na Ilha de Edição..	129
Figura 88: Os alunos ficaram atentos ao funcionamento do Controle Mestre da TV.....	130
Figura 89: Gerando conta sobre a trajetória e o que motivou a vencer na carreira.....	130
Figura 90: Pausa para fazer fotos com o ídolo da TV.....	130
Figura 91: A visita à Rede Gazeta foi assunto na escola no dia seguinte.....	130
Figura 92: Reunião com o grupo de alunos para definição do nome do Jornal Escolar:.....	131
Figura 93: Os estudantes discutindo os nomes das seções para o Jornal Notícia Ativa.....	132
Figura 94 e 95: Os alunos se reuniram para definir os assuntos que fariam parte do primeiro número	

do jornal.....	133
Figura 96 e 97: Aluna fazendo entrevista com uma feirante e com uma frequentadora da feira.....	134
Figura 98: A atuação do estudante-fotógrafo e sua movimentação para poder fazer o melhor clique.....	135
Figura 99: Primeiro, foi pedido que eles fizessem isso de forma manual.....	136
Figura 100: Com o texto pronto, puderam usar o computador para transportar o conteúdo do papel para a tela.....	136
Figura 101: Momento de produção textual das notícias apuradas para o jornal.....	137
Figura 102: Trabalho dos alunos-editores que coordenaram as seções dos jornais.....	137
Figura 103: Na elaboração do layout do jornal, os alunos puderam sugerir fontes e grafismos.....	139
Figura 104: Versão preliminar do número 1 do Notícia Ativa.....	140
Figura 105: Versão impressa do Notícia Ativa.....	140
Figura 106: O jornal Notícia Ativa foi concebido no formato A4 com quatro páginas com conteúdo frente e verso, dobrado, em cores.....	141
Figuras 107, 108, 109 e 110: A distribuição do jornal na escola contou com momentos que contemplaram todos os turnos e envolveu professores, pais e alunos.....	142
Figuras 111, 112, 113 e 114: Estudantes percorrendo o bairro para fazer a distribuição do Jornal Notícia Ativa.....	144
Figura 115: Divulgação do Notícia Ativa na página do Facebook da escola teve bons comentários...	145
Figuras 116 e 117: O projeto de intervenção-ação foi apresentado no Congresso Biblio InformES.....	146
Figura 118: Cartaz divulgado na escola e nas redes sociais chamando os alunos a participarem do Clube do Jornal e da 2ª edição do Jornal Notícia Ativa.....	155

Índice de Tabelas

Tabela 1. Modelo de Análise.....	44
Tabela 2. Indicadores a serem observados para a recolha dos dados.....	56
Tabela 3. Indicadores a serem observados para a recolha dos dados.....	57
Tabela 4. Calendário de execução.....	86

Índice de Fluxograma

Fluxograma 1.....	17
-------------------	----

Introdução

Este projeto de intervenção no Mestrado de Ciências de Comunicação, especialização em Informação e Jornalismo, da Universidade do Minho decorre de uma observação e reflexão sobre o processo de construção de saberes dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental (do 6º ao 9º), no que se refere aos gêneros jornalísticos da Notícia, Entrevista, Reportagem, Artigo de Opinião, Crônica, Fotografia, Editorial e Charge/Ilustração, na escola pública municipal de ensino fundamental Vercenílio da Silva Pascoal, na cidade de Vitória (ES), no Brasil, entre os meses de março a julho de 2023.

Tal projeto pretendeu responder à seguinte questão: “Em que medida é que a implementação de um Jornal Escolar pode contribuir para a interação entre alunos/escola e a comunidade e para a consolidação de competências de literacia mediática?”. Essa questão emergiu do diagnóstico que foi realizado e permitiu perceber que estes aspectos precisavam de intervenção, tendo o desenvolvimento de um Jornal Escolar sido considerado como uma possível estratégia de intervenção visando alcançar a ligação proposta.

Essa questão de partida foi o que motivou e norteou o desenvolvimento deste projeto de intervenção. Ele foi pensando com o objetivo de oportunizar a participação dos alunos em atividades que pudessem trabalhar com gêneros textuais, mais especificamente os da esfera jornalística, por meio de jornais impressos e de outras mídias, visando a aproximação dos estudantes a conteúdos contextualizados e de vivência e a promoção de debates e reflexões sobre as questões sociais, letramento e cidadania.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Vercenílio da Silva Pascoal, embora conte com alguns recursos tecnológicos disponibilizados pelo sistema educacional local para oferta de projetos e atividades, não realizava até o momento desta intervenção qualquer iniciativa que proporcionasse aos seus alunos novos aprendizados no campo da comunicação, mais especificamente do jornalismo, e mais oportunidades de ligação com a comunidade.

Tais ações foram implementadas nas aulas de Língua Portuguesa, com a criação do Clube do Jornal. Trabalhar diversos gêneros jornalísticos, como Notícia, Entrevista, Reportagem, Artigo de Opinião, Crônica, Fotografia, Editorial e Charges/Ilustração, dentre outros, indo além dos textos tradicionais e comumente usados nas aulas da disciplina, é interessante para os alunos, que, ao emergirem nesse novo universo, criam formas de escrita e de se comunicar, numa constante transformação.

Para conseguir esse sentido prático, os alunos foram envolvidos na dinâmica de vivência e compreensão de cada um desses gêneros jornalísticos, participando no processo de desenvolvimento das modalidades e sendo estimulados a ler e a praticar a escrita. E isso é o que pretende este projeto de intervenção ao explorar o mundo da comunicação e da informação, aperfeiçoando o uso dos gêneros jornalísticos com os alunos para que eles possam produzir seus textos para o Jornal Escolar.

Para atingir tal propósito, esta pesquisa foi implementada com recurso à investigação-ação em três fases – diagnóstico (observação, análise documental e entrevistas), implementação e avaliação. Esse processo permitiu a identificação do estado atual das competências de literacia mediática dos estudantes e a sua relação com a comunidade, o reconhecimento da problemática e o planejamento da estratégia, pretendendo-se a mudança da circunstância encontrada no diagnóstico, o qual revelou que os alunos do 6º ao 9º ano tinham pouco conhecimento sobre os gêneros textuais e jornalísticos, bem como de outras competências de literacia mediática que deveriam estar consolidadas de acordo com a diretriz curricular.

Assim, além de estimulá-los na leitura e na produção textual, que estão entre os objetivos desta pesquisa, pretende-se também mostrar aos alunos o que está acontecendo ao seu redor e ensiná-los a expressar suas experiências, as histórias dos personagens de seus bairros e as narrativas que estão ajudando a construir.

Ainda visando sustentar a intervenção proposta, durante as três fases de desenvolvimento do projeto foram utilizadas técnicas mistas, quantitativas e qualitativas, conforme aponta Coutinho (2014). Brydon-Miller et al (2003), dessa forma, inferem que é possível ter uma relação entre a teoria e prática e uma articulação entre o método dedutivo e indutivo, sendo a melhoria das práticas e a resolução de problemas os seus principais propósitos.

No que respeita à estrutura desta pesquisa, esta contempla, para além desta Introdução, um primeiro capítulo dedicado à revisão bibliográfica e fundamentação teórica, onde é abordado o tema através da perspectiva de vários autores. Começa por apresentar Jornal Escolar, como esta ferramenta pode melhorar a qualidade da interação dos alunos com a escola e de ambos com a comunidade em que estão inseridos, além de apontamentos sobre a experiência de Portugal e no Brasil, na cidade de Vitória e no Espírito Santo, sobre a implantação de jornais escolares.

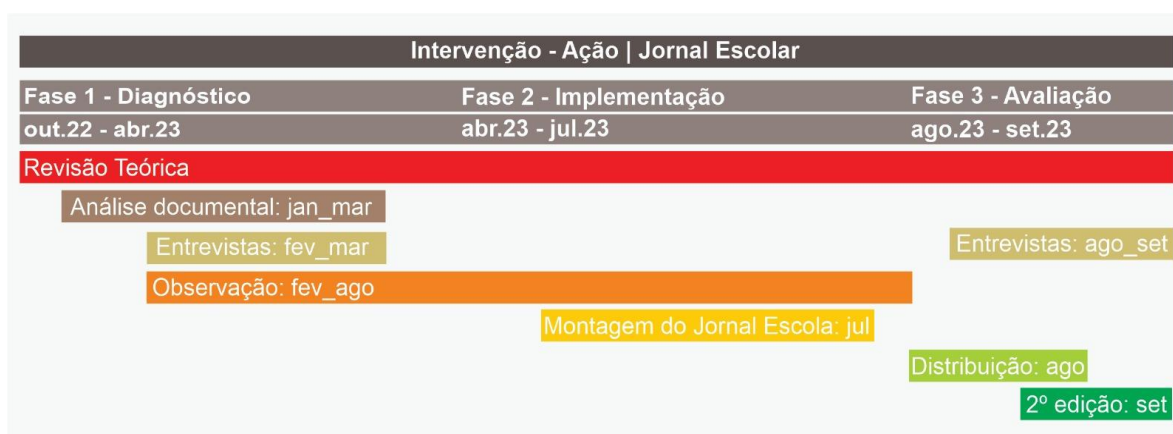
Em seguida, mostra de que forma os gêneros jornalísticos podem ser empregados para incrementar o dia a dia dos alunos, possibilitando a eles se posicionar ativamente e abrir questionamentos diante de uma determinada situação. Finalizando este primeiro capítulo, o conceito de literacia mediática também

é discutido, pontuando de que forma as mensagens dos médias e à forma como são construídas levam os alunos a compreenderem todo o caminho da informação, desde a elaboração até a leitura final, possibilitando ao aluno desenvolver o pensamento crítico e a se posicionar diante das situações sociais e políticas nas quais vivem.

Depois da revisão de literatura, no segundo capítulo é traçada a metodologia utilizada ao longo do projeto, por meio da observação, análise documental e entrevista, e realiza-se o Diagnóstico da situação, com a apresentação de dados socioeconômicos e da vida escolar dos estudantes, que ajudaram identificar o problema a necessitar de intervenção. É importante pontuar que a revisão teórica foi realizada ao mesmo tempo em que ocorria o levantamento de informações na etapa do diagnóstico e que essa relação entre teoria e prática ajudou na articulação entre as leituras e o trabalho de campo, apesar de a revisão teórica estar destacada em um capítulo deste projeto e o diagnóstico em outro capítulo.

O capítulo três é dedicado à fase de Implementação, mostrando as atividades realizadas em cada apresentação dos gêneros. A Avaliação está no capítulo quatro e implica na apresentação de um novo diagnóstico dos aspectos que foram alvo de intervenção. A pesquisa termina com as principais conclusões e reflexões sobre o trabalho aqui apresentado, assim como as suas principais limitações, seguindo-se as referências bibliográficas e os anexos, em que constam alguns trabalhos realizados nesta intervenção.

O Fluxograma 1 resume as fases de execução do Projeto:



Fluxograma 1. Execução do projeto de intervenção

Articulado com as questões de partida, também foram elencados objetivos a serem atingidos ao longo do projeto, de curto, médio e longo prazos, a partir de objetivos específicos estipulados: a) melhorar a interação dos alunos/escola com a comunidade e; b) consolidar as suas competências de literacia

mediática. Dentre os de curto prazo, destaco: aperfeiçoar o uso dos gêneros jornalísticos com os alunos, para que possam produzir conteúdo para o Jornal Escolar. De médio prazo, aponto: comprometer e envolver os diversos segmentos da comunidade escolar na criação, elaboração e edição do jornal e ajudar os estudantes a compreenderem as mensagens mediáticas presentes no seu cotidiano, entre outros. E de longo prazo: proporcionar competências que façam os estudantes cidadãos críticos que conhecem a realidade da sua comunidade e conseguem articulá-la com o conjunto de saberes e conhecimentos constituídos e adquiridos.

O universo da educação sempre esteve presente no meu cotidiano, pois venho de uma família de professores que atuavam com crianças do ensino fundamental. Essa rotina diária sempre me fascinou, influenciando na escolha da minha carreira como jornalista. Ainda na minha formação universitária, essa relação com crianças e alunos fez com que desenvolvesse uma revista-reportagem como projeto de graduação que pudesse contar histórias sobre situações de vulnerabilidade que eram vivenciadas por elas.

Essas experiências me motivaram a realizar este projeto de intervenção nesta escola, no Brasil, principalmente por estar localizada em área de periferia e não contar com projetos de comunicação que pudessem abrir novas perspectivas para os estudantes, para a escola e para a comunidade que a integra, e pela necessidade de retornar ao país por questões profissionais. Embora a intervenção tenha ocorrido no Brasil, poderá ser replicada em Portugal, que é grande incentivador da formulação de Jornais Escolares e serviu de base para aplicação do projeto.

Capítulo 1

Jornal Escolar: ferramenta, experiências e formação de competências

A revisão bibliográfica e a fundamentação teórica abrem este projeto de intervenção, cuja temática é discutida a partir das perspectivas de vários autores, visando subsidiar e apresentar o Jornal Escolar como uma ferramenta que pode melhorar o relacionamento entre aluno e escola e, deles, com a comunidade onde estão inseridos a partir de atividades trabalhadas por meio dos gêneros jornalísticos, consolidando suas competências de literacia midiática e cidadania. Para isso, optou-se por subdividir o capítulo, para demonstrar de que forma este processo ocorre e como se articulam estes conceitos e contribuem para a execução do projeto.

Assim, começamos por apresentar o papel dos jornais escolares e o que eles trazem de positivo para os estudantes que se beneficiam desta atividade e ainda de que maneira ocorre essa integração para a construção dos saberes na área da comunicação. Como forma de exemplificar, evidencia-se a experiência de implantação da ferramenta em Portugal e no Brasil, mais especificamente em Vitória e no Espírito Santo.

Em seguida, discute-se de que forma os gêneros jornalísticos podem ser empregados para incrementar o dia a dia dos alunos, tirando-os da sua rotina de aprendizado, e promover o desenvolvimento da sua reflexão sobre o meio em que estão inseridos. Por fim, a literacia mediática também é abordada, pontuando de que forma pode ser o suporte necessário para que os estudantes possam interpretar melhor os conteúdos acessados através dos diversos veículos de comunicação.

1.1 O Jornal Escolar como meio de transformação

O Jornal Escolar apresenta-se, atualmente, como uma ferramenta para o trabalho interdisciplinar e espaço de enriquecimento e participação dos estudantes e, também, de contribuição para uma escola mais conectada. Ainda mais em tempo de transformações tecnológicas, em que é praticamente impossível ficar de fora destas mudanças que, a cada dia, precisam ser acompanhadas e incluídas, para ser possível ter novas posturas e metodologias inovadoras em sala de aula, visando aproximar professores e estudantes para que a barreira dos tradicionais recursos didáticos seja também ultrapassada.

O Jornal Escolar é uma ferramenta que permite acompanhar esse novo tempo e que pode melhorar a qualidade da interação da escola com a comunidade onde a unidade de ensino está inserida. Além disso, oferece uma visão ampla e atualizada que aproxima o trabalho a ser realizado pelo docente dos recursos que a comunicação disponibiliza, por ter em seus conteúdos vários tipos de dados e informações que exploram a interdisciplinaridade. Assim, permite ao aluno ter vivências e reflexões sobre a atualidade, tornando-o mais participativo da realidade social.

Incluir então o Jornal Escolar dentre as ações a serem realizadas pelas escolas também é uma forma de incentivar e promover o empenho coletivo dos alunos, pois, durante a sua construção, irão trabalhar e interagir em equipe, o que proporciona que eles sejam também pessoas produtoras ao invés de apenas consumidoras. Outro aspecto importante na elaboração dos jornais escolares é permitir aos estudantes envolvidos terem visibilidade e reconhecimento, possibilitando a criação de um protagonismo a partir da produção de conhecimento que adquirem, além do trabalho colaborativo que é fundamental no ambiente escolar.

Com a implantação de um Jornal Escolar, os estudantes contarão com mais mecanismos e novas situações de vivência que os ajudarão na ampliação do seu conhecimento e competência. Seja por meio dos debates, interpretações de assuntos diversos, uso de uma linguagem acessível e direta, a sua participação nessa empreitada possibilitará ter uma visão mais crítica, tanto na escola quanto na sociedade, tornando o aprendizado mais significativo. Desta forma, segundo Bazerman (2006, p. 19), “os alunos verão não somente sua escrita influenciando pessoas e projetos que os cercam, mas serão motivados a buscar mais recursos para serem ainda mais efetivos”.

Ao seguir esse caminho, Gonçalves (2008) aponta que, quando o jornal estiver totalmente formado, será promotor de dinâmicas, veículo de inovação e integração, ponte entre professores e alunos, eixo de dinâmicas de grupo, veículo promocional da escola junto da comunidade, base de projetos pedagógicos, um espaço de promoção da cidadania.

O jornal escolar é um tônico que a escola tem ao seu dispor, para combater a rotina diária, para envolver os alunos em projectos significativos, capazes de desenvolverem competências diversas, mas também indicados para dinamizarem a vida escolar, tornando a escola o centro de todas as atenções, tanto daqueles que a frequentam como daqueles que vivem e trabalham na sua periferia. (2007, p. 1959)

Brites (2011, p. 538) reforça que “nos jornais escolares os assuntos podem ser explicados por jovens a jovens. Esta é a sua força. Pode constituir uma vantagem do ponto de vista da codificação e descodificação numa linguagem mais acessível”. Ainda nesta perspectiva, Ijuim (2000, p. 119) aponta:

Por esse entendimento, portanto, pode-se vislumbrar a possibilidade de que educandos e educadores, ao vivenciarem todas as etapas de produção do Jornal Escolar, assumam, internalizem e levem também para a vida a postura do repórter que observa, reflete e expressa o mundo. O aluno-repórter e o professor-editor encontram, no processo de produção jornalística, a interação, o relacionamento humano, a oportunidade de identificação e respeito ao outro, o diferente, a chance de observar e refletir sobre as questões emergentes que afligem o mundo – a si mesmos.

Ijuim (2000, p. 119) ainda complementa:

Se assim for entendido, o Jornal Escolar deixará de estar restrito às notícias e de servir apenas de boletim pelo qual os alunos exercitam a melhor técnica narrativa; será, isto sim, canal de expressão de pensamentos e opiniões dos pequenos seres que crescem, de verbalização de sua observação e reflexão de mundo. E, portanto, espaço de discussão sobre suas inquietações, aspirações, necessidades, angústias, alegrias; tribuna para o debate de temas que afligem o mundo e que afligem a si mesmos; lugar da profunda reflexão e elevação do nível de consciência sobre valores que ressaltem as virtudes...

1.1.1 Jornal Escolar como instrumento para aproximar Escola e Comunidade

Sabe-se que a Escola tem um papel fundamental na formação pedagógica e na cidadania dos estudantes. E quando a Escola e a Comunidade trabalham juntas e têm objetivos comuns, os benefícios obtidos a partir dessa união não favorecem apenas os alunos, suas famílias e os profissionais envolvidos, mas é possível ainda estender esses ganhos aos moradores da região na qual essa escola está inserida. Por isso, trabalhar a produção de um Jornal Escolar é um importante instrumento de construção de saberes, facilitando o processo de comunicação na unidade de ensino pois contribui para despertar nos alunos suas potencialidades e habilidades.

Além disso, inserir e incentivar a produção de um Jornal Escolar também é uma forma de trazer para dentro da escola a cultura científica, tendo o colégio uma oportunidade de levar para os alunos a interação com a leitura, letramento, tecnologia e ciência. A produção de um Jornal Escolar é, também, um

excelente equipamento para a divulgação dos conteúdos adquiridos nas diversas áreas do conhecimento, mostrando ainda a realidade da comunidade na qual a escola está inserida.

Freinet (1974), pedagogo francês que enalteceu a importância de os jovens se dedicarem não apenas ao consumo dos jornais, mas também à sua produção como método de iniciação cívica, destacou a possibilidade de esse suporte midiático ser uma ponte entre a Escola, a Comunidade e os Pais. O trabalho realizado pelos alunos, neste caso, ultrapassa os limites físicos da própria escola e passa a ser conhecido principalmente nas suas proximidades. Por outro lado, os problemas, as conquistas ou as atividades da comunidade podem ser denunciados ou divulgados pelo jornal.

O jornal de sala de aula, sob esse olhar, pode ser visto como um instrumento de comunicação capaz de interagir e aproximar a escola com a sua própria comunidade. Para Freinet (1974), a ligação escola-pais se dá tecnicamente através do Jornal Escolar, o qual leva às famílias aspectos da própria comunidade e do ambiente educativo sob o ponto de vista das crianças. O autor ressalta que se se acrescentarem algumas páginas destinadas especialmente aos pais, o Jornal Escolar poderá ser um jornal da comunidade. Freinet (1974) também diz que o que os pais esperam do jornal escolar não são as notícias da região, mas a originalidade do trabalho de seus filhos.

Ainda no contexto de aproximação entre escola e comunidade, Parente (2012) aponta que o processo de elaboração do Jornal Escolar, discutido por toda a comunidade escolar, também teria o importante papel no estabelecimento de ambientes onde o diálogo tivesse centralidade e a escola pudesse ser mais democrática. Desta forma também pensa Brandão (2007), que aponta que o jornal que melhor serve a escola é aquele que acompanha e ajuda a comunidade a relacionar a sua atividade e que se assume como a necessária ponte entre a escola e a comunidade (p. 1958).

O jornal que melhor serve a escola, designadamente os alunos, é aquele que consegue envolver activamente, em todas as fases e momentos do processo, o maior número de alunos, dando-lhes voz e atribuindo-lhes responsabilidades, que constitua um espaço de promoção dos seus anseios ou de resolução das suas preocupações, que se assuma como um defensor e promotor da escola, acompanhando e ajudando a comunidade a acompanhar a sua actividade, que se assuma como a necessária ponte entre a escola e a comunidade e que potencie o acompanhamento da actualidade dentro da escola e da sala de aula. Por fim, que seja também um verdadeiro jornal, organizado e produzido como tal, escrito com correcção e utilizando os diversos géneros jornalísticos.

Por sua vez, Ijuim (2000, p. 6) enfatiza que “percebendo os meios de comunicação de uma forma mais crítica e tornando-se produtores da informação, os educandos poderão se ver no papel de protagonistas sociais”. Ijuim (2000, p. 120) ainda infere que “aprendendo a aprender, educandos e educadores serão mais que sujeitos do/no processo de ensino e aprendizagem, mas agentes sociais dispostos a intervir para as transformações e a (re)visão do mundo, cultivando valores que promovam a virtude”. Isaiás (2009, p. 114) complementa ao afirmar também que “as publicações escolares [...] são espaços de encontro [...] que formam leitores e escritores do cotidiano”.

Ainda sobre a implementação do Jornal Escolar, Albuquerque e Fonseca (2012) acrescentam que se deve, também, levar em consideração o contexto social dos indivíduos, uma vez que a educação se apresenta com a função de criar cidadãos críticos, em que o aluno não apenas decifra a mensagem, como também questiona e defende seus pontos de vista. Para Baltar (2006), no jornal escolar, o que vale não é a atualidade das notícias, mas o que esses pequenos escritores têm a dizer sobre essa notícia ou sobre o tema sobre o qual eles se propuseram a escrever.

Manuel Pinto (2003a) considera que esta autonomia das crianças lhes deve ser reconhecida, dando-lhes oportunidade para enunciarem os seus pensamentos, as suas emoções e os seus interesses. E, portanto, a educação para os média deve ter em vista a responsabilidade dos meios de comunicação face à sociedade, convocando “igualmente os mais novos e os mais crescidos a valorizar práticas de expressão e de participação, verdadeiros requisitos de uma cidadania activa e esclarecida” (Pinto, 2003a, p. 5).

1.1.2 Experiência em Portugal

Em Portugal, o crescimento dos jornais escolares ocorreu, principalmente, na segunda metade do século passado, durante o Estado Novo, embora com um aspecto de ação e de liberdade característicos do regime ditatorial, em diversos graus de ensino. Brites (2011) observava que um número restrito de projetos tem fomentado o uso do Jornal Escolar como ferramenta de promoção da literacia para os média e para cidadania no país.

Brites (2011) lembra que o Projeto Público na escola foi criado em 1990, por altura do lançamento do próprio jornal, e, além de ser pioneiro, tem contribuído em boa parte para o fortalecimento e crescimento dos jornais escolares em Portugal, como instrumentos de pedagogia e de reflexão crítica, especialmente entre os jovens, para que tenham uma maior “consciência dos seus direitos e possibilidades de ação face à comunicação social, ajudando-os, nomeadamente, a descodificar a linguagem da imprensa e dos media em geral” (Brites, 2011, p. 540).

Segundo Manuel Pinto, em entrevista¹ ao jornal PÚBLICO em 2022, os jornais escolares do Estado Novo, no fundo, funcionavam como órgãos com caráter corporativo e institucional, ecoando o discurso oficial em detrimento de darem voz aos alunos. Manuel Pinto foi o responsável pela criação do projeto PÚBLICO na Escola, em 1989, quando o jornal ainda estava em processo de concepção – começaria a ser publicado em março de 1990 —, e seu coordenador durante quase uma década e meia.

Recorda como foi desde o início: “Deve ter notícias e distinguir factos das opiniões”, diz. Ou seja, o mesmo que vale para qualquer órgão informativo. E ainda: “O Jornal Escolar deve ter o protagonismo dos alunos, não deve ser uma espécie de montra encapotada dos professores”. Logo que o projeto patrocinado pelo PÚBLICO foi anunciado, recorda ainda Manuel Pinto, gerou-se uma enorme expectativa entre a comunidade educativa: “As escolas pelavam-se por participar”, diz o investigador. Numa fase inicial, o PÚBLICO na Escola cingiu-se a cinco estabelecimentos em Lisboa e a outros tantos no Porto. A expansão nacional veio logo a seguir.

Brites (2011) também aponta que outras iniciativas foram sendo criadas, como o Projeto de Educação para os Media (Castelo Branco, 2007-2011), suportado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Semanário Reconquista. E que outros projetos ligados a jornais, com características diversas dos dois citados e que promovem a literacia para o jornalismo, também foram implementados: N@escolas Projecto Educativo, do Diário de Notícias, e os MEDIALAB (Jornal de Notícias e Diário de Notícias).

No campo governamental, a realização de jornais escolares também é incentivada. A Direção-Geral da Educação² disponibiliza no seu site uma área dedicada aos Jornais Escolares (<https://www.dge.mec.pt/noticias/concurso-nacional-de-jornais-escolares-publico-na-escola>), que tem como objetivo não só apoiar, como fazer a divulgação de boas práticas de utilização de jornais em contexto educativo, dando conta do trabalho realizado pelos docentes, nas escolas, com os seus alunos. Através deste portal, a DGE pretende dotar os docentes, os alunos e as escolas de conhecimento e ferramentas que os habilitem a fazer a edição digital dos seus jornais, dando origem a novos formatos ou, até, a novos projetos. Concurso Nacional de Jornais Escolares teve sua primeira edição em 1991/1992.

Sobre esta iniciativa, Teresa Calçada, ex-comissária do Plano Nacional de Leitura 2027 e membro do júri do Concurso Nacional de Jornais Escolares há quase 30 anos, conta como é ver o andamento desse

¹ Ver <https://www.publico.pt/publico-na-escola/artigo/cem-anos-jornais-escolares-1999098>

² Ver <https://forum.pt/reportagem/jornais-escolares-um-espaco-para-crescer-e-dar-voz-aos-estudantes>

projeto que viu nascer. Sobre isso, deu uma entrevista³ ao PÚBLICO em 2022: “Eu sou fã dos jornais escolares há muitos anos, porque acho que alicerçam competências e conhecimento, alicerçam um gosto pela escola que não acontece em todas as atividades que lá se desenvolvem. Nos jornais escolares, a questão do favorecimento da linguagem, do vocabulário, da articulação escrita e falada são fatores de empoderamento destes miúdos, sejam eles de que estrato social forem. A palavra é a coisa mais fantástica que o Homem tem em termos de comunicação, de sentimento, de estética, da sua qualidade como ser humano para poder argumentar, defender-se, defender as suas ideias”.

1.1.3 Utilização no Brasil, no Espírito Santo e em Vitória

Embora com muitas iniciativas de sucesso na implantação de jornais escolares em Vitória e no Espírito Santo, existe ainda reduzida bibliografia sobre o tema e poucos trabalhos de investigação produzidos sobre este tipo de produção, principalmente abordando o uso dos gêneros jornalísticos. O que se encontra são ações bem-sucedidas, como na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Alice Holzmeister⁴, na cidade de Santa Leopoldina. De acordo com conteúdo disponibilizado no portal do Governo do Estadual (www.es.gov.br), em 2019 os alunos do ensino médio regular e integrado dessa escola criaram um Jornal Escolar durante as aulas, nas disciplinas de Língua Portuguesa e História. Temas como história do município, pontos turísticos e a festa da cidade foram abordados, além de atividades escolares como os jogos esportivos interclasses, apresentações de trabalhos e conclusões de projetos pedagógicos.

À época, em entrevista⁵ para o portal www.es.gov.br, o professor de História, Sávio Rangel, relatou que “o projeto estimulou os alunos a buscarem mais sobre a história, cultura e pontos turísticos da cidade. Eles passaram a refletir e problematizar o cotidiano escolar e do município. Observamos atitudes protagonistas e com autonomia por parte das turmas e equipes que produziam as notícias para o jornal. Neste projeto atingimos os objetivos esperados nas competências e habilidades estabelecidas nos novos parâmetros curriculares escolares estaduais e federais”.

Para a professora de Língua Portuguesa, Renata Hartwig Volkarte, também entrevistada⁶, “com o projeto pudemos observar que os alunos desenvolveram de forma significativa a escrita e a leitura, proporcionando aos demais alunos da escola algo criado por eles e para todos eles, de forma crítica,

³ <https://www.publico.pt/publico-na-escola/artigo/jornais-escolares-alicercam-gosto-escola-nao-acontece-atividades-2031886>

⁴ Ver <https://www.es.gov.br/Noticia/jornal-escolar-aborda-tema-do-cotidiano-de-alunos-e-moradores-de-santa-leopoldina>

⁵ Ver <https://www.es.gov.br/Noticia/jornal-escolar-aborda-tema-do-cotidiano-de-alunos-e-moradores-de-santa-leopoldina>

⁶ Ver <https://www.es.gov.br/Noticia/jornal-escolar-aborda-tema-do-cotidiano-de-alunos-e-moradores-de-santa-leopoldina>

dentro de uma perspectiva de construção de sua autonomia, dentro das habilidades de leitura e escrita”. A aluna Schaiany do Nascimento relatou⁷ que “ao entrevistar e pesquisar problemas do dia a dia escolar, descobri diferentes pontos de vista, como a opinião dos professores e seus desafios, assim como dos alunos. Os problemas da cidade ficaram mais evidentes, bem como a forma como poderíamos resolvê-los”.

Duas edições do Jornal foram produzidas no ano em questão (2019): uma foi publicada no mês de maio e outra no mês de outubro. Cada turma elegeu uma “equipe de jornalistas” que, diante das demandas e temas relacionados ao dia a dia da comunidade escolar e dos acontecimentos do município de Santa Leopoldina, produziram suas reportagens. Além do jornal impresso, para a divulgação das notícias via redes sociais foi criado um perfil no Instagram, o @jornalalice. “O jornal tornou-se um sucesso na cidade, sendo distribuído nas principais instituições públicas e privadas”, comentou o professor Sávio.

Em outra iniciativa, divulgada no portal da Secretaria de Estado da Educação⁸, em 2022, teve destaque a terceira edição do jornal “Beato News”, produzido pelos alunos da 1.ª série do Ensino Médio, da disciplina Projeto Integrador em Códigos e Linguagens. Entre as notícias em destaque estavam atividades como o Dia da Família na Escola, a arrecadação de alimentos para a doação às famílias carentes, além de esporte e culinária. A disciplina, bem como o jornal, está a cargo do professor Renato Retz e da professora Luciana Souza. “Com a confecção do jornal, nós estudantes criamos o hábito de desenvolver a leitura e a escrita. Podemos divulgar as ações realizadas dentro escola e ficamos informados sobre os eventos que vão acontecer no trimestre”, disse o aluno Rian dos Santos Andrade à época da entrevista⁹.

Assim como realizado pelo PÚBLICO, em Portugal, o programa A Gazeta na Sala de Aula¹⁰ (www.redegazeta.com.br), em Vitória (ES), também lançou uma proposta similar, visando construir o gosto pela leitura e a formação para a cidadania por meio de capacitação de educadores de escolas públicas para utilizarem as informações veiculadas nas mídias da Rede Gazeta em ambientes educativos. As atividades foram desenvolvidas até o fim de 2015 e duraram cerca de 20 anos. Salles (2012) pesquisou o programa, que abrangia 31 dos 78 municípios do Estado, quase 30 mil alunos e 631 educadores, em 348 escolas. Mas foi em 1998 que ele contou com o envolvimento do maior número de unidades, totalizando 609. Oito da rede particular de ensino e 601 colégios da rede pública.

⁷ Ver <https://www.es.gov.br/Noticia/jornal-escolar-aborda-tema-do-cotidiano-de-alunos-e-moradores-de-santa-leopoldina>

⁸ Ver <https://sedu.es.gov.br/Not%C3%ADcia/escola-da-serra-lanca-3a-edicao-do-jornal-beato-news>

⁹ Ver <https://sedu.es.gov.br/Not%C3%ADcia/escola-da-serra-lanca-3a-edicao-do-jornal-beato-news>

¹⁰ Ver <https://www.redegazeta.com.br/a-empresa/responsabilidade-social/a-gazeta-na-sala-de-aula/>

Desde a sua implantação, os objetivos de *A Gazeta na Sala de Aula* eram incentivar o gosto pela leitura e o senso crítico dos alunos; ensinar de forma diferente, trazendo para a sala de aula o que acontece no bairro, na cidade e no mundo; e despertar desde cedo o interesse pela informação, usando a notícia como fonte de pesquisa e estudo. Para atingir esses objetivos, trabalhavam-se sugestões aos professores sobre como utilizar a informação jornalística como suporte para o aprendizado em ambientes educativos. Em materiais de divulgação, o programa apresenta-se como “uma oportunidade de aprender de forma criativa, desenvolvendo o senso crítico com informação, consciência e opinião”.

Atualmente, o jornal *A Tribuna*, única publicação ainda impressa e com venda em banca em Vitória (ES), desenvolve o projeto *A Tribuna nas Escolas*¹¹ a partir de um novo formato, contando experiências e iniciativas de sucesso ocorridas no espaço escolar por meio de matérias e conteúdos voltados para este segmento publicadas na internet, no portal Tribuna Online (www.tribunaonline.com.br). Assim, com *A Gazeta*, o veículo também chegou a levar o seu jornal para a sala de aula como forma de incrementar o aprendizado, mas foi encerrado em dezembro de 2020.

1.2 Uso dos gêneros jornalísticos como instrumento de promoção de literacia mediática

A leitura de textos jornalísticos em sala de aula demonstra ser uma forma para ensinar os diferentes gêneros textuais e para ampliar o universo dos alunos. Além de funcionar como um estímulo à leitura, essa prática estabelece um vínculo com os fatos do cotidiano e permite a distinção entre o que é fato e opinião, uma das dimensões da literacia mediática. E o jornal é um veículo de informação que permite que isso ocorra em um mesmo lugar e de forma dinâmica. Ele não só conecta o leitor, neste caso o aluno, com o que acontece, como também dá a ele a possibilidade de se posicionar ativamente e abrir questionamentos diante de situações do seu dia a dia.

Nesse sentido, a leitura e produção de textos jornalísticos como notícias, reportagens, entrevistas, artigos de opinião, crônicas etc. é fundamental para ambientar o estudante à realidade em que vive, com o conhecimento de uma linguagem simples e que traz a novidade de maneira mais direta e acessível ao seu aprendizado, transformando-o em um cidadão crítico. Assim, o jornalismo é para Traquina (2005, p. 22) “uma atividade criativa, plenamente demonstrada, de forma periódica, pela invenção de novas palavras e pela construção do mundo de notícias [...]”.

¹¹ Ver <https://tribunaonline.com.br/atribunanasescolas>

Segundo Sanches e López Pan (1998 como citado em Reis, 2010, p. 53), “em jornalismo, a definição de gênero se articula a partir da relação entre o texto e sua função ou finalidade, posto que os diferentes gêneros são uma resposta estrutural e estilística às diferentes necessidades expressivas dos homens”. Por sua vez Martínez-Costa (1989 como citado em Reis, 2010, p. 53), reforça que os gêneros jornalísticos cumprem uma determinada função e servem como horizonte de expectativa para que o receptor entenda qual é a atitude com que o jornalista afronta a realidade e qual é a finalidade do texto”. Neste sentido, Martínez-Costa e Herrera (2005, como citado em Reis, 2010, p. 53), corroboram que “são de grande utilidade para o jornalista e para o leitor, telespectador ou ouvinte, proporcionando um “pacto de leitura” entre o autor e o receptor da mensagem”. Ainda sobre o papel dos gêneros jornalísticos, Marques de Melo (2003, p. 64) ressalta que ele é:

um conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público. Um relato que, pela dinâmica própria do jornalismo, se vincula às especificidades regionais, mas incorpora contribuições dos intercâmbios transnacionais e interculturais. É a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura).

A forma como estes gêneros jornalísticos são organizados e como ocorre a sua construção é explicada por Melo & Assis: “Essa construção se dá em comum acordo com as normatizações que estabelecem parâmetros estruturais para cada forma, os quais incluem aspectos textuais e, também, procedimentos e particularidades relacionados ao *modus operandi* de cada unidade” (Melo & Assis, 2016, p. 50). Melo & Assis (2016) citam ainda a “Classificação Marques de Melo” para a distribuição dos formatos, um dos mais difundidos no Brasil: em Gênero informativo: Nota, Notícia, Reportagem, Entrevista. E Gênero Opinativo: Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Caricatura, Carta, Crônica.

A Fotografia é vista como um gênero ilustrativo ou visual, como propôs Medina (2001), ao ampliar a classificação de gêneros na comunicação jornalística, além dos apontados por Melo & Assis (2016). Ainda segundo Medina:

A fotografia, que o Jornal Folha de São Paulo já classifica como um gênero jornalístico, é um casamento perfeito da palavra e da imagem, onde a imagem, às vezes, fala mais do que a própria reportagem. É a fotografia um recorte da realidade oferecendo aos leitores a oportunidade de desenvolver sua capacidade de interpretar uma imagem visual que representa esse pedaço da realidade (Medina, 2001, p. 52).

Destas variadas tipologias de gêneros, optou-se por dar ênfase às que integram a organização de um jornal convencional, ou seja: Notícia, Entrevista, Reportagem, Artigo de Opinião, Crônica, Editorial, Charges/Ilustração e Fotografia. Cada um desses itens possui características próprias:

Notícia: é um gênero não literário que está presente em nosso dia a dia sobre um tema atual ou algum acontecimento real, a partir de um texto curto ou mais longo, mas com linguagem formal, clara e objetiva, escrita na terceira pessoa. De acordo com Baltar (2006, p. 133), “a notícia é o gênero básico do jornalismo, no qual se relata um acontecimento do cotidiano que seja relevante. Como se trata de um gênero informativo, o que mais vale é o fato”.

Entrevista: é uma conversa ou diálogo sob a forma de perguntas e respostas ou mesmo texto contínuo, em que o entrevistador colhe informações, interpretações e opiniões do entrevistado, podendo ser biográficas ou de declarações. Segundo Baltar (2006, p. 135), esse gênero jornalístico é caracterizado por sua estrutura dialógica, com perguntas e respostas, precedidas por um texto explicativo no início. Para o autor, “[...] o discurso predominante é o interativo com sequências dialógicas e expositivas”.

Reportagem: é o relato que engloba as diversas variáveis do acontecimento, oferecendo o maior número possível de informações a respeito de um fato. Dividem-se em básicas, documentais, investigativas e atemporais. Para Baltar (2006, p. 132), esse gênero é o de maior complexidade e o mais elaborado do jornalismo: “envolve coleta minuciosa de dados, entrevistas, consultas a outras mídias como rádio, tv e internet”.

Artigo de opinião: é um tipo de texto dissertativo-argumentativo, no qual o autor apresenta seu ponto de vista sobre determinado tema, tentando persuadir o leitor sobre um assunto que geralmente está relacionado a um tema da atualidade. Segundo Parratt (2008, p. 140), o gênero oferece ao leitor algo além da informação, fazendo-o refletir e levando-o a convencer-se de algo. Por isso, o autor de um texto opinativo “tem o dever de basear suas opiniões em dados corretos e isentos de manipulação”

Crônica: é um gênero textual curto escrito em prosa e que tratam de acontecimentos corriqueiros do cotidiano e geralmente são produzidos para os meios de comunicação, dentre eles jornais e revistas, para fazer reflexões sobre temas da atualidade. Nesse tipo opinativo, segundo Baltar (2006, p. 131), “[...] predomina o discurso do expor, mesclado com o discurso de argumentar com sequências expositivas, argumentativas e descritivas”.

Editorial: é um gênero textual jornalístico que se posiciona criticamente a respeito dos assuntos mais relevantes para o momento, expressando o posicionamento crítico de determinado grupo (empresa, jornal ou direção) sobre os principais assuntos do momento da publicação. De acordo com Baltar (2006,

p. 129), o editorial é “um gênero de expressão de opinião, em que predomina o discurso teórico da ordem do expor, com sequências explicativas e argumentativas ou esquematização”.

Charge/Caricatura/Ilustração: tem a finalidade de ilustrar, por meio da sátira, os acontecimentos atuais que despertam o interesse público. É muito usado em jornais e revistas por causa do cunho político e social. É o gênero no qual o autor expressa sua visão dos fatos por meio de caricaturas. Conforme Baltar (2006, p. 132), esse gênero textual está sempre assinado e associado à linha editorial do jornal. Quanto ao discurso, esse gênero se molda na “[...] ordem do expor, teórico e interativo, com sequências descritivas, expositivas e argumentativas”.

Fotografia: é um gênero pela capacidade de transmitir ideias tal qual um texto de estrutura verbal, mas é necessário atentar para detalhes da imagem para se obter o máximo desta significação. Sontag, como citado por Santaella, 1999, p 122, a fotografia fornece provas (...). Uma fotografia passa a ser uma prova incontroversa de que uma determinada coisa aconteceu (...).”

Como relatado, esses vários tipos de gêneros permitem o contato com diferentes posicionamentos, o que agrega no desenvolvimento social dos estudantes. E ao serem trabalhados em salas de aula, possibilitam que o aluno aprenda a ler e avalie diversos pontos de vista; identifique as diferentes finalidades dos textos que circulam; perceba a relação entre os títulos dos textos e a coerência com as editoriais em que são publicados; saiba discernir diferentes vozes. Proporciona ainda o estudo de temas diversos e colabora para que o aluno pense mais criticamente sobre os fatos.

Dessa forma, Melo & Assis (2016) observam que “os gêneros devem ser considerados como artifícios instrumentais que auxiliam a indústria midiática a produzir conteúdo, consistentes e eficazes, em sintonia com as expectativas da audiência”. Consistem ainda para Martín-Barbero (2008 como citado em Melo & Assis, 2016, p. 45) “numa estratégia de comunicabilidade”. E como estratégia de comunicação, a utilização dessas características na disciplina de Língua Portuguesa também traz contribuições para aluno e para o docente, segundo Faria (2008), que aponta:

Para os alunos o jornal: é o mediador entre a escola e o mundo; ajuda a relacionar seus conhecimentos prévios e sua experiência pessoal de vida com as notícias; leva-os a formar novos conceitos e a adquirir novos conhecimentos a partir de sua leitura; ensina-os a aprender a pensar de modo crítico sobre o que lê; estabelece novos objetivos de leitura. Para os professores, enfim, o jornal é um excelente material pedagógico (para todas as áreas) sempre atualizado, desafiando-os a encontrar o melhor caminho didático para usar esse material na sala de aula (Faria, 2008, p. 12).

Então, ao fazer uso dos gêneros para apurar ou pesquisar o assunto da notícia, entrevistar pessoas, tomar notas de informações importantes, planejar o texto da notícia, organizando uma hierarquia de informações, escrever a matéria e revisar e publicar o texto no Jornal Escolar, o aluno desenvolve atitudes e habilidades que possibilitam a ele adquirir uma visão mais reflexiva e crítica sobre a forma como os media comunicam os acontecimentos e ter vontade de participar e agir para provocar melhorias na comunidade ou cidade em que vive e com a qual se relaciona.

Assim, ao se depararem com uma reportagem sobre a seca na região nordeste brasileira, por exemplo, os estudantes podem ativar e aprimorar o conhecimento sobre um tema importante na sociedade que, talvez, conheçam superficialmente. Uma outra notícia sobre a violência ou criminalidade em determinado local pode despertar o aluno não só para a questão, mas também para uma leitura crítica da produção dos media, para a forma como noticiam as questões climáticas e a criminalidade, por exemplo. Neste caso, eles são úteis, de acordo com Betancourt (2004), porque se tornam normas para a preparação de textos diferenciados e facilitam o entendimento nas redações para organizar trabalho de forma consistente.

1.3 A relevância da Literacia Mediática

Literacia mediática é a capacidade de aceder, criar, avaliar e compreender as mensagens dos vários meios de comunicação, segundo Lopes (2015). Nestes casos, de acordo com esta autora, aceder caracteriza-se pela relação entre a pessoa e a plataforma onde se procura a informação (livros, televisão, jornais impressos e on-line, rádio e internet). Avaliar e compreender referem a capacidade de pensar, criticar e opinar enquanto consumidor da informação desejada. Criar é a capacidade individual de cada pessoa em produzir algo.

O termo foi enunciado por Ferrés (2007) e em Ferrés & Piscitelli (2012 como citado em Pereira, Pinto & Moura, 2015, p. 24), “como um conjunto de conhecimentos, capacidades e atitudes apropriados a um dado contexto” e que, a partir dele, “não se pensa numa competência que garanta a eficácia profissional, mas que potencia a excelência pessoal. A competência mediática deve contribuir para o desenvolvimento da autonomia pessoal dos cidadãos e cidadãs, assim como do seu compromisso social e cultural”

Lopes (2011) complementa, ainda, enfatizando que a literacia mediática serve para capacitar os cidadãos para serem pensadores e criadores críticos e ativos: “potência o nível de consciência relativamente às mensagens mediáticas com que as pessoas contactam no seu quotidiano” e “contribui para o pluralismo dos meios de comunicação e para a qualidade dos conteúdos” (2011, pp. 14-15).

E no que concerne ao conceito de competência em causa, Pereira, Pinto & Moura (2015) argumentam que “não pode ser reduzida a uma simples descrição de uma ação ou comportamentos esperados” (p. 22). De acordo com os autores, “a competência não se limita à aplicação do conhecimento” e, sendo assim, alertam para a necessidade de não limitar a aprendizagem à ação competente, “que só por si pode potencialmente reduzir o ensino escolar ao mero aspeto instrumental de lidar com situações” (p. 22).

Pereira, Pinto & Moura (2015) consideram ainda que a competência deve “contemplar as capacidades de análise, de leitura crítica, de questionamento ou de transposição que a abordagem por competências pode oferecer” (p. 23). Nesse sentido, Perrenoud (1995 como citado em Pereira, Pinto & Moura, 2015, p. 23), enfatiza que:

A competência é mais complexa, visto que: Mobiliza “múltiplos recursos cognitivos de ordens diferentes: esquemas de percepção, de pensamento, de acção, intuições, suposições, opiniões, valores, representações do real, saberes, e todos se juntam numa estratégia de resolução de problemas à custa de um raciocínio, de inferências, de antecipações, de uma estimativa das respetivas probabilidades de diversos eventos, de um diagnóstico a partir de um conjunto de indícios, etc.

Por sua vez Moeller et al. (2011, p. 10) salientavam que “a literacia é reconhecida como um conceito plural e dinâmico; cada vez mais, os indivíduos literados são aqueles que têm as competências – conhecimento, capacidades e atitudes – que lhes permitem compreender e relacionar-se com aquilo que os rodeia de maneiras cada vez mais subtis do que a simples compreensão de palavras e números encadeados”.

E formar alunos para terem competências e habilidades para se posicionarem frente a questões cotidianas, com condições para que possam selecionar as informações para uso e para a transformação e intervenção na comunidade, na sociedade, na família, no seu dia a dia, são objetivos deste projeto de intervenção com a implantação de um Jornal Escolar.

Com a ajuda desta ferramenta, os alunos têm a oportunidade de exercitar a liberdade e a autoria dentro do ambiente escolar, superando as questões rotineiras das atividades propostas na disciplina de Língua Portuguesa, alcançando um desenvolvimento mais eficaz de seus letramentos e conseguindo crescer com maior autenticidade, criticidade e atitudes inerentes à vida cidadã.

Nesse contexto, a literacia midiática contribui para orientar os alunos sobre como consumir criticamente as informações e mensagens que recebem e incentivá-los a usar tecnologias diversas para expressar seus pontos de vista como produtores de mídia. Desta forma, o hábito de ler jornal, e de também buscar regularmente por informações e notícias a partir de outras plataformas, complementa e amplia o aprendizado e tende a provocar uma atitude engajada e interessada pelo que acontece fora da escola.

Porém, informar-se para aprender não depende apenas de acesso aos meios disponíveis, mas também da capacidade de interpretar, selecionar e utilizar o conteúdo. De acordo com Moran (2018, p. 1):

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos em que trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las.

Essa importância da educação para as mídias é defendida por Bauer (2011), que argumenta como deve ser a ideia a ser adquirida pelas pessoas:

[...] competências não para usar dispositivos midiáticos, mas para compreender o fluxo de sentidos dentro de um ambiente midiático. O processo não é de educação específica para os meios, mas de educação dialógica dos sentidos, das percepções e das práticas para uma sociedade que inclui os meios compreendidos, entre outras dimensões, como aparatos técnicos, como produtores/reprodutores de discursos e como mediadores da experiência relacional humana (Bauer, 2011, p. 14).

Já Andrelo & Bighetti (2015) apontam para a necessidade de uma formação que permita ao cidadão compreender as informações e utilizá-las para refletir criticamente e atuar em seu dia a dia. Para elas é necessário:

[...] oferecer aos cidadãos, em especial aos jovens, a formação necessária para saber analisar e utilizar as informações disponibilizadas pela mídia. Nesse sentido, é preciso que o cidadão, desde a infância e por meio da educação, seja capacitado a extrair da informação subsídios para pensar seu cotidiano de maneira crítica e agir de forma engajada e inclusiva (Andrelo & Bighetti, 2015, p. 29)

A UNESCO também faz referência à literacia midiática e, sobre esse tema, compreende que “literacia envolve uma atitude contínua de aprendizagem ao permitir que os indivíduos alcancem os seus objetivos, desenvolvam conhecimento e potencial para participar ativamente na comunidade e na sociedade como um todo” (UNESCO, 2005, p. 9). Por sua vez, para Oliveira (2022) o conceito de literacia expandiu-se, passando a remeter para a partilha de significado através de diferentes símbolos, sejam eles a linguagem ou a imagem (estática ou em movimento).

A literacia midiática em ambiente escolar pode, então, propiciar o aprendizado e o reconhecimento de necessidades de uso de mídias. E o Jornal Escolar tem como promover essa interação. Lutz (2013), nesse sentido, diz que os impressos tendem a ser mais acessíveis à comunidade, uma vez que estão à disposição para a leitura o tempo todo e não necessitam de outros meios para a circulação – um blogue requer, por exemplo, que o usuário tenha um computador conectado à internet para acessar as informações. Contudo, ele deve estar associado as outras mídias, como tv, rádio, revistas, que não necessitam de acesso à internet uma vez que nem toda escola possui conexão com a rede mundial de computadores. Lutz (2013, p. 5) acrescenta ainda que:

O jornal deve ser produzido levando-se em consideração a definição de itens como conteúdo, periodicidade, nome/logotipo, impressão, recursos, distribuição. A publicação também deve evitar se tornar um mero repetidor dos conteúdos dos livros didáticos, pois o público-alvo pode perder o interesse. É importante ainda não fechá-la a um número restrito de pessoas, fazendo com que as informações não circulem da maneira devida, além de evitar com que o jornal se resuma unicamente a textos pessoais dos alunos, bem como piadas, poesias, etc.

Brites (2011) pontua que o Jornal Escolar é uma ferramenta muito valiosa para a transmissão e enraizamento de conhecimentos junto da população escolar, se a encarmos como um espaço de produção mediática e ao mesmo tempo de contacto dos alunos com os assuntos escolares, do meio envolvente à comunidade escolar e também à sociedade civil. A autora ainda referencia a ideia de um modelo de literacia que entende a literacia cívica como conhecimento e a capacidade que os cidadãos vão adquirindo para darem sentido aos seus espaços políticos. E que a educação e literacia são um processo de aprendizagem ao longo da vida, num mundo onde os dispositivos midiáticos e digitais são incontornáveis, tornando-se parte do real.

Marra, Paulino, Faria et al (SBPJOR, 2020) defendem que é na escola que se fundamenta uma retomada crítica das atuais e possíveis práticas sociais e jornalísticas. E que, segundo os autores, “é nela em que se pode repensar aquilo que se almeja entre passado e futuro dos jovens cidadãos e suas práticas de exigência de prestação de contas das instituições públicas”. Como exemplo, eles observaram o contexto em que a competência de cidadãos de 35 países europeus em literacia mediática foi mensurada pelo Media Literacy Index 2018¹². Segundo esse relatório, em primeiro lugar está a Finlândia. O documento¹³ aponta que naquele país a escola parece ser o local que oferece mais vantagens na busca de uma efetiva literacia mediática, relacionado à capacidade de consumir os produtos mediáticos, tais como produzidos pelo jornalismo.

Então, a partir destes debates, o que podemos observar para perceber as competências de literacia mediática? Por meio de estudos e análise de diversos autores, Pereira, Pinto & Moura (2015, pp. 23-24) identificaram seis dimensões básicas relacionadas com os conhecimentos, atitudes e destrezas que compõem a competência mediática:

- A linguagem (interpretação de códigos, relacionamento de textos, expressão diversificada);
- A tecnologia (compreensão do papel das tecnologias, capacidade de as usar);
- Os processos de interação (seleção, revisão e autoavaliação da própria dieta mediática, conhecimentos sobre o conceito de audiência, reconhecimento e aproveitamento das emoções, interação com indivíduos e grupos, conhecimento das possibilidades de intervenção legais);
- Os processos de produção e difusão (conhecimentos sobre etapas de produção, capacidade para selecionar e partilhar informação);
- A ideologia e os valores (reconhecimento de construções, avaliação da fiabilidade das fontes, participar com alternativas); e
- A estética (extração de prazer dos aspetos formais da comunicação, apropriação de produções artísticas).

Pereira, Pinto & Moura (2015, p. 25) também enumeram quatro aspectos para a formação do conceito de competência:

- Habilidade: conhecer quais são as operações da mídia e como lidar com elas.

¹² Disponível em <https://milunesco.unaoc.org/mil-resources/new-media-literacy-index-2018/>

¹³ Disponível <https://osis.bg/wp-content/uploads/2023/06/MLI-report-in-English-22.06.pdf>

- Capacidade: dispor dos meios cognitivos, ativos e afetivos de trabalhar com a mídia.
- Responsabilidade: ser consciente do que a mensagem significa para si e para os outros: consequências.
- Comprometimento moral: estar atento aos valores implicados na tomada individual de decisões concernentes, no caso, ao uso, conhecimento e participação na mídia.

Ainda de acordo com Pereira, Pinto & Moura (2015), para se chegar nestes aspectos sé necessário também levar em consideração a observação da leitura, da escrita, da navegação e da organização, elementos estes que foram construídos e nomeados como “matriz de domínio” pelo pesquisador Fastrez (2010 como citado por Pereira, Pinto & Moura, 2015, p. 25).

Assim, Pereira, Pinto & Moura (2015, pp. 25-26) apontam que a leitura consiste na descodificação dos media. A escrita mediática consiste em criar e difundir as produções mediáticas individuais ou coletivas. A navegação é entendida como a procura de um ou mais media, de forma intencional ou aleatória, feita por meio da consulta de um índice ou da pesquisa da palavra-chave. Quanto à organização, apontam a classificação, distribuição e partilha dos media em diferentes categorias, bem como a criação de produções próprias, como os elementos desta atividade mediática.

Estas tipologias, elencadas por Pereira, Pinto & Moura (2015) sobre as competências, são as que serão adotadas para este trabalho, visando sua identificação e posterior análise junto ao grupo de alunos participantes do projeto.

1.3.1 Literacia mediática no Brasil

A partir dos dados apresentados pelo relatório do *Media Literacy Index 2018*, Marra, Paulino, Faria et al (SBPJOR, 2020) também pesquisaram o contexto de escolas públicas do Brasil, mais precisamente em oito escolas nas regiões administrativas no norte do Distrito Federal, visando alcançar um efeito multiplicador no qual alunos e professores de educação fundamental possam aprender e incorporar tais princípios em suas atividades cotidianas à luz dos estudos acerca da *media literacy*. Foram aplicados 32 questionários com temáticas relacionadas à mídia e ao jornalismo, além de informações oriundas de encontros presenciais de entrevistas, debates e oficinas que compuseram outros parâmetros de observação da pesquisa. Como resultados, encontraram que as práticas jornalísticas nas escolas de ensino fundamental contribuem não só para a formação das crianças e jovens como cidadãos, mas também para a capacidade de interpretação dos fatos e dos acontecimentos, para as suas decisões e até para sua competência para a responsabilidade cívica.

Concluíram também que trabalhar essas questões em contexto escolar pode recriar as possibilidades de compreensão do jornalismo e dos meios como mediadores do desenvolvimento social, de modo que os sujeitos inseridos em contexto escolar possam ter nas práticas jornalísticas um apoio na educação de futuros cidadãos. E, ainda, que mais importante que avaliar o quão vantajoso seria o desenvolvimento e a ampliação das ações de literacia mediática a longo prazo em escolas de ensino fundamental é visar uma construção de uma cultura que privilegie a formação de professores, jovens e crianças.

Portas (2021) analisou a temática no Brasil e considerou que a convergência entre educação e meios de comunicação começa timidamente com a fundação da Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro, em 1930. E que esse diálogo ganha novas perspectivas com a popularização da televisão em 1960, juntamente ao olhar de Paulo Freire sobre o caráter dialógico comunicacional da educação. Segundo Portas (2021), somente em 2017 a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹⁴ incluiu competências ligadas à cultura digital no seu currículo, criando um campo Jornalístico/Midiático dentro da área de conhecimento de Língua Portuguesa.

O campo jornalístico-midiático se concentra nos Anos Finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano) e no Ensino Médio (1ª a 3ª série), abrangendo alunos de 12 a 17 anos. Divide espaço em Língua Portuguesa com outros cinco campos: artístico-literário, vida cotidiana, vida pública, prática de estudos e pesquisa, atuação na vida. O documento que direciona as escolas na construção do currículo reúne ainda a prática de linguagem (análise linguística/semiótica; leitura; oralidade e produção de textos) que se relaciona com o objeto de conhecimento e as habilidades trabalhadas. (Spinelli e Santos, 2019, p. 52)

Sem adotar qualquer termo específico, os textos da BNCC para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, lançados respectivamente em 2017 e 2018, incluem orientações para que a educação midiática seja adotada dentro das escolas. O documento é explícito ao propor trabalhos no campo jornalístico-midiático na disciplina de Língua Portuguesa, nos anos finais do Ensino Fundamental, e ao dar ênfase ao uso das redes sociais no Ensino Médio.

Entre as habilidades que a BNCC estabelece que os estudantes do Ensino Fundamental devem desenvolver nessa área está “compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas

¹⁴ Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa>

e desenvolver projetos autorais e coletivos”. Ainda no Ensino Fundamental, o foco da educação midiática está na análise, produção e crítica de produtos jornalísticos e publicitários, enquanto no Ensino Médio, ainda que esses conteúdos permaneçam e ganhem complexidade de análise, a ênfase está nas redes sociais.

1.3.2 A avaliação ou medição das competências de literacia mediática

Retomando Moeller et al. (2011), os indivíduos literados são aqueles que têm as competências – conhecimento, capacidades e atitudes – que lhes permitem compreender e relacionar-se com aquilo que os rodeia de maneiras cada vez mais subtis do que a simples compreensão de palavras e números encadeados.

Contudo, Fernandes (2022) considera que a avaliação da literacia mediática é também considerada como um grande e complexo desafio ainda em debate, devido ao pouco consenso existente na forma de a realizar e ainda com um longo caminho a percorrer. Nesse sentido, Potter & Thai (2016 como citado em Fernandes, 2022, p. 26), consideram a existência de variadas posições sobre quais as competências, habilidades e conhecimentos, que configuram a literacia mediática, constituem uma das dificuldades para a avaliação.

Mas como verificar ou medir a literacia mediática? Schilder et al. (2016 como citado em Fernandes, 2022, p. 29), identificam três formas mais comuns de avaliar a literacia mediática. A primeira relacionada com a análise dos resultados da educação para os media. A segunda relaciona-se com a avaliação de componentes específicos da literacia mediática, onde é avaliada a relação entre a interpretação de mensagens e o seu consumo. Por último, é referida uma avaliação mais holística, feita através de instrumentos de natureza quantitativa.

Pereira, Pinto & Moura (2015), por sua vez, apontam que:

As competências são produto da articulação total dos conhecimentos, das habilidades, das destrezas e das atitudes/valores de um indivíduo, ou se a combinação de alguns destes pode gerar a erupção de uma competência, ou se, por acaso, é possível que cada um de estes por si só provoque um desenvolvimento das competências em algum campo da prática social e/ou profissional, ou, também, se existe uma relação gradual entre estes âmbitos e, como consequência, se as competências geradas em algum produz a constituição de qualquer outro. Pereira, Pinto & Moura (2015, p. 18)

Conforme embasamento realizado no ponto 1.3 deste relatório, Pereira, Pinto & Moura (2015) elencam seis dimensões básicas relacionadas com os conhecimentos, atitudes e destrezas que compõem a competência mediática. Estes autores também enumeram quatro aspectos para a formação do conceito de competência, e consideram que a observação da leitura, da escrita, da navegação e da organização são elementos necessários para se chegar às competências mediáticas. Estas tipologias são as que vão orientar este projeto de intervenção, pois dentre os diversos quadros conceituais estudados e também diferentes metodologias, melhor possibilitará medir as competências dos estudantes.

Assim, com base nos aspectos apontados por Pereira, Pinto & Moura (2015), pretende-se perceber o nível de literacia mediática dos estudantes e também como ela possibilita as suas práticas de cidadania e, ainda, a integração entre aluno/escola e comunidade. Por meio das atividades propostas nas Oficinas da Escola Vercenílio da Silva Pascoal, será verificado pela observação dos estudantes o cumprimento de seis dimensões, que estão articuladas tanto no nível da leitura crítica quanto da produção criativa.

São elas: tecnologia (compreensão do funcionamento das ferramentas de comunicação para entender como as mensagens são criadas e utilizá-las para se comunicar), linguagem (conhecimento dos códigos, das diferentes estruturas narrativas, das categorias e dos gêneros que compõem os diversos produtos mediáticos), ideologia e valores (compreensão das intenções e dos interesses contidos nas mensagens mediáticas), processos de interação (habilidade de participar e interagir com os conteúdos mediáticos), processos de produção e difusão (conhecimento das rotinas e dos processos da produção e difusão midiática) e estética (reconhecimento da qualidade estética e avaliação da inovação e originalidade de produtos mediáticos).

Acreditamos que estes instrumentos ilustram as condições necessárias para mensurar os níveis de competência mediática e os fatores que podem facilitá-la ou impedi-la nos estudantes. Com o desenvolvimento das Oficinas, espera-se sensibilizar os estudantes em relação a estas seis dimensões elencadas. Nesse sentido, Pereira, Pinto & Moura (2015) defendem que a literacia mediática exige “instrumentos de avaliação diversos, que recorram a estímulos diferentes (imagem, texto...) e apelem a competências igualmente diversificadas (leitura, reflexão, análise crítica)” (p. 28).

Pereira, Pinto & Moura (2015, p. 31) ainda reforçam que além de “um simples questionário, outras fontes e métodos devem ser igualmente considerados” e “dado que a Literacia para os Media é parte da vida quotidiana e está associada com uma variedade de influências, contextos e ações, os inquéritos por si só não proporcionam uma avaliação compreensiva, mas podem fornecer uma indicação simplificada de tendências gerais dos níveis de Literacia Mediática”.

É importante ressaltar que esta pesquisa também poderá mapear as competências mediáticas dos públicos estudados a fim de propor, a partir dos resultados encontrados, ações de formação e promoção do fomento do desenvolvimento da competência mediática.

No capítulo seguinte, iniciamos o diagnóstico da intervenção. Apesar de serem apresentados em capítulos diferentes, este enquadramento teórico e o diagnóstico foram feitos ao mesmo tempo, tal como está previsto pelo método de investigação-ação, sendo que a estratégia metodológica para fazer o diagnóstico faz parte da literatura.

Capítulo 2

A Escola Vercenílio da Silva Pascoal – Diagnóstico

Este projeto de ação segue o método de investigação-ação, que tem como premissa uma relação entre teoria e prática e uma articulação entre o método dedutivo e indutivo, visando a recolha de dados que possibilitem ter um conhecimento sobre a Escola Municipal de Ensino Fundamental Vercenilio da Silva Pascoal, em Vitória (ES), Brasil, e sobre a situação acadêmica dos alunos do 6º ao 9º ano. A partir deste diagnóstico do estado atual dos estudantes, no que diz respeito às suas competências ao nível da literacia mediática, e da identificação de algum problema que mereça intervenção, passaremos ao planejamento de uma estratégia pretendendo a mudança da circunstância encontrada. Assim, estão entre os objetivos deste projeto a produção de textos e o estímulo à leitura, para mostrar e ampliar a visão desses estudantes sobre os acontecimentos ao seu redor e, ainda, ensiná-los a expressar suas experiências, as histórias dos personagens de seus bairros e as narrativas que estão ajudando a construir. Para isso, esta investigação utiliza a combinação de técnicas mistas: quantitativas e qualitativas, que seguiram as três fases da investigação: diagnóstico, implementação e avaliação.

Ainda que este capítulo diga respeito essencialmente à fase de Diagnóstico, para se conseguir uma organização mais eficiente da informação apresenta-se já aqui um modelo de análise para determinar o tipo de informação que devia ser coletada, mas contemplando já todo o projeto (incluindo também as fases de Implementação e Análise). Até porque, apesar de se tratar de fases distintas, estão subordinadas ao mesmo Modelo. Em seguida, e segundo a mesma lógica de abranger todas as fases do projeto, são explicitadas as orientações metodológicas e as estratégias relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem utilizadas para mapear e orientar o trabalho, a fim de que sejam alcançados os objetivos propostos e previamente enunciados. Também é apresentado o método da investigação-ação e o porquê de este método ser o mais adequado para o desenvolvimento deste projeto.

Segue-se a recolha e análise dos dados, a partir das técnicas de observação, análise documental e entrevista. O diagnóstico daqui resultante mostra um recorte sobre a escola, a sua importância para a comunidade onde está inserida a partir de sua criação e os níveis de aprendizagem que oferece atualmente. O contexto socioeconômico e cultural da realidade escolar é relatado, destacando em tabelas a distribuição dos estudantes por sexo, etnia/cor, renda familiar, o número de pessoas que dependem dessa renda familiar, a escolaridade dos responsáveis e como têm acesso à internet, além de informações sobre o corpo docente, técnico e administrativo e o papel da biblioteca para os alunos e a comunidade.

Ainda é apresentado um contexto educativo da escola, no que se refere ao ensino no Brasil e em Vitória (ES), e de que forma é normatizado o aprendizado e como ocorre a educação dos alunos e o ensinamento dos conteúdos previstos de acordo com as diretrizes vigentes, no que diz respeito à prática da Língua Portuguesa. Por último, apresentamos o resultado apurado de todo o levantamento realizado para este Diagnóstico. Desta forma, cada ponto apresentado complementa o outro e, juntos, formam um panorama dos elementos apurados visando alcançar e demonstrar que o Jornal Escolar pode ser uma ferramenta de interação entre alunos/escola e comunidade e fator de consolidação de competências da literacia mediática.

2.1 Um Modelo de Análise para o Diagnóstico, Implementação e Avaliação

A construção de um modelo de análise possibilita estruturar os conceitos propostos neste projeto, de forma que eles se tornem operacionais e capazes de fundamentar o trabalho de recolha de dados e também a análise advinda das informações levantadas no processo de observação. Assim, segundo Quivy e Campenhoudt (1995, p. 109), “é necessário traduzi-las numa linguagem e em formas que as habilitem a conduzir o trabalho sistemático”.

Estes autores ainda observam que “o trabalho exploratório tem como função alargar a perspectiva de análise, travar conhecimento como pensamento de autores cujas investigações e reflexões podem inspirar as do investigador, revelar facetas do problema nas quais não teria certamente pensado e, por fim, optar por uma problemática apropriada” e complementam ao afirmarem ser “este o objeto desta fase de construção do modelo de análise” (1995, p. 109).

A construção deste modelo baseou-se não só nas perspectivas teóricas discutidas no capítulo anterior, mas também na observação livre (Coutinho, 2015). Seguindo este pressuposto, este estudo tem como objetivo identificar os níveis de literacia mediática dos estudantes, a partir de uma escala que permita posicionar os alunos e as suas competências mediáticas. Para a sua construção, foi necessária a operacionalização de conceitos que, ainda seguindo as linhas norteadoras sobre o tema traçadas por Quivy & Campenhoudt, dizem que:

não é mais do que uma simples definição ou convenção terminológica. É uma construção abstrata que visa dar conta do real. Para isso não retém todos os aspectos da realidade em questão, mas somente o que exprime o essencial dessa realidade, do ponto de vista do investigador. (1995, pp. 121-122)

Em seguida, iniciou-se a definição das dimensões que os constituem e, depois, a enumeração dos indicadores com que tais dimensões poderão ser medidas. “Os indicadores são manifestação, objetivamente observáveis e mensuráveis, das dimensões do conceito (Quivy e Campenhoudt, 1995, p. 122).

Dessa forma, para a construção deste Modelo de Análise para as competências de literacia mediática adotou-se a perspectiva de Pereira, Pinto & Moura (2015), por se entender ser, dentre os diversos quadros conceituais estudados e também diferentes metodologias, a que melhor possibilita medir as competências dos estudantes para teste projeto. Assim, para a formação dos conceitos de competência serão operacionalizadas as seguintes Dimensões:

- Habilidade: conhecer quais são as operações da mídia e como lidar com elas.
- Capacidade: dispor dos meios cognitivos, ativos e afetivos de trabalhar com a mídia.
- Responsabilidade: ser consciente do que a mensagem significa para si e para os outros: consequências.
- Comprometimento moral: estar atento aos valores implicados na tomada individual de decisões concernentes, no caso, ao uso, conhecimento e participação na mídia.

E destas Dimensões para as competências de literacia mediática decorrem os conhecimentos, atitudes e destrezas que a compõem, e que constituem os seus Componentes:

- A linguagem (interpretação de códigos, relacionamento de textos, expressão diversificada);
- A tecnologia (compreensão do papel das tecnologias, capacidade de as usar);
- Os processos de interação (seleção, revisão e autoavaliação da própria dieta mediática, conhecimentos sobre o conceito de audiência, reconhecimento e aproveitamento das emoções, interação com indivíduos e grupos, conhecimento das possibilidades de intervenção legais);
- Os processos de produção e difusão (conhecimentos sobre etapas de produção, capacidade para selecionar e partilhar informação);
- A ideologia e os valores (reconhecimento de construções, avaliação da fiabilidade das fontes, participar com alternativas); e
- A estética (extração de prazer dos aspetos formais da comunicação, apropriação de produções artísticas).

No Modelo de Análise proposto constam também as Dimensões e Componentes para medir a relação entre Escola, Aluno e Comunidade. Dito isso, o quadro conceitual deste projeto de intervenção é o abaixo:

	Conceitos	Dimensões	Componentes		Indicadores	
Jornal Mural	Competências da Literacia Mediática	Habilidade	Linguagem	Códigos, gêneros textuais, estruturas narrativas	Conhecimento dos códigos, das diferentes estruturas narrativas, das categorias e dos gêneros que compõem os diversos produtos mediáticos	
			Tecnologia	Ferramentas de comunicação	Compreensão do funcionamento das ferramentas de comunicação para entender como as mensagens são criadas e utilizá-las para se comunicar	
		Capacidade	Processos de Interação	Participação, Interação	Capacidade de participar e interagir com os conteúdos mediáticos	
			Estética	Produções artísticas	Reconhecimento da qualidade estética e avaliação da inovação e originalidade de produtos midiáticos	
			Processos de Produção e Difusão	Difusão mediática	Conhecimento sobre etapas de produção e difusão	
		Responsabilidade	Ideologia e Valores	Compreensão das mensagens	Compreensão das intenções e dos interesses contidos nas mensagens midiáticas	
			Processos de Produção e Difusão	Rotinas de trabalho	Capacidade para selecionar e partilhar informação	
		Comprometimento	Ideologia e Valores	Intenções das mensagens mediáticas	Capacidade de reconhecer fontes fidedignas e participação com alternativas de busca	
		Relação Escola/Aluno/Comunidade	Comunidade Escolar	Interação Alunos/Escola	Produção e Difusão do Conhecimento	Capacidade de selecionar e partilhar informações fidedignas recebidas
					Valores	Participação da comunidade escolar em atividades de integração

	Escola/Comunidade	Uso de Tecnologias/Aproximação	Canais de Comunicação	Utilização/implementação de tecnologias e mídias
			Participação da Comunidade	Engajamento e trocas de experiências e informação

Tabela 1. Modelo de Análise

Deve-se aqui um entendimento que as competências são um conjunto de habilidades e conhecimentos relacionados, que podem ser desenvolvidos por meio de treinamentos ou experiências, e possibilitam a atuação efetiva em um trabalho ou situação. Por outro lado, as habilidades são qualidades que a pessoa tem para realizar alguma atividade. São aquelas características que podem ajudar a pessoa a desenvolver competências.

O Modelo de Análise foi pensado e criado para que se perceba a relação entre as dimensões, componentes e indicadores. Assim, as Dimensões atribuídas para as Competências da Literacia Mediática levam em consideração como os estudantes demonstram sua relação com os conhecimentos que possuem e passam a adquirir, as atitudes que apresentam quando se deparam com o que aprenderam e a maneira como eles executam as tarefas, se estão comprometidos com a atividade. A partir dessa lógica, as Componentes foram preenchidas com ações/itens que estão diretamente ligadas às Dimensões para cada ponto do processo de realização da atividade proposta nas aulas e oficinas sobre os gêneros da esfera jornalística. Por esse motivo, a Dimensão Habilidade tem como Componentes Linguagem, que permite identificar o conhecimento e aprendizado dos alunos sobre códigos, gêneros textuais, estruturas narrativas, e Tecnologia, o que sabem sobre ferramentas de comunicação, para exemplificar. E os Indicadores apuram o cumprimento para cada um dos quesitos elencados: a compreensão das ferramentas de comunicação, as estruturas narrativas, participação e interação com produtos midiáticos, compreensão das mensagens e conhecimentos dos códigos, dentre outras.

Da mesma maneira foi realizada a construção das Dimensões, Componentes e Indicadores para a Relação escola/aluno/comunidade, visando apontar como essa interligação ocorre. Então, as Dimensões instituídas pretendem verificar a interação na comunidade escolar, que inclui alunos, pais/mães/responsáveis, professores e moradores do bairro, e o uso de tecnologias/mídias para essa aproximação na comunidade. Para isso, as Componentes escolhidas estão voltadas para esta relação. Para a Comunidade escolar, foi estipulado pontos para reconhecimento ou não de ações que pudessem proporcionar a produção e difusão do conhecimento e valores, para ter como exemplo. Assim, quando

se tem a Componente Valores, que verificou-se ser muito presente na comunidade escolar, optou-se como Indicador a participação da comunidade escolar em atividades de integração, se há ou não e se é possível implementá-la.

2.2 Orientações metodológicas

Neste ponto será destacado o caminho metodológico que foi seguido. Para isso, os autores Quivy & Campenhoudt (1998, p. 44) apontam que “o investigador deve procurar enunciar o projeto de investigação na forma de uma pergunta de partida, através da qual, tenta exprimir o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor”. Ou seja, clara, exequível e pertinente para nortear este estudo.

Assim, pretendeu-se com este projeto de intervenção responder à seguinte pergunta de partida: “Em que medida é que a implementação de um Jornal Escolar pode contribuir para a interação entre alunos/escola e comunidade e para a consolidação de competências de literacia mediática?”.

Pretendia-se atingir estes objetivos específicos:

- a) melhorar a interação dos alunos/escola com a comunidade e;
- b) consolidar as suas competências de literacia mediática.

Para isso, havia objetivos a serem atingidos ao longo do projeto, de curto, médio e longo prazo:

- Objetivos de curto prazo:

* aperfeiçoar o uso dos gêneros jornalísticos com os alunos, para que possam produzir conteúdo para o Jornal Escolar;

* possibilitar a utilização de instrumentos e informações proporcionadas pelas novas tecnologias, como tablets e smartphones, bem como advinda das mídias sociais;

* estimular a descoberta, a pesquisa e o senso crítico, por meio do incentivo à leitura sobre temas diversos, de participação em eventos da comunidade, da conversa com amigos, familiares e assuntos apresentados pelos professores em sala de aula.

- Objetivos de médio prazo:

* aprofundar conhecimentos sobre temas transversais que dizem respeito à comunidade na qual os estudantes estão inseridos, como diversidade cultural, educação em direitos humanos e educação

ambiental, trabalho;

* comprometer e envolver os diversos segmentos da comunidade escolar na criação, elaboração e edição do jornal;

* oportunizar a experiência de montagem de um jornal aos alunos participantes, com as atividades de escolha das pautas, entrevistas, redação dos textos, edição, diagramação, inclusão de fotografias, legendas;

* ajudar os estudantes a apropriarem-se dos códigos e linguagens utilizados na construção de mensagens jornalísticas quaisquer que sejam os suportes;

* ajudar os estudantes a compreenderem as mensagens midiáticas presentes no seu cotidiano;

* apoiar os estudantes num caminhar de autonomia em relação aos medias e aos conteúdos veiculados, por meio de atividade que desenvolvam busca pelo conhecimento, criatividade, criticidade, responsabilidades, consciência para tomar decisões e postura colaborativa, como exemplos.

- Objetivos a longo prazo:

* proporcionar competências que façam dos estudantes cidadãos críticos que conhecem a realidade da sua comunidade e conseguem articulá-la com o conjunto de saberes e conhecimentos constituídos e adquiridos;

* estudar a potencialidade dos jornais escolares como veículo de inovação, dinamização e motivação do espaço escolar.

Tendo presentes os objetivos estipulados - para a elaboração e implementação de um plano de intervenção, visando o desenvolvimento e implantação de um Jornal Escolar, por meio de um Clube do Jornal, que será apresentado no Capítulo 3 -, foi considerado um modelo de publicação (jornal) que pudesse ser equilibrado no que tange à participação do pesquisador, do professor e dos alunos na sua autoria e no quanto ele refletirá o jornal convencional, no que se refere à prática do letramento midiático e jornalístico, além da sua integração com a comunidade na qual a escola está inserida.

Além disso, também foi considerado um conjunto de gêneros do jornal tradicional que oportunizasse, aos alunos da disciplina de Língua Portuguesa, conhecer essa mídia – Notícia, Entrevista, Reportagem, Artigo de Opinião, Crônica, Fotografia, Editorial e Charges/Ilustração – por meio de aulas expositivas, vivências e estudos de textos que estão inseridos na esfera jornalística, seguindo os seguintes eixos metodológicos orientadores: a) Leitura e interpretação; b) Produção textual contextualizada; c) Análise

Linguística. Estes eixos vão possibilitar aos alunos a capacidade de compreensão ativa, responsiva e crítica dos textos jornalísticos, como também orientá-los e auxiliá-los na produção desses mesmos gêneros de textos de forma consistente

Mas, para chegarmos à Implementação do Jornal Escolar, houve um caminho metodológico que vamos apresentar e fundamentar nos pontos que se seguem: o recurso ao método de investigação-ação; a criação de um modelo de análise; a seleção dos casos para a intervenção (alunos e professores); e as técnicas de recolha e de análise de dados a que vamos recorrer ao longo das 3 fases do projeto (Diagnóstico, Implementação e Avaliação). Por fim, sistematizamos as preocupações éticas do projeto e a forma como foram abordadas.

Enquanto explicamos as opções metodológicas vamos, em alguns casos, adiantar já os resultados da análise. Deste modo, pensamos que será mais fácil compreender-se todo o processo até à sistematização de um Diagnóstico final.

2.2.1 O método de investigação-ação

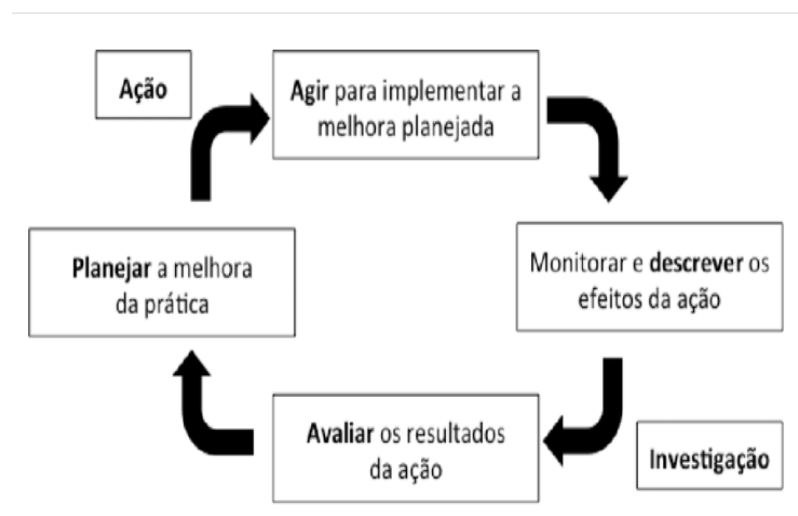


Figura 1. Ciclo da Investigação-Ação Fonte: adaptado de Tripp (2005)

Coutinho et al (2009) apontam que:

A Investigação-Ação pode ser descrita como uma família de metodologias de investigação que incluem Ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão) simultâneas, utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre Ação e reflexão crítica. Nos ciclos posteriores são aperfeiçoados, de modo

contínuo, os métodos, os dados e a interpretação feita à luz da experiência (conhecimento) obtida no ciclo anterior. (2009, p. 360)

Coutinho et al (2009) inferem que o que melhor caracteriza e identifica a investigação-ação é o fato de se tratar de um método de pesquisa essencialmente prático e aplicado, que se rege pela necessidade de resolver problemas reais: “há uma ação que visa a transformação da realidade, e, conseqüentemente, produzir conhecimentos, as transformações resultantes da ação” (2009, p. 362). Tripp (2005) também aponta “uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática” (2005, p. 447).

Ainda segundo Coutinho et al (2009), a Investigação-Ação atualmente é utilizada em diferentes perspectivas, dependendo sempre da problemática a estudar. “No referencial do ensino-aprendizagem poderemos arriscar dizer que a I-A é também uma forma e não somente uma metodologia para o estudar” (p. 360). Esses autores enfatizam ainda que “o essencial na I-A é a exploração reflexiva que o professor faz da sua prática, contribuindo dessa forma não só para a resolução de problemas como também (e principalmente) para a planificação e introdução de alternativas dessa e nessa mesma prática (p. 360).

Coutinho et al (2009) ainda destacam algumas características importantes para a utilização da Investigação-Ação: é participativa e colaborativa, no sentido em que implica todos os intervenientes no processo, sendo que todos são coexecutores na pesquisa; é prática e interventiva, pois não se limita ao campo teórico, a descrever uma realidade, intervém nessa realidade; e é cíclica porque a investigação envolve uma espiral de ciclos, nos quais as descobertas iniciais geram possibilidades de mudanças, que são então implementadas e avaliadas como introdução do ciclo seguinte.

Ainda é crítica, segundo Coutinho et al (2009), na medida em que a comunidade crítica de participantes não procura apenas melhorar práticas no seu trabalho, mas também atuam como agentes de mudanças; é autoavaliativa, porque as modificações são continuamente avaliadas, numa perspectiva de adaptabilidade e de produção de novos conhecimentos.

Assim, partindo-se dessas premissas, este é o propósito deste projeto, ao identificar uma problemática e elaborar um plano de ação que pudesse oportunizar aos alunos atividades para a melhoria das competências de literacia mediática (ação/mudança), utilizando para isso os gêneros textuais, mais especificamente os da esfera jornalística, por meio da observação de jornais impressos e de outras mídias e da criação de um jornal escolar (intervenção). Ao fim, alcançar durante a sua execução, e ao

término dele, a aproximação dos estudantes a conteúdos contextualizados e de vivência e a promoção de debates e reflexões sobre as questões sociais, letramento e cidadania (resultado/reflexão crítica).

Dessa forma, o pesquisador contribui para a melhoria da situação encontrada para aperfeiçoar e resolver problemas, como descreve Schön (1992), ao dizer que o investigador reflete sobre a sua ação, contribuindo para o aperfeiçoamento ou mesmo mudança das práticas. Santos, Amaral & Mamede (2013) acrescentam que a estratégia leva o investigador a participar ativamente em qualquer que seja a mudança num sistema: "o investigador pode examinar a mudança no sistema bem como a mudança no próprio investigador. Desta forma, uma mudança pode ser provocada pelo investigador e depois o resultado da mesma ser examinado" (2013, p. 2). Diante disso, a investigação-ação demonstra ser o método mais adequado para se alcançar tais objetivos neste projeto.

Além disso, a investigação-ação também se apresenta como a melhor proposta para ser utilizada na área da educação por contar com "metodologias capazes de promover uma ação mais eficiente e consequente, na medida em que se centram na reflexão crítica, por um lado, e uma atitude operacional de práticas que acabam por ser ponto de partida para a emergência de possíveis teorias" (Santos, Amaral & Mamede, 2013, p. 2). Estes autores enfatizam que a investigação-ação disponibiliza a possibilidade de intervenção na entidade sob investigação e a análise dos resultados, e permite uma aproximação aberta ao campo de investigação sendo, desta forma, possível capturar informação que não pode, frequentemente, ser predeterminada.

Ainda no campo escolar, Coutinho et al (2009) indagaram por que razão quase sempre se relaciona a investigação-ação com escola, professores, estudantes, com temáticas cujo denominador comum era a educação. Isso ocorre, segundo estes autores, por que a escola:

é um terreno propício a gerar anseios, problemas, conflitos comunicacionais e toda uma série de situações dinâmicas decorrentes da ação humana, que, pela actividade daqueles que se envolvem arduamente nesse espaço de intensa vida, acabam sempre por fazer brotar para a esfera social o que de melhor se pode extrair de um ambiente pleno de diálogos, sonhos, onde a vontade de mudar pulsa a cada momento. (p. 356)

Então, os propósitos e contributos da investigação-ação, de acordo com Latorre (2003 como citado em Coutinho et al, 2009, p. 363), "não é tanto gerar conhecimento, é sobretudo, questionar as práticas sociais e os valores que as integram com a finalidade de explicá-los". Nessa mesma linha de pensamento,

Simões (1990, como citado em Coutinho et al, 2009, p. 363), considera que "o resultado da investigação terá sempre um triplo objetivo: produzir conhecimento, modificar a realidade e transformar actores".

2.2.2 Amostragem

Na presente investigação, define-se como população o universo de estudantes dos anos finais do ensino fundamental, mais especificamente de uma escola pública municipal, a Prof. Vercenílio da Silva Pascoal, localizada no bairro Joana D´Arc, em Vitória, no Espírito Santo.

Escolheu-se esta unidade de ensino por não possuir, até o início desta pesquisa, em seu escopo de ações, projetos voltados especificamente para a Comunicação e que pudessem incentivar o desenvolvimento de competências da literacia mediática, sejam eles ofertados por meio de jornal escolar, rádio escola, canal no Youtube ou outro estímulo para novos aprendizados a partir desta área específica, além ainda de a escola estar situada em área mais periférica da cidade de Vitória.

No presente trabalho, recorreu-se a estudantes do 6º ao 9º ano. A escolha destes anos de estudos decorreu nestas turmas por elas terem atividades voltadas aos gêneros textuais do jornalismo, conforme consta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC enfatiza que, no ensino fundamental, na educação mediática está na análise, produção e crítica de produtos jornalísticos e publicitários, além da utilização de tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa e reflexiva, por meio de diferentes linguagens e mídias.

Assim foi possível o acesso a um grupo de estudantes destas turmas. Constituíram critérios de inclusão na participação: estar cursando um dos anos propostos na intervenção; demonstração de interesse por parte do aluno com o preenchimento da ficha de inscrição; consentimento dos pais/responsável autorizando a participação do projeto, após assinatura do Termo de Consentimento para o projeto; e participar da entrevista de seleção. E como critérios de exclusão: não estar matriculado entre o 6º e 9º ano e não ter autorização dos pais/responsáveis.

Foi utilizada uma amostragem não probabilística de casos típicos uma vez que os elementos participantes se ofereceram voluntariamente para a fazer parte da amostra e interesse e possuíam consentimentos assinados dos pais/responsáveis para participar do projeto, tendo como fonte a relação de alunos (total de 23). Mattar (1996) aponta as razões para o uso de uma amostragem não probabilística:

"Uma razão para o uso de amostragem não probabilística pode ser a de não haver outra alternativa viável

porque a população não está disponível para ser sorteada. Outra razão é que apesar da amostragem probabilística ser tecnicamente superior na teoria, ocorrem problemas em sua aplicação na prática o que enfraquece essa superioridade. O resultado de um processo de amostragem probabilístico a priori pode resultar em um estudo não probabilístico devido a erros que os entrevistadores podem cometer quando não seguem corretamente as instruções. Outro motivo pode ser o e que a obtenção de uma amostra de dados que reflitam precisamente a população não seja o propósito principal da pesquisa. Se não houver intenção de generalizar os dados obtidos na amostra para a população, então não haverá preocupações quanto à amostra ser mais ou menos representativa da população. A última razão para usar amostragem não probabilística se refere às limitações de tempo, recursos financeiros, materiais e pessoas. necessários para a realização de uma pesquisa com amostragem probabilística". (1996, p. 157).

Para a constituição final da amostra foram considerados 16 alunos, número definido em conjunto com a direção escolar, a qual se chegou levando-se em consideração dois fatores: o espaço (sala) para as aulas/oficinas a serem ministradas no período do contraturno escolar, garantindo as condições mínimas de conforto e funcionalidade e a garantia da alimentação/lanche dos estudantes durante os dias de realização do projeto. Esta refeição é obrigatória quando ocorrem atividades extraclasses na unidade de ensino.

A relação de participantes foi constituída por meio do recurso a uma entrevista e escolhidos em razão do seu grau de comprometimento e interesse demonstrados, querendo fazer parte de algo que pudesse agregar em sua vida. Foram contemplados nesta amostra estudantes que não apenas tiravam as melhores notas ou participavam mais nas aulas, mas também aqueles que apresentavam alguma dificuldade, como também que mostravam ter algum problema na escrita. Essas situações foram apontadas pelos alunos durante as entrevistas. Assim, do total de 16 alunos selecionados, quatro estudantes são do 6º ano e têm idades entre 11 e 12 anos; seis são do 7º ano, com 12 e 13 anos; três do 8º ano, entre 13 e 14 anos; e três do 9º ano, com idades entre 13 e 15 anos.

Os demais estudantes que não foram incluídos na amostra ficaram como suplentes, podendo ser chamados a integrar o grupo caso houvesse alguma desistência da equipe inicial. Os alunos suplentes foram informados pessoalmente para que pudessem fazer algum questionamento, caso quisessem. A reação demonstrada pode ser considerada natural, e não consideraram estar de fora do projeto e apontaram que poderiam integrar o grupo neste ou em outro momento (no segundo semestre 2023).

2.2.3 Técnicas de Recolha de Dados

A realização desta primeira fase, a de Diagnóstico, recorreu a uma combinação de diferentes técnicas de recolhas de dados: a) observação; b) análise documental; e c) entrevistas, para a obtenção de informações suficientes que permitissem caracterizar o caso e identificar e possibilitar a implementação de um plano de intervenção tendo em vista a melhoria das competências de literacia mediática.

Sobre esta estratégia, Günther (2006) aponta que ela ajuda “na utilização de abordagens múltiplas para evitar distorções em função de um método, uma teoria ou um pesquisador” (2006, p. 206). E Denzin e Lincoln afirmam que o “uso de múltiplos métodos, ou da triangulação, reflete uma tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do fenómeno em questão” (2006, p.19). Dessa forma, apontam que a triangulação pode ser utilizada como um caminho seguro para a validação da pesquisa, pois proporcionam rigor, riqueza e complexidade ao trabalho (2006, p. 19). Denzin e Lincoln completam o cenário de realce das vantagens da abordagem da triangulação ao afirmarem:

A triangulação é a exposição simultânea de realidades múltiplas, refratadas. Cada uma das metáforas “age” no sentido de criar a simultaneidade, e não o sequencial ou o linear. Os leitores e as audiências são então convidados a explorarem visões concorrentes do contexto, a se imergirem e a se fundirem em novas realidades a serem compreendidas. (2006, p. 20)

A) Observação

A observação caracteriza-se por ser uma técnica de coleta de dados que não consiste em apenas ver ou ouvir, mas em examinar fatos ou fenómenos que se deseja estudar. E auxilia o pesquisador na identificação, na obtenção e interpretação de informações a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm conhecimento, mas que orientam seu comportamento, e coloca o investigador em um contato mais direto com a realidade.

De acordo com Danna e Matos (2015), a observação “é um instrumento de coleta de dados que permite a socialização e conseqüentemente a avaliação do trabalho do cientista” (p. 12). As autoras consideram o método observacional como meio que possibilita uma melhor interpretação da natureza e do indivíduo, que permite descobrir quais comportamentos podem ser influenciados pelas conseqüências que o ambiente propicia.

Desta forma, uma observação não pode ser considerada apenas como uma simples anotação de fatos, pois, para sua realização, há um envolvimento de sensações e percepções em que são usadas memórias de experiências passadas, além de uma interpretação individual da realidade (Gray, 2012; e Yin, 2016). É importante deixar claro que o que será observado depende do objetivo da observação (Pasquali, 2010; Yin, 2016).

Para a realização deste projeto, a observação em questão é a estruturada, sistemática, planejada e controlada, pois utiliza instrumentos para a coleta de dados ou fenômenos observados. Sobre a observação sistemática, ela envolve um olhar ordenado para ações, registros, análises e interpretação dessas ações (Danna e Matos, 2015; e Gray, 2012). E o pesquisador assume o perfil de observador participante, uma vez que se incorpora ao grupo, confundindo-se com ele até certo ponto. Neste caso, para Abib, Hoppen & Hayashi (2013), o modelo de observação participante exige que o observador faça parte do grupo investigado, sendo que o pesquisador deve redobrar os cuidados em relação à manutenção de múltiplas visões e à capacidade de ser crítico diante dos dados coletados.

No caso deste projeto de intervenção, a observação ocorre de forma individual por contar com apenas um pesquisador a analisar a participação do grupo de 16 alunos do 6º aos 9º anos. Por fim, tendo como princípio o lugar onde se realizam as observações, o estudo foi realizado em um ambiente real, ou seja, no local de ocorrência do evento. O grupo envolvido teve conhecimento sobre os propósitos da pesquisa.

Para a implementação desta técnica de recolha foram realizadas visitas semanais de dois dias à escola, entre os meses de fevereiro e março, para observar o espaço de trabalho. Embora localizada em uma região mais afastada do centro urbano da cidade, a unidade de ensino dispõe de boa estrutura física, com salas de aulas adequadas para o aprendizado dos alunos (são climatizadas, iluminadas, arejadas e com televisões para utilização de recuso didático), dispõe de quadra poliesportiva para o desenvolvimento exercícios físicos e esportivos e de biblioteca (em obras de reforma) para uso do corpo docente e dos estudantes. Dispõe ainda de sala de artes e de ciências para realização deste tipo de atividade, além de copiadora e materiais de escritório para o planejamento das atividades a serem propostas pelos professores e para o desenvolvimento de tarefas com os alunos – caderno, caneta, lápis, borracha, apontador, papel.

Contudo, não havia laboratório de informática para aulas que necessitassem de computadores. Mas foi informado pela direção escolar que cada aluno possui tablete e os professores laptops/portáteis para planejamento das aulas e afazeres em sala. Os equipamentos chegam às mãos dos estudantes já com pacotes de dados de internet móvel, por meio de chips, para que possam acessar os conteúdos

educacionais trabalhados por cada disciplina, utilizar a plataforma AprendeVix¹⁵ (Google Sala de Aula), assistir às aulas virtuais e realizar as atividades propostas pelos docentes. O investimento integra política pública voltada para a socialização da cultura digital prevista nas Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos de Vitória¹⁶.

Também pude observar de que forma ocorre a interação e a integração dos alunos que lá estudam, tanto com os colegas de turma quanto com os professores. Conversas (bate-papos) também foram realizadas com servidores para entender o funcionamento do espaço e com docentes de várias disciplinas para obter informações mais amplas sobre as turmas. E encontros com o professor de Língua Portuguesa, direção, corpo pedagógico e com o profissional responsável pela biblioteca escolar ajudaram a conhecer como eram feitos o planejamento das aulas e avaliações, o uso dos locais pelos alunos e a relação dos alunos e da escola com a comunidade.

Sobre este último ponto, essa relação – aluno-escola-comunidade - acontece nos eventos que a unidade escolar promove, como Dia da Família, encontros culturais e folclóricos, mas nem sempre seguindo um calendário pré-definido, além de outras reuniões ou momentos visando o repasse de informações, principalmente aos pais/responsáveis, para fortalecer o vínculo com as famílias dos estudantes, como reuniões periódicas da área pedagógica. A relação dos alunos com a comunidade ocorre a partir da realização desses eventos, que contam com a participação dos estudantes, sugerindo e contribuindo para a sua elaboração, bem como a sua divulgação.

A escola ainda tenta fazer essa aproximação com a comunidade e alunos por meio das mídias sociais, divulgando ações e atividades pelo Instagram (@emef.vsp), pelo Facebook (@vercenilio) e grupo de WhatsApp para comunicação com os pais/responsáveis. Essa interação ocorre de forma tímida e com publicações esporádicas, não seguindo uma proposta de publicação de conteúdos previamente preparados. Nota-se que, quando há necessidade, é feita uma publicação/divulgação. Até o início desta pesquisa, a escola não possuía em seu escopo de ações projetos voltados especificamente para a Comunicação e que pudessem incentivar o desenvolvimento de competências da literacia mediática, sejam eles ofertados por meio de jornal escolar, rádio escola, canal no Youtube ou outro estímulo para novos aprendizados a partir desta área específica.

Além destes pontos, os quais considerei importantes para ter subsídios sobre a unidade de ensino, identificar a rotina escolar, principalmente dos alunos, a situação de convivência dos estudantes e de que

¹⁵ Ver <https://aprendevix.edu.vitoria.es.gov.br/>

¹⁶ Ver <https://drive.google.com/file/d/1Pe2gNCQZOJJgR0PVnJdqJ46ii-OZcTaZ/view>

forma poderia planejar da melhor maneira a intervenção proposta, este processo de observação também considerou as dimensões, as componentes e os indicadores do Modelo de Análise, visando construir o instrumento de recolha de dados (avaliações escolares, entrevistas, questionário simples) dos estudantes que integram o grupo de participantes deste projeto.

O recurso à Observação prolongou-se pelas fases de Implementação e Avaliação, visando identificar, à medida que cada gênero textual do jornalismo foi apresentado nas oficinas e nas atividades propostas aos estudantes, a sua evolução no que toca às suas competências de literacia mediática:

Componentes	Indicadores
Códigos, gêneros textuais, estruturas narrativas	Conhecimento dos códigos, das diferentes estruturas narrativas, das categorias e dos gêneros que compõem os diversos produtos midiáticos
Ferramentas de comunicação	Compreensão do funcionamento das ferramentas de comunicação para entender como as mensagens são criadas e utilizá-las para se comunicar
Participação, Interação	Habilidade de participar e interagir com os conteúdos midiáticos
Produções artísticas	Reconhecimento da qualidade estética e avaliação da inovação e originalidade de produtos midiáticos
Difusão mediática	Conhecimento sobre etapas de produção
Compreensão das mensagens	Compreensão das intenções e dos interesses contidos nas mensagens midiáticas
Rotinas de trabalho	Capacidade para selecionar e partilhar informação
Intenções das mensagens mediáticas-	Fiabilidade das fontes e participação com alternativas

Tabela 2. Indicadores a serem observados para a recolha dos dados.

Já para a recolha de dados sobre a relação alunos/escola e comunidade, a Observação, também com base no Modelo de Análise, visou elencar os seguintes pontos de verificação:

Componentes	Indicadores
Produção e Difusão do Conhecimento	Capacidade de selecionar e partilhar informações fidedignas recebidas

Valores	Participação da comunidade escolar em atividades de integração
Canais de Comunicação	Utilização/implementação de tecnologias e mídias
	Engajamento e trocas de experiências e informação

Tabela 3. Indicadores a serem observados para a recolha dos dados.

Para isso foi desenvolvida uma Grelha de Observação (Anexos 1, 2 e 3), tendo como base os conhecimentos anteriormente explorados, para facilitar a organização das informações à medida que eram recolhidas. As observações foram também registradas em fotografias com o objetivo de capturar o momento da participação e a integração dos dados. A grelha inclui as tarefas realizadas ao longo de cada oficina, bem como a frequência de retornos positivos e negativos que eram emitidos ao logo das apresentações de conteúdos e das tarefas, com a anotação de alguns exemplos de verbalizações,

B) Análise documental

A Análise Documental é uma técnica de recolha de dados que abrange diversos tipos de documentos, consistindo em reconhecer, verificar e apreciar os registros encontrados com uma finalidade específica. Para Moreira (2005), a análise documental deve extrair um reflexo objetivo da fonte original, permitir a localização, identificação, organização e avaliação das informações contidas no documento, além da contextualização dos fatos em determinados momentos. Já Cellard (2008, p. 303) descreve que esse é o “momento de reunir todas as partes – elementos da problemática ou do quadro teórico, contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto, conceitos-chave”.

Algumas vantagens desta técnica estão no fato de poder ser realizada com custos reduzidos, ou nenhum, e as fontes serem alcançadas de forma mais tangível, uma vez que a técnica não altera o ambiente ou os sujeitos. Sobre esse proveito, Gil (2008, p. 147) diz que permite informação em “quantidade e qualidade suficiente para evitar a perda de tempo e o constrangimento que caracterizam muitas das pesquisas em que os dados são obtidos diretamente das pessoas”. Ainda nos benefícios, Cellard (2008) destaca:

O documento escrito constitui, portanto, uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado

relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente. (p.295)

Outra justificativa para o uso de documentos em pesquisa é que permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. A análise documental, ainda de acordo com Cellard (2008), favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros.

Oliveira (2007) destaca como limitações a falta da vivência do fenômeno para melhor representá-lo, a falta de objetividade e a validade questionável que consiste em uma crítica da corrente positivista. Ainda como limitações, Quivy & Campenhout (1998) ressaltam:

Nem sempre é possível o acesso aos documentos. Em certos casos o investigador tem efetivamente acesso aos documentos, mas, por uma razão ou por outra (caráter confidencial, respeito pela vontade de um interlocutor) não pode divulgar as informações. Os numerosos problemas de credibilidade e de adequação dos dados às exigências da investigação obrigam por vezes o investigador a renunciar a este método no decurso do seu trabalho. p. 204)

A seguir, apresento o processo de recolha documental, mediado com a explicitação de algumas das informações que considero mais importantes, para se compreender a metodologia empregada, de modo que faça sentido para o leitor a divisão de caráter didático em que organizo as decisões que foram necessárias no decorrer da investigação. É importante comentar que optei por não priorizar determinado tipo documental, reunindo tudo o que estivesse associado à escola e ao aprendizado dos alunos. Desse modo, o conjunto de documentos foi composto por manuais, artigos, registros históricos, estatísticas, legislação, avaliações aplicadas, dados socioeconômicos e culturais, projetos e programas voltados para a escola e para a educação no município de Vitória.

Inicialmente, optei por identificar e analisar documentos que pudessem dar um panorama sobre a orientação do trabalho que professores deveriam seguir no seu cotidiano, bem como apontar os conteúdos que seriam desenvolvidos em cada ano da vida escolar dos alunos. Seguindo essa primeira etapa, foram verificados o Plano de Ação da Escola, o Plano Municipal de Educação, as Diretrizes Pedagógicas do Ano Letivo de 2023, as Diretrizes Curriculares - Ensinos Fundamental e Educação de

Jovens e Adultos e as Diretrizes das Bibliotecas Escolares da Rede Municipal de Ensino de Vitória. Todos os documentos estão na aba “Mais” do portal AprendeVix¹⁷, plataforma digital da Rede de Ensino de Vitória, criada para ampliar as práticas educacionais entre os professores e crianças/estudantes.

A etapa seguinte teve como objetivo a análise da situação escolar dos alunos dos anos escolares que fazem parte deste projeto, para conhecer suas habilidades e de que forma estão suas competências da literacia mediática. Para isso, foram verificados os testes realizados na Avaliação Diagnóstica na Escola¹⁸, que é uma ação pedagógica considerada essencial pela Secretaria Municipal de Educação, pois, a partir dos resultados, o professor tem elementos para elaborar seu Plano de Ensino Anual (a cada início do ano letivo) e realizar os ajustes necessários (nos objetivos de aprendizagem, conteúdos, metodologias, avaliações etc.), entre trimestres, no decorrer do ano letivo, visando estratégias mais adequadas a serem desenvolvidas nas turmas.

A primeira avaliação diagnóstica aplicada pela escola (Figura 2) ocorreu entre fevereiro e março deste ano e tinha com o objetivo identificar, em 20 questões de múltipla escolha a partir de um enunciado, as seguintes habilidades: reconhecer o gênero notícia; distinguir fato e opinião; reconhecer o gênero fábula; informações explícitas; finalidade do texto; comparação do texto; elos coesivos; inferência de informação; inferência de humor: finalidade de texto; inferência no sentido de expressão; conflito gerador; e advérbios.

Leia o texto abaixo.

DONA DE CASA SE ASSUSTA AO ACHAR FAMÍLIA DE GAMBÁS NUM ARMÁRIO EM SP.

Em Piraju, a 334 km de São Paulo, uma moradora levou um susto ao encontrar uma família de gambás dentro de casa. Na hora de limpar a casa, ela deu de cara com os animais, escondidos em uma prateleira. “Eu fui fazer faxina e escutei barulho. Assustei e sai correndo. Daí, chamei o bombeiro. Eu ainda não tinha visto. Assustei bastante”, contou a dona de casa.

A fêmea de gambá e os seis filhotes foram capturados pelos bombeiros e colocados em uma caixa. Acuada, a mamãe rosnava na tentativa de defender a cria. Para ficarem mais protegidos, os animais foram levados pelo Corpo de Bombeiros para serem soltos no habitat natural deles, uma reserva ambiental que fica às margens do Rio Paranapanema.

Disponível em: <www.globo.com.br> Acesso em: 20 fev. 2010. (P040036B1_SUP)

Esse texto é

- a) uma fábula.
- b) um anúncio.
- c) uma notícia.
- d) um conto.

Figura 2. Enunciado de uma questão da Avaliação Diagnóstica do 7º Ano. 2023. Fonte: EMEF VSP.

¹⁷ Ver www.aprendevix.edu.vitoria.es.gov.br

¹⁸ A Avaliação Diagnóstica na Escola faz parte das Diretrizes Pedagógicas para o Ano Letivo de 2023 e está disponível em <https://drive.google.com/file/d/1041ATcUWKvpfmJ7nUmPIYSKhm05U4b33/view?pli=1>

Como resultado, essa avaliação diagnóstica para a Língua Portuguesa apontou, para alunos do 6º ao 9º ano, uma defasagem mediu conhecimentos da Língua Portuguesa e competências da literacia mediática em praticamente todos os quesitos, principalmente naqueles que diziam respeito ao sentido das palavras ou expressões; inferência no sentido das pontuações e formação dos parágrafos; leitura de textos com linguagem verbal e não verbal; fatos e opiniões; uso de advérbios; fato e opinião, figuras de linguagens; e pouco conhecimento sobre os gêneros textuais e jornalísticos e suas finalidades no que tange a sua empregabilidade.

Fazendo ainda um recorte sobre a avaliação aplicada, de 32 alunos da turma de 6º ano, 19 reconheceram o gênero Notícia; apenas 8 distinguiram fato e opinião; 12 souberam caracterizar as informações explícitas no texto; e 10 identificaram a finalidade do texto. Na turma do 7º ano, composta por 25 estudantes, seguindo os mesmos quesitos nesta ordem, os números foram: 3; 22; 11; e 18. No 8º ano, formado por 30 alunos, os indicadores foram: 12; 21; 6; e 13. E, na turma de 9º ano, com 24 estudantes, tiveram os seguintes resultados encontrados: 12; 11; 13; e 11.

Os alunos deveriam ter, no mínimo, 60% de aproveitamento, mas o resultado, tanto parcial quanto o geral, indica que há deficiência nas competências de literacia mediática, bem como de outros pontos de aprendizagem e que necessitam ser melhorados. A média das turmas foi de 5,66 (6º ano), 6,84 (7º ano), 5,33 (8º ano) e 5,70 (9º ano) para um total de 10 pontos (valores). Os testes seguiram os planos de aprendizagem de acordo com o currículo previsto para cada ano do ensino fundamental, conforme apontamento das Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (2020). E, de acordo com esse documento, estas componentes já deveriam estar aprofundadas ou consolidadas nas turmas dos anos finais, quando analisada a produção de textos e leitura.

A partir dos resultados desta segunda etapa, teve início a fase seguinte de identificação de projetos voltados e desenvolvidos na área da Comunicação, que pudessem incentivar o progresso de competências da literacia mediática, e para comunidade do entorno da escola, conforme já relatado na técnica da Observação. Contudo, não foram encontradas quaisquer iniciativas para os dois propósitos.

O levantamento de conteúdos sobre organização, história e situação da escola, da região onde está inserida e dados socioeconômicos sobre idade, sexo, etnia, renda familiar, escolaridade dos pais/responsável e acesso à internet fizeram parte da quarta e última etapa do levantamento, cujas informações estão no próximo ponto deste capítulo para maior detalhamento do assunto.

C) Entrevista

A entrevista representa uma técnica de coleta de dados na qual o pesquisador tem um contato mais direto com o participante do estudo, no sentido de se inteirar de suas opiniões acerca de um determinado assunto. Manzini (2008) observa que a “entrevista seria uma forma de buscar informações, face a face, com um entrevistado. Pode ser entendida como uma conversa orientada para um objetivo, sendo esse objetivo estabelecido pelo pesquisador” (2008, pp. 12-13).

Dentre as várias formas de entrevistas, nos remeteremos à entrevista semiestruturada, que permite uma maior liberdade ao pesquisador, a partir da elaboração prévia de um roteiro, mas não o deixando preso somente às perguntas desse roteiro. Ainda de acordo com Manzini (1991), “a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista (1991, p. 154). Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Com base no Modelo de Análise, foram levadas em consideração para as entrevistas as seguintes dimensões e indicadores, que ajudaram na formulação de um guião de perguntas e na fundamentação de informações para o diagnóstico (Anexo 4):

- A linguagem (interpretação de códigos, relacionamento de textos, expressão diversificada);
- A tecnologia (compreensão do papel das tecnologias, capacidade de as usar);
- Os processos de interação (seleção, revisão e autoavaliação da própria dieta mediática, conhecimentos sobre o conceito de audiência, reconhecimento e aproveitamento das emoções, interação com indivíduos e grupos, conhecimento das possibilidades de intervenção legais);
- Os processos de produção e difusão (conhecimentos sobre etapas de produção, capacidade para selecionar e partilhar informação).

Uma entrevista com o professor participante do projeto foi realizada como forma de identificar as situações advindas da percepção encontrada durante a fase de observação e da análise documental a respeito dos alunos, das práticas educativas e possíveis alterações que se deseja. Teve, portanto, não apenas um caráter descritivo, mas estimulador da reflexão sobre as influências do conteúdo ministrado na disciplina de Língua Portuguesa aos alunos e os resultados alcançados por eles durante o teste de Avaliação Diagnóstica.

A entrevista ao professor da disciplina, Iranilso Martins Araujo ocorreu na própria escola, de forma presencial, em horário e dia em que ele se dedica ao planejamento escolar para as turmas (uma quinta-feira, das 13h às 16h). A entrevista foi gravada em áudio e assinado um termo de consentimento (Anexo 9).

Deste modo, a recolha anterior à entrevista (observação e análise documental) permitiu abranger os diferentes ambientes frequentados pelos alunos, o que favoreceu a coleta de informações sobre seu comportamento, sobre o professor e sobre condições ambientais importantes que poderiam ser objeto de análise e discussões durante a intervenção. Com os dados coletados da entrevista foi possível perceber o porquê dessa defasagem encontrada em relação ao conhecimento de certas competências.

O docente apontou, em sua fala, que, com os resultados em mãos, também realizou uma conversa com os alunos de cada ano a fim de compreender melhor o que foi apresentado nos testes. De forma inicial, ele disse ter encontrado algumas deficiências durante as primeiras atividades realizadas em sala de aula e confirmadas com a avaliação anual. De acordo com o professor, esse atraso ocorre não porque os estudantes não sabem ou são alunos ruins, mas sim porque tiveram algum descompasso, um problema de compreensão e de vivência com essas competências, que dificultaram o conhecimento, a exploração, a leitura, a produção textual e sua análise de forma correta.

O docente ainda destacou, exemplificando o uso dos gêneros textuais, que “eles estão no nosso dia a dia, mas nas salas de aulas, a partir do momento que iam avançando nos anos escolares seguintes, os estudantes não tiveram muito contato no ambiente escolar. É uma nova alfabetização que temos que fazer porque esses textos estão todos os dias com eles”. O professor observou então que, ao organizar o plano de ensino para este ano de 2023, as defasagens seriam trabalhadas de forma mais dinâmica, pontual e incisiva neste primeiro semestre para que possam aprimorar a parte textual, a análise linguística, melhorar a leitura, com mais fluência e, ainda, desenvolver a oralidade.

Recordamos que essas informações passadas pelo docente são advindas da primeira avaliação diagnóstica aplicada pela escola (referida na seção sobre a análise documental) e que foi realizada entre fevereiro e março de 2023. Também foi possível conhecer os dados desta avaliação diagnóstica (Figura 3) dos 16 alunos participantes deste projeto de intervenção. O gráfico abaixo foi desenvolvido com base nas questões relativas aos gêneros textuais da esfera jornalística, desconsiderando os demais quesitos avaliados no teste que foi aplicado pela escola. Nele é possível verificar o nível de conhecimento dos estudantes participantes do projeto em quatro quesitos considerados relevantes: reconhecimento do

gênero notícia; se distinguem fato e opinião; identificação das informações explícitas; e se sabem a finalidade do texto.

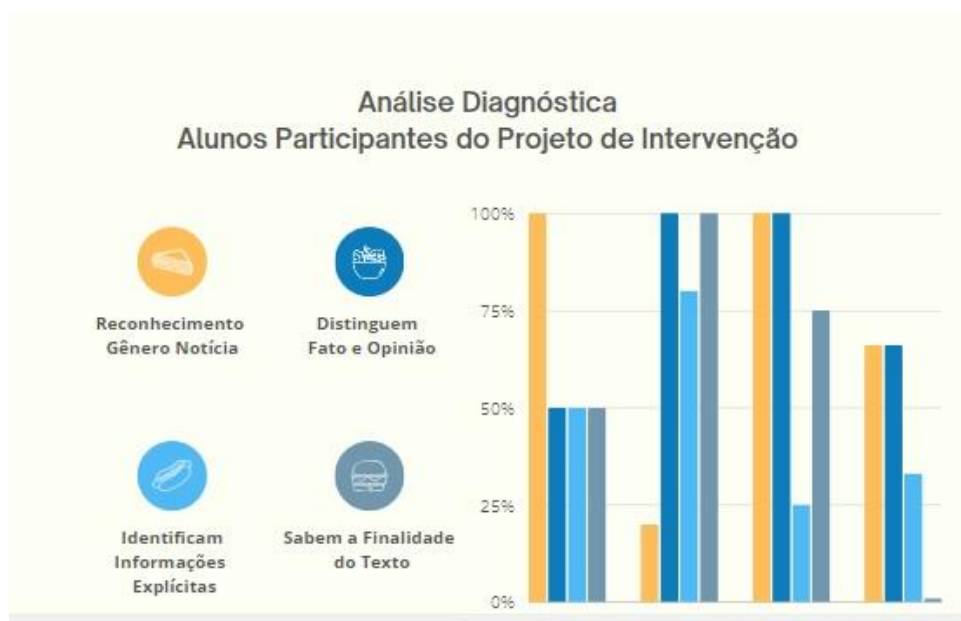


Figura 3: Dados da avaliação diagnóstica dos 16 alunos participantes do projeto de intervenção.

Uma nova avaliação ao fim do primeiro semestre também é realizada pela escola, para verificar a evolução do desenvolvimento dos alunos. Com as duas avaliações – a diagnóstica e evolutiva -, mais a observação do desenvolvimento das competências de literacia mediática e ainda com as entrevistas será possível perceber se houve efetivamente mudança por meio deste projeto de intervenção no que diz respeito aos gêneros textuais da esfera jornalística.

2.2.4 Técnicas de Análise de Dados

Em relação à análise de dados, este projeto privilegia a análise qualitativa e tem como foco refletir sobre as particularidades pela técnica análise de conteúdo dos resultados apurados por meio da observação, das entrevistas e dos documentos levantados. A análise de conteúdo vem sendo bastante utilizada nas pesquisas no campo da comunicação, educação, ciência sociais, dentre outras.

Nesse sentido, quando a análise de conteúdo é escolhida como procedimento de análise mais adequado, os dados em si constituem apenas dados brutos, que só terão sentido ao serem trabalhados de acordo com uma técnica de análise apropriada.

Para Chizzotti (2006, p. 98), a descodificação de um documento pode utilizar-se de diferentes

procedimentos para alcançar o significado profundo das comunicações nele cifradas. A escolha do procedimento mais adequado depende do material a ser analisado, dos objetivos da pesquisa e da posição ideológica e social do analisador.

Para Minayo (2001, p. 74), a análise de conteúdo é “compreendida muito mais como um conjunto de técnicas”. Na visão da autora, constitui-se na análise de informações sobre o comportamento humano, possibilitando uma aplicação bastante variada, e como funções a verificação de hipóteses e/ou questões e descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos. Tais funções podem ser complementares, com aplicação tanto em pesquisas qualitativas como quantitativas.

2.2.5 Questões éticas

Considerando a vulnerabilidade das crianças, a pesquisa empreendida com estes sujeitos envolve questões éticas próprias que devem ser respeitadas, tendo como base inclusive leis em vigor sobre a temática. Nesse sentido, como primeiro passo, autorização (Anexo 10) foi solicitada e concedida pela Secretaria Municipal de Educação para a realização do projeto de ação na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vercenílio da Silva Pascoal.

O material utilizado nas atividades com os estudantes contou com o apoio do corpo pedagógico da escola para não ter nada que pudesse expor ou causar constrangimentos, seguindo as diretrizes da escola e da Secretaria de Educação, assim como as atividades de vivências propostas e de aprendizado das técnicas dos gêneros jornalísticos, como entrevistas, fotografias e demais atividades ao ar livre, como parte do processo visando a elaboração do Jornal Escolar, que tem a participação de professor e do pesquisador para supervisionar a tarefa, nunca deixando o aluno sozinho e levando risco a sua integridade física e saúde.

Para a participação da intervenção, os estudantes foram informados em sala de aula sobre a proposta a ser implementada e perguntados se gostariam ou não de participar e que deveriam formalizar essa vontade. Foram instruídos de todo o processo de seleção, que constaria de inscrição e entrevista, e a permanência na escola em dias e horários estipulados para a atividade extraclasse. Também foi informado que o aluno é livre para recusar-se a participar e livre para abandonar a pesquisa no momento que desejar sem penalidades ou perda dos benefícios previstos.

Ainda foram informados que a participação deveria ser autorizada pelo pai/responsável por meio de termo de autorização (Anexo 8). Os pais/responsável também foram contatados para orientações e

esclarecimentos sobre o funcionamento do projeto e confirmar a participação do aluno. Esse consentimento é considerado obrigatório para participação, mesmo que já tenham dado essa autorização no ato da matrícula para uso da imagem e possível participação do educando em materiais e produtos da preparados pela Prefeitura de Vitória/Secretaria de Educação.

Professores e demais servidores também assinam termo de consentimento (Anexo 9) para confirmar a participação no projeto. Na realização do projeto, a escola segue a premissa de assegurar os direitos e garantias para o bem-estar do estudante, com apoio do profissional pedagógico, sempre que necessário, e alimentar, com a oferta de lanches/almoço durante a permanência do aluno na escola enquanto participa das atividades propostas pela intervenção.

Nesta intervenção com estudantes do ensino fundamental, o sigilo das informações, a garantia do anonimato e a proteção da identidade também mereceu o cuidado deste pesquisador. Esse cuidado, além de respeitar a questão ética e legal, ainda facilitou uma relação mais espontânea e descontraída entre pesquisado e pesquisador, mas mantendo o distanciamento e profissionalismo.

É preciso ressaltar a diferença entre anonimato e confidencialidade: no anonimato o pesquisador não estabelece uma ligação entre os achados e o sujeito a que eles se referem; na confidencialidade, embora o pesquisador possa estabelecer a ligação entre dados e sujeito, assume o compromisso de não os revelar. O que foi preservado neste estudo.

Uma vez que foram respeitadas as normas e as legislações para a garantia dos direitos das crianças, este projeto de ação não necessitou da análise e obtenção de parecer de ética junto à Comissão de Ética para as Ciências Humanas e Sociais (CEICSH).

2.3 A Escola Professor Vercenílio da Silva Pascoal

A Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Vercenílio da Silva Pascoal está localizada num ponto estratégico do bairro Joana D´Arc, que reúne ao seu redor lojas e estabelecimentos que prestam serviços em geral. Toda a comunidade local “vive” em função da unidade de ensino, que tem um forte papel para o desenvolvimento local e como fonte de saber. Assim, nos próximos pontos será possível perceber como ocorre a sua relação com os moradores e sua participação para a melhoria das situações que são encontradas ao seu redor, bem como a implementação de projetos que podem transformar a interação entre escola, alunos e comunidade.

2.3.1 A Escola – caracterização e contexto

A Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Professor Vercenílio da Silva Pascoal (Figura 4) está situada na rua José Martins Delazari, 200, no bairro Joana D'Arc (Figura 5, em Vitória (ES), Brasil, ocupando prédio próprio. O estabelecimento pertence ao Sistema Municipal de Ensino, criado pela Lei Municipal N° 03572, de 24 de janeiro de 1989, e o seu funcionamento aprovado pelo parecer do Conselho Estadual de Educação (CEE) N° 27/96, aprovado em 15/01/96 e regulamentado pela Resolução do N° 26/96 (Vitória, 1989). Na época de sua fundação, foi dirigida pelo professor José Luiz. Hoje, a atual diretora é a professora Maria Luiza de Lima Marques.

A criação desta unidade de ensino está vinculada à luta da Comunidade na qual está inserida, segundo resgate histórico elaborado pela servidora Eliane Aparecida Martins Matos, por meio de trabalho de campo quando participava de curso técnico em Secretaria Escolar, promovido pelo Instituto Federal de Educação do Espírito Santo (Ifes). Essa luta, de acordo com a profissional de educação, fez-se presente quando moradores se reuniram, entrando em contato com a Secretaria Municipal de Educação, delimitando inclusive o terreno em que a unidade de ensino poderia ser construída.



Figura 4: Fachada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Vercenílio da Silva Pascoal. Crédito: Deyvison Longui.

Este fato revelou para a autora a importância que a comunidade atribui ao direito de acesso e permanência à educação, haja visto a história da ocupação local, marcada pela presença de migrantes oriundos de várias partes do país ou do Estado, ora para exercer atividades de coleta e pesca local, devido à riqueza em espécies presentes no manguezal que faz limite com a escola, ora para servir de mão de obra para a indústria que se afluía no Estado do Espírito Santo.



Figura 5: O bairro Joana D´Arc na Região Administrativa de Maruípe da qual fa parte. Fonte: Portal do Observatório de Indicadores da Cidade de Vitória.

Neste sentido, o território onde a escola está localizada é marcado pela ocupação, conforme relatos dos moradores mais antigos, de acordo com o levantamento realizado e citado, seguindo a mesma trajetória dos bairros da Região São Pedro, a mais carente da cidade e que fica localizada na baía Noroeste de Vitória (a cidade é uma ilha), próximo a um dos canais do estuário do rio Santa Maria da Vitória (Figura 6), e seu adensamento e formação iniciou-se a partir do final da década de 1970 em função do depósito de lixo existente na área. Atualmente, o bairro (Joana D´Arc) onde está inserido a escola pertence a Região de Maruípe, uma das nove áreas administrativas criadas pela Prefeitura de Vitória para trabalhar o desenvolvimento regional do município.

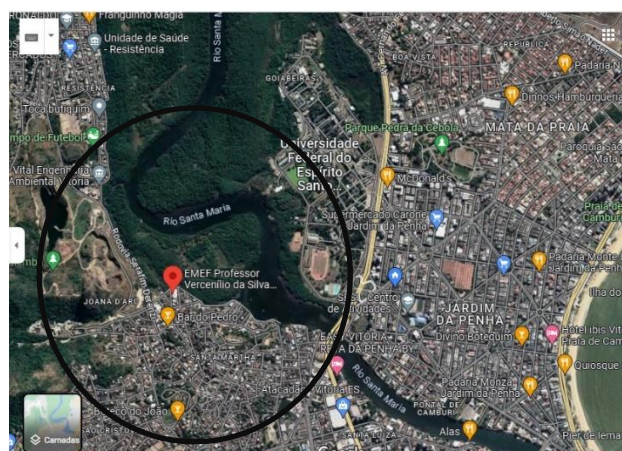


Figura 6: A Escola Vercenilio da Silva Pascoal inserida na geografia da cidade de Vitória. Destaque para a área do manguezal. Fonte: Google Maps.

Fazer este enquadramento/diagnóstico acerca da escola e do seu entorno é importante para este projeto porque para os moradores do bairro a unidade de ensino é considerada local de referência. Para a comunidade, a instituição de ensino é espaço de educação formal, de construção de cidadania, de acolhimento, de identificação da saúde do escolar. Assim, a escola acaba sendo um lugar de formação, de educação formal e de refúgio. Então, a escola torna-se muito mais que uma escola. É um bem do bairro, um patrimônio, o que leva a entender a importância da luta dos moradores para a construção de uma escola na região.

E por ser um bairro de menos visibilidade para o poder público e estar localizada em área de periferia, é a escola que faz o bairro se desenvolver economicamente. Embora esteja cercada por um manguezal e por um parque natural, foi ela quem proporcionou o crescimento local, com a instalação ao seu redor de vários tipos de comércio. É algo demais importante que existe no bairro, mais que a igreja, a pracinha, o projeto social lá realizado. Atua, ainda, como agregadora do todo o bairro.

2.3.2 Níveis de aprendizagem

Atualmente, a Escola Vercenílio da Silva Pascoal oferece o ensino fundamental de 9 anos (do 1º ao 9º ano) e também da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em dois segmentos com três níveis de aprendizagem em cada: inicial, intermediário e conclusivo, possibilitando ao aluno, que não pode participar da formação tradicional, concluir o ensino fundamental em seis anos durante o período noturno.

A escola funciona em três turnos: o primeiro horário, das 7h às 11h30; o segundo, das 13h às 17h30; e o terceiro das 18h às 22h. Atualmente, para o ano letivo de 2023, atende 470 alunos regularmente matriculados, distribuídos em 21 turmas, sendo 9 no matutino com 227 alunos; 9 no vespertino com 194 estudantes; e 3 no noturno, com 49 alunos. Os dados são provenientes do Painel Indicar Web, sistema de gestão da Secretaria Municipal de Educação, localizado no portal Planejamento Web¹⁹ da Prefeitura de Vitória.

Além da comunidade local, a escola atende também alunos oriundos dos bairros Resistência, Santa Marta, São Pedro, Mangue Seco, Andorinhas, São Cristóvão, Maruípe, dentre outros, a partir da oferta de vagas para matrícula disponível e não preenchida.

¹⁹ Disponível em www.planejamento.vitoria.es.gov.br

2.3.3 Contexto socioeconômico e cultural da realidade escolar

A escola está situada no bairro Joana D'Arc, localidade que surgiu em 1964, em decorrência de um loteamento clandestino da Imobiliária São José, conjugado a uma ocupação na parte baixa da região, próxima à área de mangue, conforme resgate histórico elaborado pela servidora Eliane Aparecida Martins Matos, durante curso técnico em Secretaria Escolar, promovido Instituto Federal de Educação do Espírito Santo (Ifes). Ocupa, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de acordo com o último Censo Demográfico²⁰ de 2010 (o Censo 2022 está em andamento), uma área de 1.075.125 metros quadrados e população em torno de 2.853 habitantes.

Segundo informações do Sistema de Gestão Escolar Municipal, por meio do Portal do Observatório de Indicadores da Cidade de Vitória (ObservaVix)²¹, em que as famílias e/ou alunos respondem um questionário socioeconômico no momento das matrículas, o perfil da comunidade escolar é o seguinte para o ano de 2023.

Em relação ao sexo e etnia/cor (Figura 7), a maioria é menino e a maior parte também se declarou pardo (branco vem em seguida, depois a cor preta). Sobre a renda familiar dos estudantes (Figura 8), o questionário apontou ser de 1 a 2 salários-mínimos (valor do salário-mínimo no Brasil: R\$ 1.320,00, o equivalente a € 236,00) a maior prevalência, depois de ½ a 1 salário-mínimo e ½ salário-mínimo na sequência. Em relação aos estudantes e ao número de pessoas que dependem da renda familiar regular, o levantamento realizado apontou que os lares que têm entre 3 e 5 indivíduos estão entre os que mais precisam da renda familiar, seguidos pelos domicílios com 1 a 2 duas pessoas e, depois, por 6 a 8 moradores (Figura 9). Muitos preferiram não dar informações sobre esta questão. No geral, essa renda é proveniente, em grande parte, de uma única pessoa, sendo a mãe a principal responsável e mantenedora da casa onde mora (Figura 10).

Distribuição de estudantes segundo sexo e raça/cor						
	Amarela	Branca	Indígena	Parda	Preta	Não Declarada
Estudantes do Sexo Feminino EMEF Regular	1	45	0	132	23	2
Estudantes do Sexo Masculino EMEF Regular	3	55	0	141	18	4

Figura 7. Situação dos alunos matriculados na Escola Vercenílio da Silva Pascoal. Fonte: ObservaVix.

²⁰ Ver <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/es/vitoria.html>

²¹ Disponível em www.planejamento.vitoria.es.gov.br

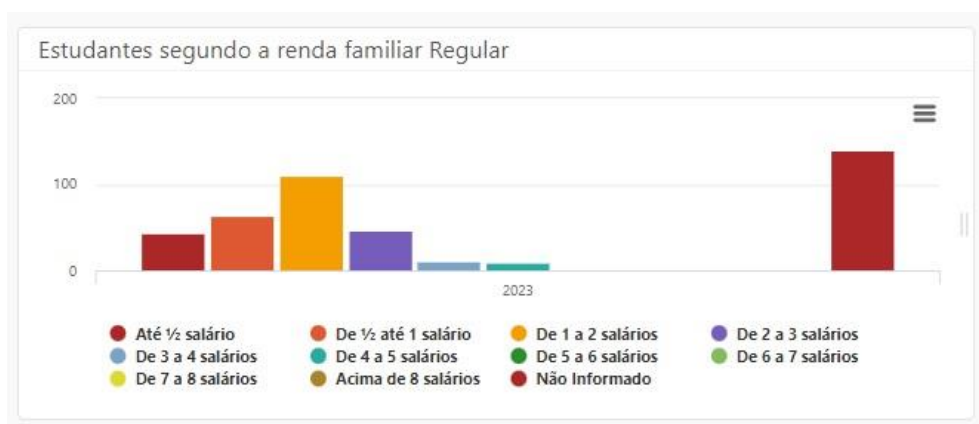


Figura 8. Estudantes Segundo a renda familiar regular. Fonte: ObservaVix.



Figura 9. Estudantes segundo o número de pessoas que dependem da renda familiar regular. Fonte: ObservaVix.

	O/A próprio/a estudante	Mãe	Pai	Mãe e pai juntos	Avô e/ou avó	Coordenador/a do Centro de Vivência(Casa de acolhimento Institucional)	Outro	Não Informado
Regular	0	137	40	89	16	0	0	0
EJA	11	8	1	0	1	0	0	0

Figura 10. Distribuição dos estudantes segundo a pessoa responsável pelo domicílio do estudante. Fonte: ObservaVix.

No que diz respeito à escolaridade do responsável, a maioria preferiu omitir essa informação. Contudo, os dados, de acordo com a tabela (Figura 11), apontam para a seguinte ordem: em primeiro o ensino médio completo, seguido pelo fundamental incompleto, depois fundamental completo e ensino médio incompleto. Quando perguntados sobre a condição da moradia (Figura 12), novamente a opção “Não

Informada” prevaleceu, seguida pela resposta casa própria e depois pela residência alugada. Se possuíam acesso à internet (Figura 13), as opções Não Informado, Não Possui, Possui acesso e Possui acesso por dados móveis alcançaram o mesmo patamar, com discreta oscilação entre eles. O uso de rede wi-fi aberta ficou na última colocação.

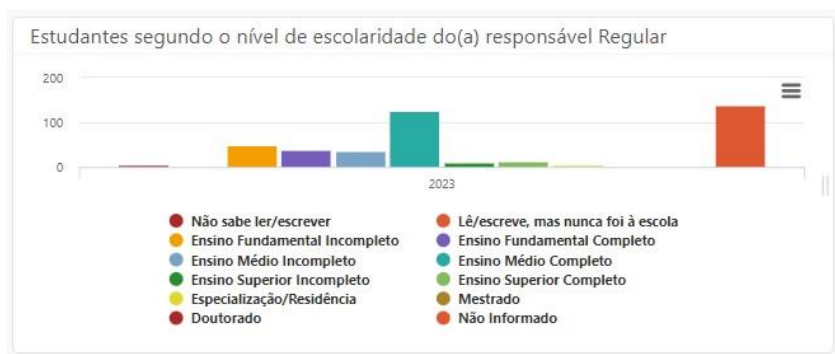


Figura 11. Estudantes segundo o nível de escolaridade do (a) responsável regular. Fonte: ObservaVix.

	Financiada	Alugada	Cedida	Própria	Outro	Não Informado
Regular	0	102	58	124	0	139

Figura 12. Distribuição dos estudantes segundo a condição de ocupação do domicílio. Fonte: ObservaVix.

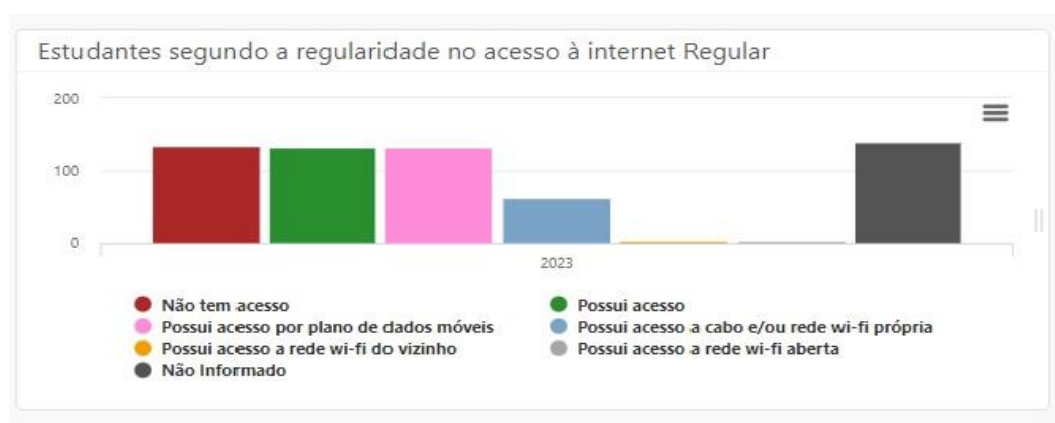


Figura 13. Estudantes segundo a regularidade no acesso à internet regular. Fonte: ObservaVix.

2.3.4 Corpo docente, técnico e administrativo

Os servidores da escola são lotados na Secretaria Municipal de Educação. Os profissionais que atuam na regência de classe, na área pedagógica e na coordenação de atividades diárias têm a formação mínima exigida de graduação. Os que atuam nas séries iniciais possuem graduação em Pedagogia e os das séries finais têm licenciatura nas áreas específicas. Alguns profissionais têm pós-graduação *lato sensu* (Especialização) e *stricto sensu* (Mestrado ou Doutorado).

Os técnicos que atuam na Secretaria Escolar têm escolarização mínima de nível Médio e formação específica visando atender ao suporte administrativo necessário à regularização da vida escolar dos alunos e funcionários. Os demais profissionais que atuam nos serviços gerais, preparo da merenda e vigilância patrimonial estão vinculados a empresas terceirizadas contratadas pela Prefeitura de Vitória, conforme informações sobre a escola disponível no portal PlanejamentoWeb²² e no perfil de escolas apresentadas no IndicadorWeb²³.

2.3.5 A participação da Biblioteca

A unidade de ensino possui uma biblioteca escolar, com profissional graduado e concursado. A Biblioteca é parte integrante do trabalho pedagógico e de estratégias educacionais escolares, no sentido em que o conhecimento aprendido na escola e desenvolvido ao longo da trajetória do educando propicie a prática social e cultural e o desenvolvimento de pessoas críticas e conscientes. O local pode ser utilizado por alunos, professores, gestores e pela comunidade escolar para além do espaço de pesquisa.

São muitas as atividades educativas que são desenvolvidas pela biblioteca escolar (que podem ser verificadas no Plano de Ação da Escola, disponível em PlanejamentoWeb e que detalha os projetos a serem realizados nos próximos anos). Entre tantas, destaca-se a leitura. Professores, bibliotecários, coordenadores e todos os profissionais do ensino trabalham em conjunto. Atividades voltadas para auxiliar o ensino e a aprendizagem que complementam o conteúdo trabalhado em sala de aula preveem recursos que podem ser oferecidos pela biblioteca. Assim, a equipe pedagógica da escola, sobretudo os professores, trabalham em conjunto com os profissionais da biblioteca, pois este espaço é entendido e utilizado com um espaço cultural e de formação, conforme prevê as Diretrizes das Bibliotecas Escolares da Rede Municipal de Ensino de Vitória.

²² Disponível em www.planejamento.vitoria.es.gov.br

²³ Disponível em www.observavix.vitoria.es.gov.br

Deste modo, a biblioteca constitui-se em espaço de estudos, informação, cultura e lazer que tem por objetivo proporcionar aos indivíduos tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que estão inseridos, auxiliando na construção de conhecimento integral, capaz de instrumentalizar e apoiar as ações e práticas pedagógicas, de acordo com as Diretrizes Pedagógicas do Ano Letivo de 2023.

2.4 O contexto educativo da escola

Em uma sociedade cada vez mais “plugada”, conectada, é fundamental que as escolas apresentem e ensinem os alunos a produzir, interpretar e refletir sobre conteúdos que chegam diariamente pelas redes sociais, internet e demais veículos de comunicação. Esse processo de ensino e de aprendizagem envolve um desenvolvimento educativo e também da literacia mediática, visando estimular o senso crítico para que crianças e jovens sejam capazes de estabelecer relações, analisar informações, entender a natureza da mídia e refletir sobre o papel de quem produz o conteúdo e de quem está recebendo essa enorme gama de informações.

Para isso, é necessário que estes ensinamentos estejam ancorados e articulados em programas e documentos normativos para as redes de ensino e suas instituições para a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para a educação em todas as suas fases – infantil, fundamental e médio. Assim, planos de educação de cada cidade e Estado brasileiro devem estar de acordo com o parâmetro nacional e também com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), para que alunos tenham acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

A forma que estes aprendizados ligados às competências da literacia mediática estão articulados com as grades curriculares propostas, bem como a relação com a comunidade, estão relatadas nos próximos pontos, nos quais tentamos apresentar um panorama da situação no Brasil, como está relacionada na BNCC, que propõe ações voltadas para a ampliação de habilidades a partir do conhecimento, pensamento científico, crítico e criativo, repertório cultural, comunicação e cultura digital, e ainda, no plano de educação adotado pela cidade de Vitória.

2.4.1 Panorama da Educação no Brasil

A educação está na pauta das discussões mundiais e no Brasil não seria diferente, com debates recorrentes sobre o papel que ela desempenha no desenvolvimento das pessoas e das sociedades. O

ensino no Brasil, que em outros contextos históricos era muito mais precário, atualmente apresenta avanços significativos no que diz respeito a fatores como infraestrutura, formação de professores, material didático, inovações tecnológicas, entre outros aspectos que deveriam favorecer a aprendizagem.

Apesar dos investimentos e incentivos, segundo divulgação do Ministério da Educação e disponíveis no Portal da Transparência²⁴ do Governo Brasileiro, os dados de aprendizagem obtidos através de avaliações, como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), apontam resultados que não condizem com os esforços governamentais e os investimentos feitos na área²⁵. O ensino ofertado nas escolas públicas continua a não dar conta dos aspectos mais básicos e primordiais da aprendizagem, como aquisição de leitura e escrita, por exemplo. O país ficou na 53^a posição²⁶ na última avaliação do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA). Entre as nações latino-americanas, superou a Argentina e a Colômbia. Está 19 pontos atrás do México, que ocupa o 49º lugar; a 26 pontos do Uruguai (47º), e a 38 pontos do Chile (45º). A avaliação foi realizada em 65 países, 34 deles da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Vivemos hoje em uma sociedade do conhecimento em que há exigências de um indivíduo crítico, criativo, reflexivo, íntegro e autônomo. Nessa linha, o Ministério da Educação promoveu uma revisão dos currículos que orientam o trabalho cotidianamente realizado pelos professores e especialistas em educação no país. Em 2018, foram lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)²⁷, com a intenção de ampliar e aprofundar um debate educacional que envolva escolas, pais, governos e sociedade e dê origem a uma transformação positiva no sistema educativo brasileiro. O PCN é o documento normativo máximo da educação brasileira, que tem como principal o objetivo, a orientação do trabalho do cotidiano de professores e especialistas em educação.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam jovens terem acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

²⁴ Ver <https://portaldatransparencia.gov.br/funcoes/12-educacao?ano=2022>

²⁵ Ver <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/04/24/gasto-com-educacao-recua-pelo-50-ano-consecutivo-e-e-o-menor-em-dez-anos-mostra-levantamento.ghtml>

²⁶ Disponível em <https://www.oecd.org/pisa/>

²⁷ Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>

2.4.2 Base Nacional Curricular Comum

Em paralelo ao Plano Curricular Nacional (PCN), está a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)²⁸, documento que organiza os conteúdos em relação ao ano escolar, ou seja, para cada ano da vida escolar há uma enumeração de assuntos a serem abordados e conseqüentemente apreendidos pelos alunos. Assim, a BNCC estipula um conjunto essencial de conhecimentos e habilidades para todos os alunos da educação básica no Brasil.

No caso específico deste projeto de intervenção, a atual BNCC entende que diferentes formatos e gêneros textuais fazem parte da vida das pessoas e devem ser explorados também em sala de aula. Então, histórias em quadrinhos, receitas, produção digital, como e-mails, blogues, podcasts, memes e vlogs, jornais e outros formatos típicos da cultura do jovem atual podem ser abordados.

De acordo com a proposta do documento, o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas, campos sociais de atividade, comunicação e uso da linguagem. Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas e campos de atividades humanas.

E nesse sentido, a BNCC aponta que a escola precisa contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produções, não só na perspectiva de atender às muitas demandas sociais, mas também para fomentar a demanda e outras expectativas que cercam essas práticas e usos para com seus alunos, visando dar condições para que ele possam refletir sobre os limites entre liberdade e expressão, no aprendizado e no debate de ideias, considerando posições e argumentos contrários, além de ajudar no reconhecimento dos discursos que se apresentam no dia a dia.

Assim, a BNCC considera que a comunicação, a cultura digital e a argumentação possuem relação direta com a literacia mediática dos estudantes. Para isso enumera algumas competências para o seu desenvolvimento:

- Competência número 4: Comunicação:

Com a Comunicação busca-se utilizar diferentes linguagens para se expressar e partilhar informações,

²⁸ Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa>

experiências, ideias, sentimentos e produzir sentidos que levem ao entendimento do todo.

- Competência número 5: Cultura Digital

A Cultura Digital oferece compreensão das tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética. Assim, o estudante passa a se comunicar, acessar e produzir informações e conhecimentos a fim de resolver problemas e exercer protagonismo e autoria.

- Competência número 7: Argumentação

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis é fundamental para formular, negociar e defender ideias. Dessa maneira, o estudante mostra seu ponto de vista sobre as temáticas atuais, criando consciência crítica.

2.4.3 A Educação em Vitória

Em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo e cidade em que a Escola Vercenílio da Silva Pascoal está localizada, a Secretaria Municipal de Educação (SEME) segue as diretrizes e parâmetros da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas, dentro das normas estabelecidas, também promove a diversificação, para que seus profissionais da educação façam a definição dos conteúdos que são relevantes para a realidade em que estão inseridos.

O município dispõe do Plano Municipal de Educação de Vitória (PMEV)²⁹, aprovado por meio da Lei 8.829/2015, que estabelece diretrizes, com metas e estratégias para dez anos (até 2025), podendo passar por nova atualização após o fim da sua vigência. O PMEV também possibilita o desenvolvimento de atividades curriculares que potencializam o conhecimento dos estudantes e, ainda, incentiva práticas pedagógicas com abordagens interdisciplinares visando ampliar o conhecimento a ser adquirido pelo aluno. Foram ainda estabelecidas as Diretrizes Pedagógicas do Ano Letivo de 2023 e as Diretrizes Curriculares - Ensinos Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, citadas anteriormente.

2.5 Um Diagnóstico da Escola Vercenílio da Silva Pascoal

Com base nos levantamentos realizados a partir da recolha de dados, foi possível obter informações que permitiram a identificação e a formulação de um diagnóstico. Esse diagnóstico revelou que a escola escolhida para a implementação deste projeto – Vercenílio da Silva Pascoal, em Vitória, no Espírito Santo

²⁹ Disponível em <https://sistemas.vitoria.es.gov.br/atosnormativos/arquivos/2015/L8829.PDF>

–, embora contasse com alguns recursos tecnológicos disponibilizados pelo sistema educacional local para oferta de projetos e atividades, não realizava até o momento desta intervenção qualquer iniciativa que proporcionasse aos seus alunos novos aprendizados no campo da comunicação, mais especificamente do jornalismo.

Assim, pude observar que a inexistência de iniciativas voltadas para a área da comunicação ocasionava a falta de impulso para o desenvolvimento de competências da literacia mediática, sejam elas ofertadas por meio de jornal escolar, rádio escola, canal no YouTube ou outro estímulo para novos aprendizados a partir desta área específica, além de mais oportunidades de ligação com a comunidade onde a escola está inserida.

Sobre este último ponto, relação escola/aluno e comunidade, pude constatar que este vínculo acontece nos eventos que a unidade escolar promove, como Dia da Família, encontros culturais e folclóricos, mas nem sempre seguindo um calendário pré-definido, além de outras reuniões ou momentos visando o repasse de informações, principalmente aos pais/responsáveis, para fortalecer a ligação com as famílias dos estudantes, como reuniões periódicas da área pedagógica.

Também detectei que a escola tenta fazer essa aproximação por meio das mídias sociais, mas que essa interação ocorre de forma tímida e com publicações esporádicas, não seguindo uma proposta de publicação de conteúdos previamente preparados. Verificou-se ainda que, quando há necessidade, é feita uma publicação/divulgação nas redes sociais. A relação dos alunos com comunidade ocorre a partir da realização desses eventos, que contam com a participação dos estudantes, sugerindo e contribuindo para a sua elaboração, bem como a sua divulgação.

O levantamento realizado possibilitou identificar, ainda, na fase documental, quando da análise feita de um teste aplicado pela escola no início do ano letivo para a disciplina de Língua Portuguesa, que os alunos do 6º ao 9º ano que fazem parte da amostra proposta têm pouco conhecimento sobre os gêneros textuais e jornalísticos e suas finalidades, bem como de outras competências da literacia mediática que deveriam estar consolidadas de acordo com a diretriz curricular a ser seguida para cada ano escolar.

Constatou-se que este público possui uma defasagem de conhecimento de competências principalmente em quesitos que dizem respeito ao sentido das palavras ou expressões; inferência no sentido das pontuações e formação dos parágrafos; leitura de textos com linguagem verbal e não verbal; fatos e opiniões; uso de advérbios; figuras de linguagens; e pouco conhecimento sobre os gêneros textuais e jornalísticos e suas finalidades no âmbito da sua empregabilidade, quando deveriam reconhecer o que é uma notícia, distinguir fato e opinião, saber o que é fábula, identificar informações explícitas e a finalidade

do texto para exemplificar.

A partir destas caracterizações, percebeu-se a necessidade de encontrar na literatura estudos que estivessem relacionados à competência da literacia mediática de estudantes e que, por meio deles, pudessem ser trabalhados visando encontrar instrumentos e condições para mensurar os níveis de competência e as condições que podem facilitá-la ou impedi-la nos alunos durante as atividades propostas para a confirmação do tema desta pesquisa, bem como da questão de partida deste projeto de intervenção.

Deste modo, encontrei na literatura de Pereira, Pinto & Moura (2015) aspectos plausíveis para perceber as competências da literacia mediática dos estudantes e também como ela pode possibilitar as práticas de cidadania e, ainda, na integração entre aluno/escola e comunidade. Estes autores apontam seis dimensões que devem estar articuladas tanto no nível da leitura crítica quanto da produção criativa e observadas em ações e atividades a serem desempenhadas pelos estudantes para o seu cumprimento.

Essas dimensões dizem respeito: a tecnologia (compreensão do funcionamento das ferramentas de comunicação para entender como as mensagens são criadas e utilizá-las para se comunicar); linguagem (conhecimento dos códigos, das diferentes estruturas narrativas, das categorias e dos gêneros que compõem os diversos produtos midiáticos); ideologia e valores (compreensão das intenções e dos interesses contidos nas mensagens midiáticas); processos de interação (habilidade de participar e interagir com os conteúdos midiáticos); processos de produção e difusão (conhecimento das rotinas e dos processos da produção e difusão midiática); e estética (reconhecimento da qualidade estética e avaliação da inovação e originalidade de produtos midiáticos).

Então, com base na informação recolhida anteriormente, aliada à observação e na análise do cumprimento das dimensões apontadas por Pereira, Pinto & Moura (2015) e dos indicadores elencados a partir delas, espera-se alcançar novos elementos, informações e aspectos que comprovem a mudança desejada no grupo de alunos que fazem parte da amostra proposta para esta intervenção, ao final da Implementação do projeto e, conseqüentemente, análise e comparação de dados. E, desta forma, poder apontar que a intervenção proposta gerou novas habilidades com a implementação de um Jornal Escolar.

Durante as reuniões realizadas com o corpo pedagógico e direção, postulou-se que a implantação do Jornal Escolar pudesse enfatizar o protagonismo escolar, na temática Tecnologias Educacionais, a partir do Projeto de Vida, previsto nas Diretrizes Curriculares já citado anteriormente na análise documental. Neste tema, o documento faz referência a era atual da informação e do conhecimento, além do impacto das tecnologias na educação, destacando o uso de diversas linguagens, na aprendizagem de novos

conceitos e no desenvolvimento de diferentes práticas pedagógicas e curriculares, cibercultura, mídias digitais, convergência tecnológica, cultura *maker* e a influência das mídias no comportamento das crianças/estudantes, durante as ações a serem desenvolvidas pela disciplina de Língua Portuguesa no ano letivo de 2023.

Assim, as atividades do Jornal Escolar teriam as apresentações dos gêneros jornalísticos e atividades ligadas à produção textual e à leitura, com a participação deste pesquisador, do professor e da bibliotecária em encontros semanais eventuais, com as devidas autorizações e consentimentos dos pais/responsáveis.

Assim, associar novos conhecimentos ao ensino para melhorar a comunicação se faz necessário não só para atender a demanda social e a inclusão dos alunos, mas, também, para a formação de cidadãos competentes capazes de colaborar o desenvolvimento local.

Capítulo 3.

O Jornal Escolar – A implementação

Após a conclusão da fase de Diagnóstico, que definiu a problemática a ser trabalhada, seguiu-se a etapa seguinte: de ação, implementação e observação, que implica a criação de um Jornal Escolar. Isto implica a utilização dos gêneros jornalísticos Notícia, Entrevista, Reportagem, Artigo de Opinião, Editorial, Crônica, Fotografia e Charges/Ilustração. Com o aperfeiçoamento do uso dos gêneros jornalísticos os estudantes podem produzir seus textos para o Jornal Escolar, ferramenta de interação entre alunos/escola e a comunidade e para a consolidação de competências da literacia mediática.

O plano de ação de foi implementado e que passo a descrever procura equilibrar os dois lados dessa ferramenta: mídia feita pelos alunos e instrumento de ensino-aprendizagem. O modelo de jornal proposto para produção busca ser equilibrado no que diz respeito a participação do pesquisador, do professor e dos alunos na sua autoria e no quanto ele refletirá o jornal convencional, no que se refere a prática do letramento midiático e jornalístico.

Seguindo essa linha de orientação, o jornal proposto é pensado como um esquema que envolve diversos gêneros e a organização de um jornal convencional, mas que também serve de mídia própria dos alunos e, portanto, como um instrumento de suas identidades e protagonismo. Nesta sugestão, foi considerado um conjunto de gêneros do jornal tradicional que oportuniza, aos alunos, conhecer essa mídia por meio de cada um dos gêneros já descritos.

Assim, nesta fase, as atividades foram programadas para dois encontros semanais, às terças e quartas-feiras, das 14h às 16h, e contam com aulas expositivas e o estudo de textos que estão inseridos na esfera jornalística, seguindo os seguintes eixos metodológicos orientadores: a) Leitura e interpretação; b) Produção textual contextualizada; c) Análise Linguística. Dessa perspectiva, a leitura prévia dos gêneros possibilita ter conhecimentos de modos de dizer, ver, entender, argumentar ou descrever a situação apresentada nos textos de cada característica.

Dessa maneira, depois da familiaridade dos alunos com os gêneros jornalísticos, eles produzem, na medida do possível, seus próprios textos. Após a prática de escrita, segue-se para análise linguística, que terá como base os próprios conteúdos escritos pelos alunos, identificando-se as questões problemáticas e equivocadas que neles estão. A prática de análise linguística tem por objetivo final e essencial a reescrita do texto pelo aluno. Reescrevendo-o, irá incorporar os elementos estudados.

Então, o objetivo é possibilitar aos alunos a capacidade de compreensão ativa e crítica dos textos jornalísticos, como também orientá-los e auxiliá-los na produção desses mesmos gêneros de textos de forma consistente, uma vez que eles também farão a composição do primeiro número do Jornal Escolar, com a organização em grupos para sair a campo e coletar informações para a edição: buscar junto à comunidade local dados e temas para a produção das reportagens; entrevistar moradores e personalidades locais de acordo com as pautas/assuntos escolhidos; fazer os registros fotográficos e a redação dos assuntos apurados; e, por fim, a edição do Jornal Escolar e posterior circulação deste produto.

3.1 A formação do Clube do Jornal

Como forma de convidar os alunos a participarem do projeto de criação do Jornal Escolar, e de envolvê-los nas atividades e oficinas voltadas para a sua implementação, incentivando o desenvolvimento pessoal e acadêmico do estudante, foi criado pela primeira vez o “Clube do Jornal VSP” (Figura 14), na EMEF Prof. Vercenílio da Silva Pascoal. Desta forma, o “Clube do Jornal VSP” passou a fazer parte do programa de protagonismo escolar da escola, que o professor de Língua Portuguesa, bibliotecária, direção e corpo pedagógico aceitaram desenvolver, durante o ano letivo de 2023, por entenderem que este projeto de intervenção proposto por este pesquisador era algo inovador para esta unidade de ensino, além de ser um produto da área de comunicação mais atraente para os alunos nas atividades a serem realizadas no contraturno.

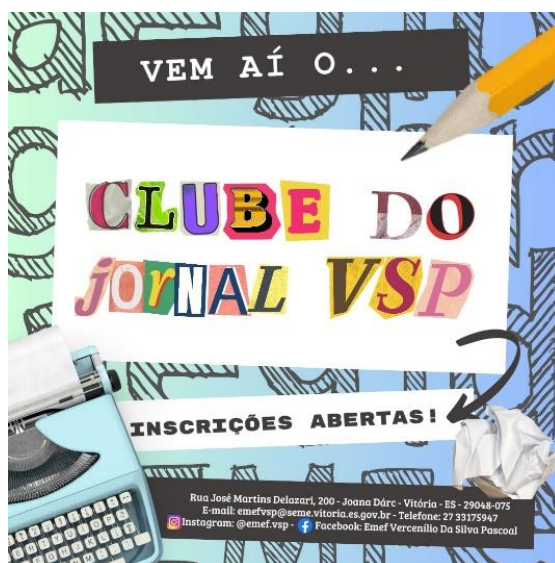


Figura 14. Arte do cartaz criada para convidar os alunos a participarem do Clube do Jornal.

Assim, o “Clube do Jornal VSP” passou a ser oficialmente instalado, tendo sempre às terças e às quartas-feiras como dias de realização das atividades propostas, no período das 14h às 16h, nos dois dias de realização, em local que pudesse receber os alunos participantes de forma confortável e com recursos disponíveis para sua implementação. A criação de um Clube do Jornal em um ambiente escolar promove várias vantagens importantes para os alunos, que, embora possa ser um grande desafio para eles, também não deixa de ser estimulante pois ajuda a expandir seus horizontes e a melhorar suas habilidades. Algumas delas incluem:

- criatividade: ao escrever artigos e criar *layouts*, os alunos têm a oportunidade de expressar sua imaginação e originalidade, além do senso crítico a partir de seus valores;
- liderança: tem a oportunidade de assumir papéis de destaque (que são importantes em muitas áreas da vida) e trabalhar em equipe para elaborar um produto;
- curiosidade: os estudantes precisam realizar pesquisas e coletar informações relevantes para a escrita dos artigos jornalísticos; assim serem bons “farejadores” é parte fundamental do processo de aprendizado;
- bons leitores: ao se envolverem em um projeto criativo e produtivo, os alunos podem se sentir mais motivados a ler e escrever em suas vidas cotidianas; e
- bons escritores: escrever para um público maior e em um formato diferente pode ser um grande desafio e ainda estimulante, ajudando os alunos a expandir seus horizontes e melhorar suas habilidades textuais.

3.1.1 Apresentação do “Clubinho”

Com a definição do “Clube do Jornal VSP”, teve início a apresentação da proposta para os alunos do 6º ao 9º ano (Figura 15), público-alvo deste projeto de intervenção. Ao final, uma mini redação foi montada para que eles pudessem fazer a preparação, produção e publicação do primeiro número do Jornal Escolar, cujo nome foi escolhido pelos alunos participantes.

Dessa forma, a cada apresentação do Clube para as turmas era possível perceber e observar o interesse dos alunos em participar e também suas indagações sobre o projeto, independentemente do ano/série, se era do 6º ou do 8º ano, por exemplo, para entenderem se poderiam ficar fora de casa e não prejudicariam o apoio dado ao pai ou mãe durante o período em que estariam na escola: quando aconteceria; o tempo de execução; se precisava ter alguma habilidade específica; que tipo de atividades

haveria; alimentação; transporte. Muitos deles disseram que teriam contato pela primeira vez com um jornal participando do projeto. Outros enfatizaram que a participação iria melhorar alguma habilidade, seja leitura, escrita, timidez, interação.

Foi enfatizado que as inscrições estariam abertas entre os dias 21 e 24 de março e que procurassem a Biblioteca para retirar a ficha de inscrição (Figura 16), levar para casa e preencher após conversa e consentimento do pai/mãe ou do responsável. Também foi informado que, dependendo do número de interessados, haveria um bate-papo para conhecer melhor o aluno e saber das suas expectativas com o Clube do Jornal. As fichas de inscrição deveriam ser entregues na semana seguinte (27 a 31 de março), durante as aulas de Língua Portuguesa.



Figura 15: Apresentação do Clube do Jornal para a turma do 8º ano. Crédito:ter Deyvison Longui.

EMEF PROFESSOR VERCENILIO DA SILVA PASCOAL
BIBLIOTECA FRANCISCO AURÉLIO RIBEIRO
PROJETO JORNAL DA ESCOLA

FICHA DE INSCRIÇÃO

NOME:	
TURMA:	DATA DE NASCIMENTO:
IDADE:	CEL:
ENDEREÇO:	
N.	BAIRRO:
CIDADE:	CIDADE:
CEP:	
EMAIL:	

Figura 16, Ficha de inscrição para participar do Clube do Jornal.

3.1.2 Conhecendo os alunos

Inicialmente, 30 alunos do 6º ao 9º ano demonstraram interesse em participar do Clube do Jornal e procuraram a Biblioteca para retirar a ficha de inscrição. Desses, 23 retornaram com o consentimento do pai/mãe/responsável, sendo cinco estudantes do 6º ano; nove do 7º ano; cinco do 8º ano; e quatro do 9º ano. As idades variavam entre 11 e 15 anos.



Figura 17. Conversa com aluna sobre o interesse e expectativa em participar do Clube do Jornal. Crédito: Ana Lúcia de Araújo.

Foi iniciada então a etapa seguinte que era o bate-papo/conversa (Figura 17) com cada um dos interessados, para conhecê-los melhor e saber sobre suas expectativas. Durante as “entrevistas”, nas quais participaram o autor deste projeto, o professor de Língua Portuguesa e a bibliotecária, os alunos entravam individualmente em uma sala de aula (escolhida aleatoriamente e por estar vaga) e respondiam a algumas perguntas simples, que tiveram a finalidade de deixá-los mais confortáveis e também dar subsídios para a escolha.

Foram estas as perguntas: Por que você gostaria de participar do Clube do Jornal? De 0 a 10, como você avalia seu texto/escrita? Tem interesse por leitura e quantos livros já leu esse ano? Você se considera criativo e por quê? Você tem habilidades para liderar e/ou trabalhar em equipe? Você tem disponibilidade em vir a escola no contraturno? Você se compromete a participar dos encontros e das ações do projeto?

As respostas foram pouco variadas e seguiram um padrão:

- Querem participar para aprender mais; por ser algo novo que nunca fizeram; para poderem melhorar habilidades (escrita e leitura, principalmente, mas também interagir mais); aprender coisas novas para poderem informar as pessoas sobre o que está acontecendo; para levar para as pessoas informações que melhorem sua vida.

- Disseram que possuem um bom texto, mas que precisam melhorar em questões como pontuação, caligrafia, parágrafo e vocabulário; no geral deram nota de 5 a 8 (no total de 10 pontos) na produção.

- Gostam de ler; ficção, romance, aventura, história, histórias em quadrinhos e biografia fazem parte do cardápio; em média leem de 3 a 5 livros por ano.

- São criativos na medida do possível; ao lerem sobre um assunto, gostam de imaginar como seria; têm facilidade em inventar histórias e personagens.
- Alguns disseram ser muito organizados; que preferem organizar o grupo; que gostam das coisas do seu jeito; se pedirem para fazer uma atividade, vai fazer bem-feito; que gostam de ajudar o amigo/colega na tarefa; que colaboram.
- A maioria disse ter disponibilidade em participar do projeto e que se consideravam comprometidos.

3.1.3 Os participantes e a definição das atividades

Foram escolhidos 16 alunos para integrarem o primeiro “Clube do Jornal VSP”, ficando os demais como suplentes, caso houvesse alguma desistência da equipe inicial. Foram escolhidos alunos de todas as turmas – do 6º ao 9º ano -, que foram contemplados não porque tiram as melhores notas ou participam mais. Há estudantes com mais facilidade de leitura, outros com dificuldade e aqueles que não conhecem pontuação de uma forma adequada. Eles foram avisados pessoalmente sobre o resultado. Teve aluno que vibrou muito quando foi informado que havia sido selecionado para participar do Clubinho, outros pularam de alegria. Isso demonstra o quanto queriam fazer parte de algo que pudesse agregar em sua vida. Os alunos suplentes foram informados pessoalmente para que pudessem fazer algum questionamento, caso quisessem. A reação demonstrada pode ser considerada natural, e não consideraram estar de fora do projeto e apontaram que poderiam integrar o grupo ainda neste ou em outro momento.

Desse total, quatro estudantes (todos meninos) são do 6º ano e têm idades entre 11 e 12 anos; seis (três meninos e três meninas) são do 7º ano, com 12 e 13 anos; três (um menino e duas meninas) do 8º ano, entre 13 e 14 anos; e três (dois meninos e uma menina) do 9º ano, com idades entre 13 e 15 anos. Por gênero, a relação geral ficou 10 meninos e 6 meninas. O quantitativo de alunos foi delimitado em 16 participantes, para que a escola pudesse fornecer alimentação/lanche após o período de atividades, uma vez que o projeto é realizado no contraturno.

Também foi definido o calendário das atividades (Tabela 4) do Clube do Jornal, que teve encontro às terças e quartas-feiras, sempre no período das 14h às 16h (das 13h às 14h ocorre preparação do espaço/sala para chegada dos alunos), para apresentação e exercícios sobre os gêneros Notícia, Entrevista, Reportagem, Opinião, Crônica e Fotografia e Charges/Ilustração.

Calendário de Atividades do Clube do Jornal VSP	
Data	Atividade/Oficina
Terça (11/04)	Recepção de boas-vindas, apresentação dos participantes, dinâmicas e definição combinados e metas.
Quarta (12/04)	Apresentando um jornal: gêneros, formatos, seções/editorias, <i>layouts</i> e etc.
Terça (18/04)	Apresentação do gênero Notícia.
Quarta (19/04)	Atividades e exercícios sobre o gênero notícia.
Terça (25/04)	Apresentação do gênero entrevista.
Quarta (26/04)	Atividades e exercícios sobre o gênero entrevista.
Terça (02/05)	Apresentação do gênero Reportagem.
Quarta (03/05)	Atividades e exercícios sobre o gênero Reportagem.
Terça (09/05)	Atividades e exercícios sobre o gênero Reportagem.
Quarta (10/05)	Atividades e exercícios sobre o gênero Reportagem.
Terça (16/05)	Apresentação do gênero Opinião.
Quarta (17/05)	Atividades e exercícios sobre o gênero Opinião.
Terça (23/05)	Atividades e exercícios do gênero Editorial.
Quarta (24/05)	Visita à Rede Gazeta (Portal A Gazeta/G1 ES/TV Gazeta e Rádios).
Terça (30/05)	Fotografia/Atividades e exercícios.
Quarta (31/05)	Charge/Atividades e exercícios.
Terça (06/06)	Apresentação do gênero Crônica.
Quarta (07/06)	Atividades e exercícios sobre o gênero Crônica.
Terça (13/06)	Definir as funções que os alunos terão na produção do jornal/Escolha do nome.
Quarta (14/06)	Definição das seções e dos assuntos que serão tratados na primeira edição.
Terça (20/06)	Início da produção do jornal, com saídas em campo na comunidade e escola para as entrevistas, fotografias e etc.
Quarta (21/06)	
Quinta (22/06)	
Terça (27/06)	Escrita dos textos apurados.
Quarta (28/06)	
Quarta (05/07)	Edição dos textos.
Quinta (06/07)	
Quarta (12/07)	Definição layout das páginas/Diagramação.
Quinta (13/07)	

Sexta (14/07)	Revisão e Pré-impressão.
De 15 a 23/07	Férias escolares.
Quarta (26/07)	Revisão final e envio para gráfica.
Quarta (02/08)	Aprovação da prova jornal/gráfica e liberação para impressão.
Quinta (03/08)	Planejamento para distribuição.
Quinta (10/08)	Distribuição na Escola e na Comunidade.
Quarta (16/08)	Avaliação primeira edição/Planejamento da segunda edição.
Quinta (17/08)	Confraternização.

Tabela 4. Calendário de Execução.

3.2 O início – conhecendo o que vão aprender

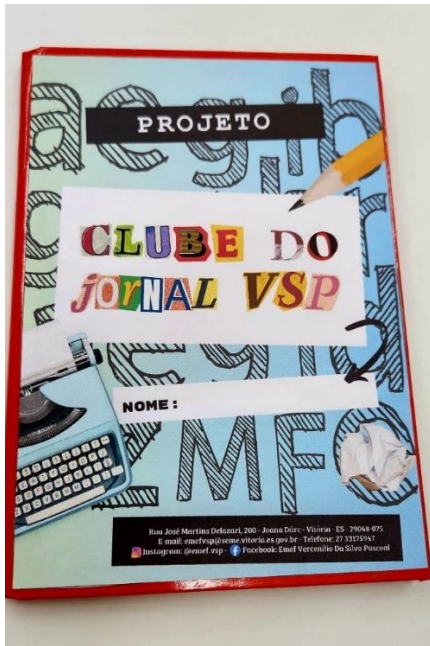
3.2.1. Boas-vindas, dinâmicas e combinados

O primeiro encontro do Clube do Jornal aconteceu numa semana em que circulava pela internet uma lista de supostos ataques³⁰ a escolas e Estados onde poderiam ocorrer, inclusive com datas que estariam marcadas para o acontecimento destes episódios em massa e, até mesmo, o perfil de possíveis agressores. Diante disso, pais, professores e alunos ficaram alarmados com o compartilhamento em grupos de WhatsApp³¹ de milhares de mensagens, fotos, vídeos e áudios falando de supostas ameaças de ataques a unidades de ensino que poderiam existir nos dias seguintes, o que ocasionou o fechamento de algumas escolas e a pouca frequência de alunos. Semanas antes, ocorreram situações de invasão a escolas em duas cidades do país, ocasionando inclusive mortes.

Essa situação foi vivenciada na escola Vercenilio da Silva Pascoal, mas parte dos alunos participantes do Clube conseguiu ir para o encontro e foi possível dar início ao projeto. Para começar, foram dadas as boas-vindas, apresentados os objetivos e a propostas a serem trabalhadas durante o primeiro semestre e entregue um kit (Figuras 18 e 19), composto por caderno, lápis e caneta, para utilização durante as atividades propostas. Cada membro pode se apresentar, dizendo o nome, a turma e a idade. Embora da mesma escola, eles não se conheciam e se relacionavam ou interagiam como amigos ou colegas.

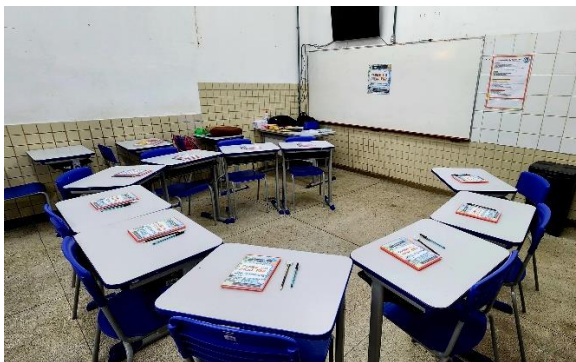
³⁰ Disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/ataques-a-escolas-dino-anuncia-portaria-que-vai-regulamentar-conteudos-nas-redes-sociais,54bee31d283caeed54b2fcea2eab93p9kk1cp1.html>

³¹ Disponível em <https://www.agazeta.com.br/mundo/ataque-a-escolas-os-boatos-no-whatsapp-que-criam-panico-entre-pais-e-alunos-0423>



Figuras 18 e 19. Kit composto por caderno, lápis e caneta entregues aos alunos do Clube do Jornal. Crédito: Deyvison Longui.

Para os encontros, foram adotadas diferentes formas de organização da sala de aula (Figuras 20 e 21), visando um maior interesse por parte dos alunos em relação às atividades ministradas. Atividades realizadas em dupla e em grupo, na maioria das vezes, são feitas com mais entusiasmo. E a forma de círculo impede que os alunos fiquem invisíveis e promove que todos tenham o direito de falar e de serem ouvidos e incluídos. Na primeira reunião, as mesas foram dispostas em círculos para as atividades.



Figuras 20 e 21. As mesas foram dispostas em círculos para que todos pudessem se ver e interagir. Crédito: Deyvison Longui.

Após as apresentações, e ainda como forma de eliminar a ansiedade, a vergonha, o medo e tornar o local um ambiente mais favorável à criação de vínculos e à construção da aprendizagem, foi proposta a primeira dinâmica: Fato & Fake. A escolha levou em consideração a situação ocorrida naquela semana sobre os supostos ataques as escolas e também porque o clube era de um jornal. Eles foram indagados sobre o que achavam do ocorrido, e eles disseram: que era algo que não deveria ser feito; quem estava divulgando deveria ser preso; que escola não era local para isso; e que as pessoas que faziam isso precisavam de ajuda.

Após essa etapa, passou-se para a seguinte na qual cada um poderia apresentar dois fatos e uma mentira sobre sua história de vida e os demais colegas deviam apontar o que era ou não verdade. Depois de feita a apresentação e a discussão do grupo, a história era revelada. A brincadeira ajudou a conhecer um pouco mais cada participante e a trabalhar a emoção, uma vez que quando estamos falando de interpretações, o estado emocional fica mais ativo.

Mais soltos, os alunos foram chamados a participar de um outro jogo: a dinâmica dos sonhos (Figuras 22 e 23). Agora não mais nos seus lugares, mas em pé um ao lado do outro, cada um recebeu um balão e um pedaço de papel para escrever nele o seu sonho. Escolhido o sonho, foi solicitado que colocasse dentro do balão e que devesse enchê-lo o máximo que pudesse. Em seguida, cada estudante foi orientado a deixar o balão no ar durante três minutos. Durante o exercício, de uma forma lúdica e bastante interativa, era oferecido perigo aos sonhos e os estudantes tinham de mantê-los no alto, focados na proteção.



Figuras 22 e 23. Na dinâmica dos sonhos os alunos foram motivados a pensar sobre o que queriam e como protegê-los das dificuldades. Crédito: Deyvison Longui.

Ao final da brincadeira, os alunos foram motivados a pensar sobre seus sonhos e como protegê-los das muitas dificuldades. E também perguntados sobre a que conclusão chegaram. As respostas foram: é difícil manter o sonho; os sonhos acabam se confundindo; eu ajudava com o sonho do outro para não cair; nunca desistir dos sonhos; incentivos para manter o sonho no ar; e talvez se não tivesse a ajuda de amigos, não conseguiria manter o sonho. Assim, ao refletirem juntos puderam concluir e perceber a força que há em cada um deles, além do poder da coletividade e o trabalho em equipe.

Alguns dos sonhos que colocaram no balão: ser policial; bom criador de jogos; crescer bem e continuar a ajudar a mãe; ter um carro; ser policial rodoviário; se formar e ser livre para viajar o mundo inteiro; ser jogador de futebol; dar uma casa para mãe e tirar ela do aluguel; ser bombeiro.

Ao fim do primeiro dia de encontro, foi proposto alguns combinados, um acordo firmado com eles. A palavra “Combinado” foi escolhida porque já era de uso comum dos alunos para acertar o que deveria ser feito entre eles, professor e a escola. O primeiro deles era fazer a retirada de, pelo menos, uma obra infanto-juvenil (Figura 24) para ler até o final do lançamento do Jornal Escolar. A prática da leitura no ensino fundamental promove diferentes benefícios para os estudantes, dentre elas exercitar o cérebro, estimular a criatividade, ajudar na memorização, aumentar o vocabulário, maior habilidade para interpretar textos e ter mais compreensão de ideias.

Quanto mais o aluno lê, mais palavras aprende e isso potencializa a habilidade comunicativa. Mas, para que se torne um hábito, é importante as escolas realizarem mais atividades para aumentar o contato deles com a leitura. Algumas obras que foram retiradas pelos alunos: Grandes amores da mitologia grega; Alice no país das maravilhas; Minha querida assombração; A vida que ninguém vê; Jr. e os biscoitos de zumbis: Auto da Compadecida; e No Escuro.

Outro combinado foi a procura por informações. Nas aulas seguintes, era preciso apresentar uma notícia de sua preferência que tivesse lido, assistido ou ouvido, independentemente do veículo, no dia anterior ou nos dias de realização do Clube, para compartilhar com os demais participantes.



Figura 24. Momento da escolha das obras infantojuvenis para leitura durante o Clube do Jornal. Crédito Deyvison Longui.

3.2.2 Momento Notícia

O “Momento Notícia” foi nome do espaço dado pelos alunos ao período inicial das reuniões do Clube do Jornal, no qual eles apresentavam as notícias que mais chamaram sua atenção, independentemente do tipo de veículo pesquisado. Durante cerca de 20 minutos, cada um contava qual foi o fato que trouxe para aquele dia, discorria sobre o assunto e podia dar sua opinião sobre o assunto e também ouvir os pontos de vista dos demais colegas. Temas como feminicídio, impostos, gravidez na adolescência, piso salarial dos profissionais da enfermagem, vacina contra o câncer e quadrinhos estão entre os assuntos levados pelos alunos no primeiro dia em que este espaço teve início. Os assuntos estão muito relacionados ao meio em que eles estão ou vivenciam.

3.3. Ingressando no mundo do jornal e dos gêneros jornalísticos

Jornais são uma ótima maneira de se manter atualizado sobre o que está acontecendo no mundo. Há tanto para aprender e ficar informado sobre economia, política, esportes, livros, música, cinema. E muitos podem dizer que este é um tipo de veículo de comunicação complexo para os alunos do ensino fundamental. Mas os alunos que têm contato com esses textos nas escolas conseguem melhorar a sua formação, tornando-se leitores bem-informados. Assim, trabalhar com o jornal em sala de aula, possibilita a formação de pessoas críticas, além da possibilidade da exploração de gêneros textuais diversos. Para

isso, já na segunda semana do Clube do Jornal, os alunos foram apresentados ao mundo do jornal e dos gêneros jornalísticos.

Os estudantes foram organizados em roda e conheceram diversos exemplares do dia a dia, tanto da cidade em que moram, como também de outras capitais. Foram adquiridos os seguintes noticiosos (Figura 25): A Tribuna, de Vitória (ES); O Globo e Extra, do Rio de Janeiro; Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e Valor Econômico, todos da cidade de São Paulo. Também foi levado um exemplar da revista Veja, publicação da capital paulista.



Figura 25. Exemplares utilizados para mostrar a composição dos jornais. Crédito Deyvison Longui.



Figura 26. Apresentação aos alunos de um jornal com circulação diária. Crédito Deyvison Longui.

Na apresentação, foram exploradas com o grupo todas as partes de um jornal (Figura 26), os cadernos, como ler a capa, como manuseá-los. Também foram observados os elementos da notícia, como título, subtítulo (linha fina) e parágrafos/lead, além do tamanho das fontes (letras) e dos textos, disposição na página, nome das seções (editorias) e, ainda, outros elementos que integram a notícia como infográficos, imagens/fotos com textos legenda e mapas. Em seguida, os jornais foram disponibilizados (Figuras 27 e 28) para que o grupo pudesse explorar com autonomia e para que os alunos buscassem as informações que mais lhe interessavam, escolhendo uma notícia que mais chamou a atenção.

Durante a atividade, o pesquisador e o professor de Língua Portuguesa circulavam pela sala para fazer intervenções a respeito desse momento de leitura e questionar o motivo da escolha da matéria, a relação com o título e o conteúdo escrito e perguntar com o texto escolhido se organiza (notícias, carta ao leitor, seções, dentre outras). Ao fim, o grupo fez a leitura do seu texto, explicando o conteúdo para os demais colegas, e, em seguida, fizeram a discussão dos assuntos lidos por eles.



Figuras 27 e 28. Os alunos puderam manusear os exemplares de maneira autônoma. Crédito Deyvison Longui.

Ao conhecerem o jornal impresso pela primeira vez (a maioria foi pela primeira vez), os alunos apresentaram várias características, dependendo de sua idade, nível de desenvolvimento e experiência prévia com a leitura. Muitos fizeram perguntas sobre o formato (havia tamanhos diferentes entre os exemplares apresentados), o número de páginas, as seções. Alguns ficaram intrigados com os títulos, o tamanho das fontes (letras), as fotografias e palavras e frases utilizadas.

Outros demonstraram interesse por histórias específicas no jornal, como notícias sobre esportes e entretenimento. Perceberam com a atividade, após perguntados sobre como foi aquela aula, que o jornal é um meio de comunicação que pode fornecer informações sobre o mundo ao seu redor e que pode ser uma ferramenta útil para aprenderem sobre tópicos diversos, como ciência, história, geografia, política, entre outros. E ainda: que podem aprender a analisar as notícias e informações apresentadas de forma crítica, questionando fontes, verificando fatos e formando opiniões.

3.3.1 Alunos x Jornais: o quanto sabem a respeito

Um questionário (Figura 29) simples foi aplicado com o objetivo de conhecer, de forma resumida e sem muito detalhes, como era a relação dos alunos com as notícias, de que forma eles obtinham informações e se sabiam como era feito um jornal. Eles responderam às perguntas (Anexo 5) antes da atividade de apresentação dos jornais.

Como resultado, foram obtidas as seguintes respostas:

1. A maioria apontou se interessar mais pela televisão, internet, mídias sociais (Tik Tok e Instagram) e celular.

2. Que liam jornal mais frequentemente, mas não muito ou às vezes atualmente, e que não têm hábito de ler.
3. Sobre o jornal, a maioria apontou *A Tribuna* e *A Gazeta* (esse jornal agora apenas disponível on-line), ambos locais.
4. O local de leitura, responderam que em casa, na escola, na padaria.
5. Em relação aos assuntos, preferem esporte, culinária, filmes, poemas, novelas.
6. Sobre o tempo, responderam entre 5 e 40 minutos a até 2 horas, dependendo do assunto.
7. Disseram conhecer Notícia, Política, Entretenimento, Eventos, Esportes, Internacional, Qual é a Bronca (Seção do jornal *A Tribuna* sobre reclamações de moradores), Policial, Famosos.
8. Sobre o gênero notícia, disseram que é informar sobre algo ou um acontecimento, sendo impessoal; é mostrar o que está acontecendo no mundo e poder sair de casa despreocupado; é um texto curto; é informação sobre algo importante. Entrevista é fazer questionamentos a uma pessoa e escrever sobre o que ela disse; é responder perguntas e falar sobre você; é entrevistar pessoas para saber sobre o que acontece. E Reportagem é toda a notícia.
9. Envolve profissionais, notícias, pessoas, jornalista, escritor, computadores, desenhista.
10. Para ajudar a escrever melhor, entender assuntos de uma outra forma, a manter uma rotina, aprender a ter responsabilidade, se comunicar, ter uma boa educação, se informar sobre os acontecimentos, melhorar o português.
11. Responderam que é para melhorar o diálogo entre pessoas, para melhorar a forma como as pessoas interpretam assuntos em geral, ajudar as pessoas a saberem a verdade, informar sobre o que acontece no bairro e na escola, ajudar a melhorar a situação do meu bairro, ensinando e falando com os amigos, a comunidade vai ter mais opções de informações, para ficarem cientes do que está acontecendo.

Questionário

Nome: *Victoria Lívia De Souza* Turma: *7º A* Idade: *12 anos*

1. Como você costuma saber das notícias e assuntos de seu interesse?
Televisão e internet.
2. Você lê frequentemente/às vezes ou já leu algum jornal em papel (impresso)?
Eu lia frequentemente, hoje nem tenho.
3. Diga qual jornal costuma ler ou já leu.
Tribuna e Açúcar
4. Se lê frequente/às vezes ou já leu, onde costuma fazer a leitura do jornal?
Em casa, na escola e na padaria.
5. Quais seções/temas costumam te interessar mais na leitura do jornal em papel ou do noticiário?
Esportes, culinária, novelas e filmes, e etc.
6. Quanto tempo fica lendo o jornal ou sabendo das notícias que te interessa/interessou?
15 à 40 minutos.
7. Conhece as seções/partes que é composta um jornal em papel? Cite algumas.
Notícia, política, entretenimento, esportes, etc.
8. Sabe o que é notícia, entrevista, reportagem, opinião e crônica? Escolha um tema e diga o que é para você?
Sim. Entrevista, por exemplo, para mim, é quando se faz questionamentos à uma pessoa, grave ou escrita, e publica o que a pessoa disse.
9. Conte como acha que é feito um jornal em papel/impresso e as tarefas/funções que precisa realizar.
Com notícias, profissionais, pessoas que entendem de assunto relacionado, etc.
10. Como acha que o Clube do Jornal/jornal Escola pode te ajudar no seu dia a dia?
Pode me ajudar a escrever melhor, na comunicação, pode também me ajudar a compreender assuntos de uma outra forma.
11. Como o Clube do Jornal/Jornal Escola pode integrar e melhorar a situação do seu bairro/comunidade e também a escola?
Pode melhorar na diálogo entre as pessoas, pode também melhorar a forma que as pessoas interpretam assuntos em geral, entre outras.

Figura 29. Um questionário simples foi aplicado com o objetivo de conhecer, de forma resumida e sem muito detalhes, como é a relação com as notícias. Crédito: Deyvison Longui.

3.3.2. Notícia: o que é isso?

A Notícia é um gênero textual jornalístico e não literário que está presente em nosso dia a dia, sendo encontrada principalmente nos meios de comunicação. Trata-se de um texto informativo sobre um tema

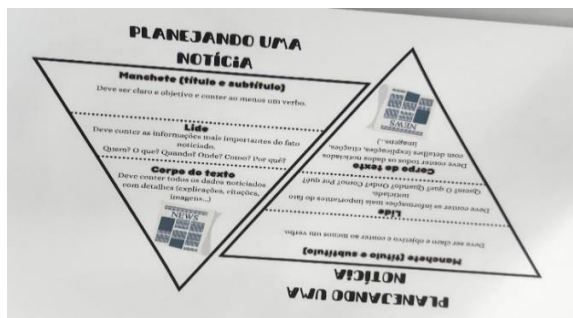
atual ou algum acontecimento real, veiculada pelos principais meios de comunicação: jornais, revistas, tv's, rádio, internet, dentre outros. As notícias podem ser textos descritivos e narrativos ao mesmo tempo, apresentando tempo, espaço e as personagens envolvidas. Suas principais características são: textos de cunho informativo, descritivo ou narrativo, curtos ou mais longos, com títulos, veiculados nos meios de comunicação, com linguagem formal, clara e objetiva, escritos na terceira pessoa e com discurso direto a partir de fatos reais, atuais e cotidianos.

Essas informações foram apresentadas aos alunos, novamente fazendo uso dos exemplares disponíveis, escolhendo uma notícia aleatória e elencando cada parte dela. Na semana anterior, o grupo pôde conhecer a composição de um jornal, atividade que ainda estava fresca em suas memórias. Para o aprendizado desse gênero, em uma primeira etapa foi proposta uma atividade na qual os alunos deviam observar a forma de apresentação de uma notícia, à sua escolha, presente em um daqueles sete exemplares disponíveis.

Para isso, eles foram organizados em duplas de trabalho, sendo importante para tanto um consenso nas respostas. Com o jornal em mão, foram desafiados a identificar os elementos da estrutura textual (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?), a partir da técnica de pirâmide invertida, na qual a parte mais importante da notícia ou da informação é colocada logo no primeiro parágrafo (Figuras 30 e 31). Também foram instigados a fazer a apresentação da notícia (manchete, *lead*, texto principal, fonte e etc.).

Uma aluna pediu a palavra e disse que ainda tinha dúvidas sobre como responder as seis perguntas a partir do texto do exercício. Então, como forma de tornar a atividade mais palpável, fiz a seguinte analogia apontando que, no dia a dia, ela sempre responde a estas perguntas em casa. Quando você quer ir a uma festa, tem que responder as seguintes perguntas da sua mãe, para conseguir aprovação: onde é a festa; quando vai acontecer; onde será realizada; como você vai à festa; quem vai junto com você e etc.

A estudante disse então ter entendido como resolver a atividade. "Ficou mais fácil", contou. Ficamos eu, autor deste projeto, e o professor de Língua Portuguesa, circulando entre as duplas durante a atividade para provocar a discussão e a argumentação durante a elaboração das respostas.



Figuras 30 e 31. Com o jornal em mão, os alunos foram desafiados a identificar os elementos da estrutura textual a partir da pirâmide invertida. Crédito: Deyvison Longui

Assim foi possível observar se os alunos já sabiam sobre gêneros e, entre eles, as características do gênero notícia, além de eles compreenderem sua estrutura e forma de apresentação. E isso pôde ser comprovado na etapa seguinte, na qual os alunos escolhiam uma manchete que tinha apenas o título (Figura 32), o subtítulo (às vezes), uma foto, o texto da legenda e precisavam criar a notícia a partir do que estava em mãos, usando novamente como apoio a técnica da pirâmide invertida e o que tinham feito na atividade anterior. Essa etapa poderia ser realizada em dupla ou sozinho – a maioria optou por fazer individualmente.

Foi solicitado que a notícia criada fosse escrita no caderno, depois passada para a folha de atividade recebida, contendo somente o assunto/título e informações presentes no papel e que foram escolhidas para a formação do conteúdo. Novamente, foi dado o apoio necessário aos alunos para a elaboração do texto e sanadas dúvidas quanto à grafia de palavras, formação de parágrafos e vocabulários. Desta forma, após ajuda necessária, poderiam memorizar a forma correta com a reescrita do que foi construído.

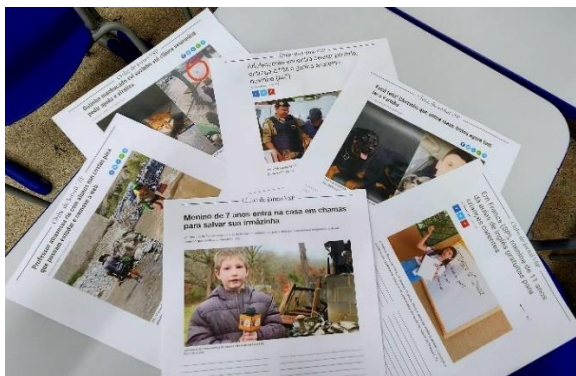


Figura 32. Os alunos escolheram uma manchete para a criação de uma notícia. Crédito: Deyvison Longui.

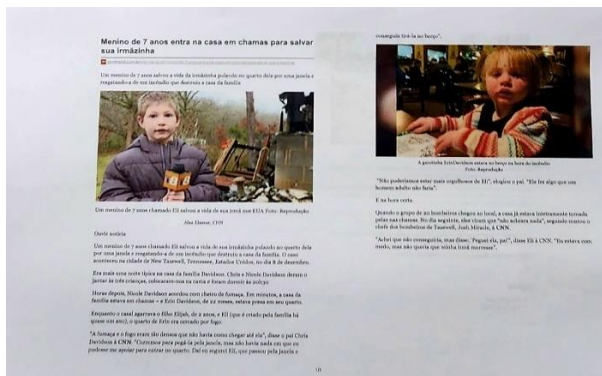
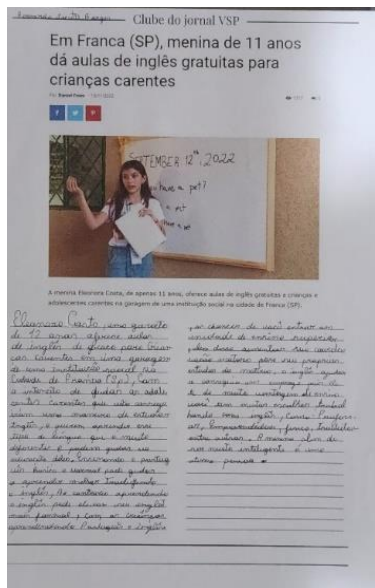
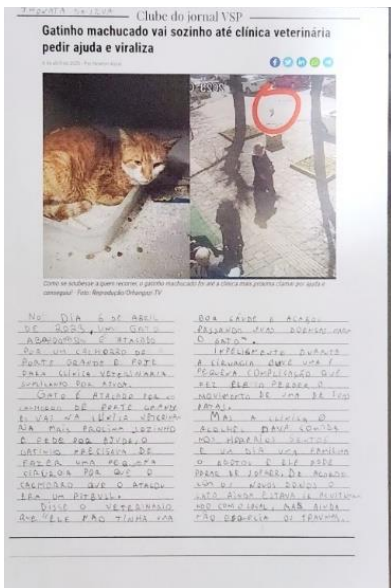


Figura 33. Ao final da escrita da notícia, eles puderam conhecer o texto original. Crédito: Deyvison Longui.



Figuras 34 e 35. Os alunos criaram a notícia no caderno e depois passaram para a folha de atividade. Crédito: Deyvison Longui.

Ao término da produção dos textos, observou-se que os alunos seguiram as características e elementos da notícia, demonstrando ter aprendido sobre este gênero, e foram muito criativos em suas notícias, confirmando que tinham capacidade para elaboração textual. A maioria dos textos criados por eles não ficaram próximos ao do original, ao qual eles só puderam ter acesso (Figura 33) e comparar após lerem suas criações, para conhecimento e comentário dos colegas (Figuras 34 e 35). Ao compararem, alguns disseram que os seus textos ficaram melhor que a notícia publicada. Outros que a atividade proporcionou mais incentivo para o desenvolvimento da escrita (Figuras 36, 37 e 38).



Figuras 36, 37 e 38. Notícias criadas por alunos a partir de um assunto que tinha apenas o título, o subtítulo (às vezes), uma foto, o texto da legenda. Crédito: Deyvison Longui.

3.3.3 Fazendo a Entrevista

Com a realização desta atividade, o principal objetivo foi introduzir o conceito do gênero textual entrevista, conduzindo os alunos para uma pesquisa teórica e prática a respeito do tema, identificando as características; os tipos de entrevistas; qual a estrutura de uma entrevista; o desenvolvimento de um projeto/ação da entrevista; e exercitar o trabalho em grupo.

A aula teve início com a organização da sala em círculo, permitindo que os alunos ficassem à vontade e conseguissem manter contato visual com todos. Em seguida foi perguntado ao grupo de alunos o que eles sabiam sobre o gênero entrevista. As respostas foram: é responder a várias perguntas; é uma conversa; um bate-papo; ser curioso; é conseguir informações; é ser repórter de televisão, de rádio. Indagados se foram entrevistados alguma vez, alguns alunos disseram que sim, quando estavam acompanhados com a mãe em um momento de caminhada pela rua.

Na sequência, foi explicado que há diversos tipos de entrevistas, dependendo da intenção pretendida: a entrevista jornalística, a entrevista de emprego, a entrevista psicológica, a entrevista social, dentre outras. Novamente perguntados se haviam participado de alguma dessas entrevistas, todos disseram dessa vez que sim, para participar do Clube do Jornal.

Passada esta etapa, houve a introdução do gênero entrevista destacando que a sua função geralmente é informativa e que a veiculação ocorre, principalmente, nos meios de comunicação, como jornais, revistas, internet e rádio, além de outros. Para apresentação foi utilizada duas entrevistas publicadas na Revista Veja (Figuras 39 e 40), na qual os alunos puderam ter acesso para manusear, ler sobre o assunto abordado, conhecer sua estrutura, dentre outras características.

Durante a apresentação, foi enfatizado que a entrevista pode fazer parte de outros gêneros jornalísticos, como a notícia e a reportagem, por exemplo. Além disso, foi destacado que a entrevista é marcada pela oralidade, produzida pela interação entre duas pessoas: o entrevistador, responsável por fazer perguntas, e o entrevistado (que pode ser mais de um, às vezes), quem responde às perguntas.



Figura 39 e 40: Gênero Entrevista na Revista Veja. Alunos puderam manusear o ler o conteúdo. Crédito: Deyvison Longui

Ainda foi enfatizado que as palavras ditas pelo entrevistado e entrevistador são transcritas de maneira fidedigna e que pode haver observações das ações (expressões faciais e gestuais, por exemplo) de ambos. E que a entrevista possui uma função social muito importante, sendo essencial para a difusão do conhecimento, a formação de opinião e o posicionamento crítico da sociedade, uma vez propõe um debate sobre determinado tema, sendo o discurso direto a sua principal característica.

Após a apresentação teórica, chegou a hora de colocar em prática os estudos sobre o gênero entrevista. Foi solicitado aos estudantes que formassem dois grupos e que escolhessem um tema que pudessem utilizar para a aula prática, bem como o entrevistado a ser arguido. Cada aluno, mesmo em grupo, poderia intervir também fazendo as perguntas. Um grupo escolheu o tema Trabalho por estar próximo à data de 1º de Maio e, para a entrevista, indicaram a profissional da limpeza que atua na escola. O segundo grupo apontou o tema Esportes e quiseram entrevistar a professora de educação física.

Com tudo decidido, os grupos iniciaram a criação de um roteiro em seus cadernos e que deveria ser seguido pelos alunos/entrevistadores no momento da entrevista (Figuras 41 e 42). Também foi dado um tempo para conversarem entre si e estudarem sobre o tema, pois, como a entrevista traz interação com o entrevistado, podiam surgir outras perguntas durante o processo, a partir das respostas. Além das investigações iniciais a serem feitas com o entrevistado para levantamento do perfil (nome completo, idade, profissão, onde morava etc.), também foi pedido que fossem apresentadas, pelo menos, quatro perguntas sobre o tema a ser trabalhado. E que estas perguntas fossem claras, diretas e não muito

longas. Mas foi informado aos grupos que durante a entrevista poderiam fazer outros questionamentos além daqueles que prepararam. As respostas deveriam ser anotadas no caderno.

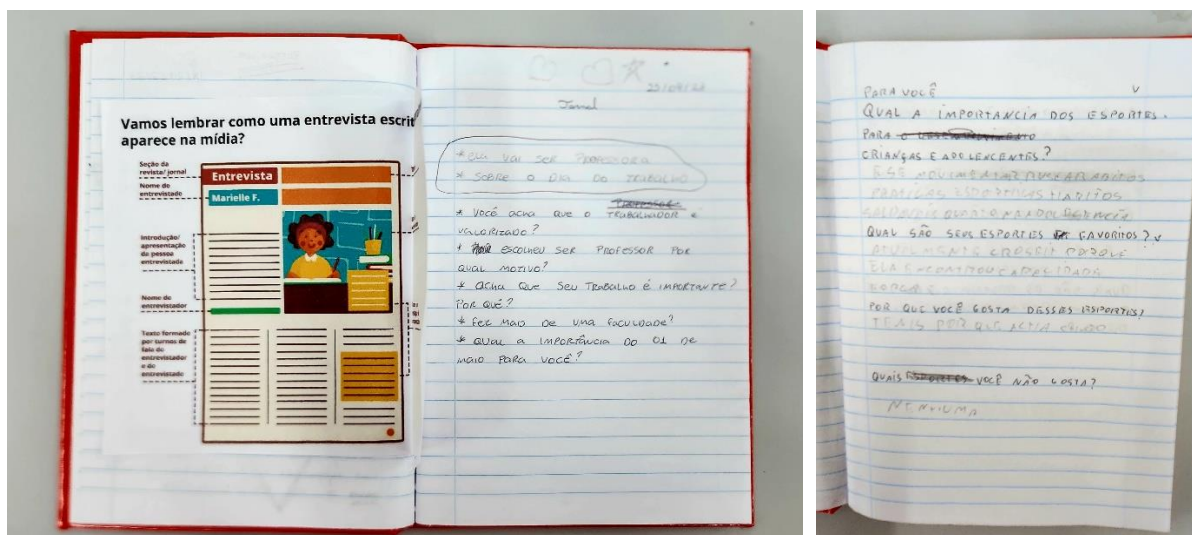


Figura 41 e 42. Perguntas elaboradas pelo Grupo Trabalho e pelo Grupo Esportes. Crédito: Deyvison Longui.

O Grupo Trabalho (Figura 43) elaborou:

- Você acha que o trabalhador é valorizado?
- Escolheu sua profissão por qual motivo?
- Acha que seu trabalho é importante? Por quê?
- Qual a importância do 1º de Maio para você?

O Grupo Esportes (Figura 44) elaborou:

- Qual a importância dos esportes para crianças e adolescentes?
- Quais os desafios que você enfrenta para aplicar as aulas de educação física?
- Quais são seus esportes favoritos?
- Por que você gosta desses esportes?
- Qual você não gosta?
- Quais esportes você mais pratica?

- Qual time de futebol você torce?

O Grupo Esportes ainda preparou perguntas para alunos:

- Você gosta das aulas de educação física?

- E qual o seu esporte favorito?

Nos momentos em que empregaram a técnica da entrevista, os grupos foram acompanhados por este pesquisador, que pôde avaliar a desenvoltura, auxiliar nas dúvidas e ajudar na aplicação corretamente do gênero. Depois de coletar as informações, os dois grupos disseram achar interessante, que foi divertido, não era complicado de exercitar, mas demonstraram um pouco de timidez e receio em perguntar, por realizarem uma entrevista pela primeira vez.



Figura 43. Grupo Trabalho entrevistou a profissional da limpeza. Crédito: Deyvison Longui.



Figura 44. Grupo Esportes entrevistou a professora de educação física. Crédito Deyvison Longui.

Finalizada a entrevista, os grupos iniciaram o trabalho de redação da entrevista no caderno, seguindo uma ilustração (Figura 45) que os ajudava a lembrar como uma entrevista escrita geralmente aparece na mídia. Nela, estava indicada a seção da revista/jornal, o título, o nome do entrevistado, uma breve apresentação da pessoa entrevistada, o nome do entrevistador, o texto formado pelo grupo (ou individual, se quisessem) e com a fala do entrevistado e frases de destaque do entrevistado.

Durante a atividade no caderno, os alunos contaram com ajuda para revisão do conteúdo produzido e puderam corrigir possíveis equívocos gramaticais e analisar a coerência e a coesão do texto transcrito. Concluída esta etapa, então passaram o que haviam construído para uma folha específica (Figura 46)

onde reescreviam o texto elaborado nas partes indicadas, reforçando assim as questões da Língua Portuguesa.

Vamos lembrar como uma entrevista escrita geralmente aparece na mídia?



Figura 45. Ilustração ajudou os alunos a lembrarem como uma entrevista escrita geralmente aparece na mídia. Reprodução



Figura 46. Os alunos reescrevem em folha específica o texto escrito no caderno, indicando as partes da entrevista.

O Grupo Trabalho (Figura 47) apontou duas sugestões de título, a partir do que a entrevistada passou de informações: “Por trabalhar tanto mereço um dia de spa!” e “Se não fosse por nós a escola estaria um lixo”. Como frase de destaque, indicaram: “Sou faxineira por falta de oportunidade”. O Grupo Esportes (Figura 48) fez apenas uma sugestão de título: “A importância dos esportes”. E apontou como destaque a frase: “É preciso ter hábitos saudáveis”.

Ao final da atividade, os alunos demonstraram um pouco de cansaço, mas disseram que gostaram de entrevistar. Que não imaginavam que era feito dessa forma, principalmente de quando veem na televisão porque, segundo eles, parece que é só fazer as perguntas. Ainda ressaltaram que tiveram um pouco de dificuldade para anotar as respostas dadas pelos entrevistados, mas como todos participaram ficou mais fácil “juntar” tudo. Durante a escrita, “não foi tão difícil encontrar uma frase de destaque”.

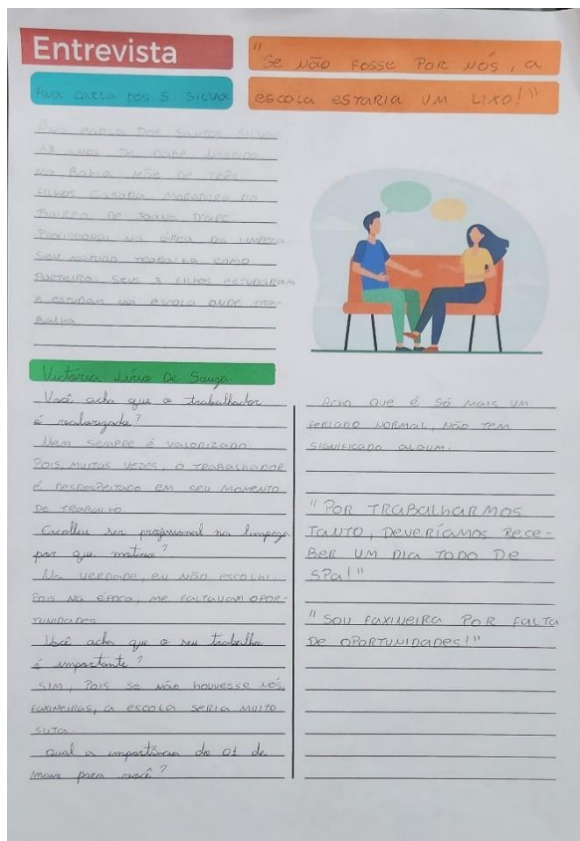


Figura 47. Entrevista do Grupo Trabalho. Reprodução.

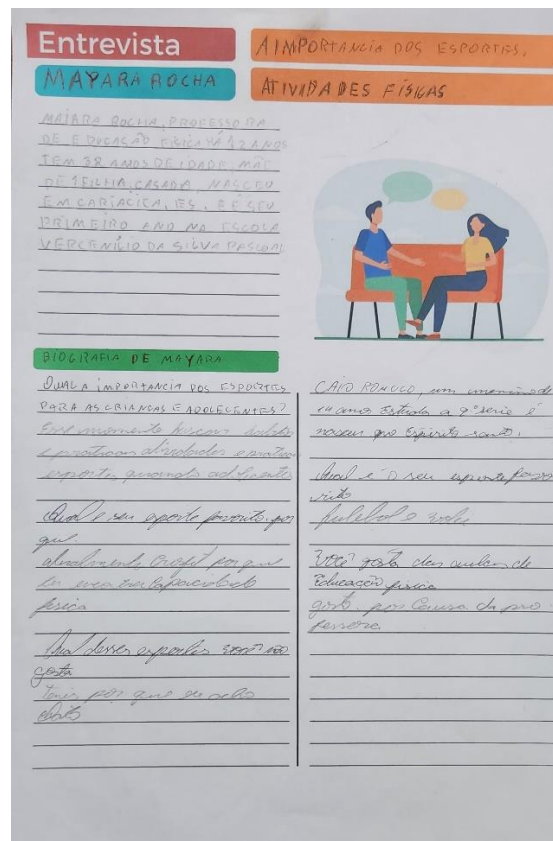


Figura 48. Entrevista do Grupo Esportes. Reprodução.

3.3.4. A Reportagem

Para a abordagem desse gênero jornalístico, primeiramente a turma foi questionada sobre o que entendiam sobre Reportagem para um levantamento prévio dos conhecimentos – eles já tinham conhecido como era a composição de um jornal e aprenderam e exercitaram sobre Notícia e Entrevista. Foi apontado pelo grupo que este modelo textual era um tipo de notícia mais complexa, que ajudava a coletar mais informações, mostrava mais opiniões e que precisava de pesquisa. A partir destas informações, foram apresentadas para eles matérias específicas publicadas em jornais e revistas com este gênero específico, que puderam manusear e verificar sua composição.

A partir disso, o gênero foi introduzido de forma mais específica, mostrando que é uma modalidade do jornalismo e que tem como objetivo principal informar, tendo ainda uma função social. Que, diferente do que acontece com a Notícia, essa característica não apresenta uma questão pontual, conteúdo curto e algo que está ocorrendo no dia de hoje, mas sim um assunto que faz parte da realidade das pessoas e

que é de interesse de uma comunidade. E esse novo gênero (Reportagem) apresenta uma estrutura textual mais elaborada e por isso possui geralmente um texto maior do que a notícia.

Para a produção do seu conteúdo, pode ser utilizado o discurso direto e indireto, intercalando seu ponto de vista com o posicionamento de testemunhas, entrevistados ou especialistas sobre determinado assunto. Assim, pode apresentar levantamento de dados e uma análise sobre eles. Por esse motivo, esse gênero jornalístico demanda maior tempo e dedicação de quem a escreve. E por ser um gênero de maior amplitude, as atividades propostas para o aprendizado também demoraram mais tempo, duas aulas a mais, perfazendo ao todo quatro períodos de duas horas cada.

Novamente foram questionados, depois de conhecerem este novo modelo textual, o que aprenderam sobre a Reportagem e suas funções. Elencaram: que nele podem ouvir todos os lados e coletar todas as informações sobre um assunto; é ler o jornal de forma correta; que as pessoas podem ter um modo diferente de pensar e responder, dependendo da pergunta; podem ter diferentes opiniões sobre determinado assunto; e conseguem aprofundar temas. Nota-se que as respostas passam a ter mais consistência a partir desse momento do que quando foram formuladas no início da atividade.

Os alunos também foram incentivados a aprofundar as informações dos temas que serviram de base para as entrevistas realizadas na atividade da semana anterior – Trabalho e Esportes – por meio de pesquisas realizadas na internet (Figuras 49 e 50). Esse foi um momento da aula que teve como objetivo levar o aluno a acionar seus conhecimentos prévios sobre a questão, como forma de dar significado à leitura e favorecer o levantamento de hipóteses e compreensão do texto.



Figuras 49 e 50. Os alunos foram incentivados a pesquisarem sobre os temas que iriam abordar na entrevista. Crédito: Deyvison Longui.

Ao final desta etapa de pesquisa, foi destacado novamente que para o desenvolvimento da reportagem era necessário ter objetividade, por tratar-se de um texto não literário, que o assunto era abordado a partir de um ângulo prévio e, por esse motivo, o texto é assinado por quem a escreveu. Na sequência, os alunos deram início a formulação de novos roteiros de perguntas (Figura 51), para darem prosseguimento à apuração do conteúdo com as entrevistas (Figura 52) que faltavam para fechar os elementos que precisam para escrever a reportagem.



Figura 51. Grupo formulando as entrevistas para o fechamento da Reportagem. Crédito: Deyvison Longui.



Figura 52. Grupo entrevistando a diretora Maria Luíza para ter o posicionamento da Escola. Crédito: Elane Uliana.

Com o término desse aprendizado, os alunos se reuniram e, com base nas entrevistas realizadas anteriormente – quando fizeram a atividade no gênero Entrevista -, sobre o que tinham levantado nos roteiros anteriores, das pesquisas feitas e de outras informações que identificaram, deram início ao texto da reportagem, seguindo o critério da pirâmide invertida, com a ajuda das seis perguntas a serem respondidas, e iniciando o primeiro parágrafo com o que encontraram de mais importante nas entrevistas e conteúdos levantados.

Inicialmente, houve dúvidas por parte dos alunos sobre como iriam reunir tudo o que conseguiram em um único texto, mas foi explicado para cada grupo novamente como era o processo e que agora eles deveriam separar o que era mais importante em cada apuração/levantamento feito, para poderem iniciar a escrita e que o primeiro parágrafo deveria apresentar e apontar o que fosse de mais significativo. Com isso, eles conseguiram avançar e elaborar sua primeira reportagem.

Durante a elaboração do texto, sempre que necessitavam de ajuda, eles foram auxiliados quanto ao vocabulário, pontuação, parágrafo e grafias de palavras e outras normas da Língua Portuguesa. O Grupo Esporte teve como título de sua reportagem: “A importância do esporte na escola é bom para a saúde”

(Figura 53). Já o Grupo Trabalho destacou assim sua reportagem: “A valorização do trabalhador para o 1º de Maio” (Figura 54). Não houve muita interferência no processo criativo da produção e na escolha dos títulos, para que não houvesse bloqueios e limitações durante sua execução, mas foram apontadas e feitas orientações sobre o que poderia ser melhorado e o que estava errado, após a conclusão e leitura das reportagens criadas.

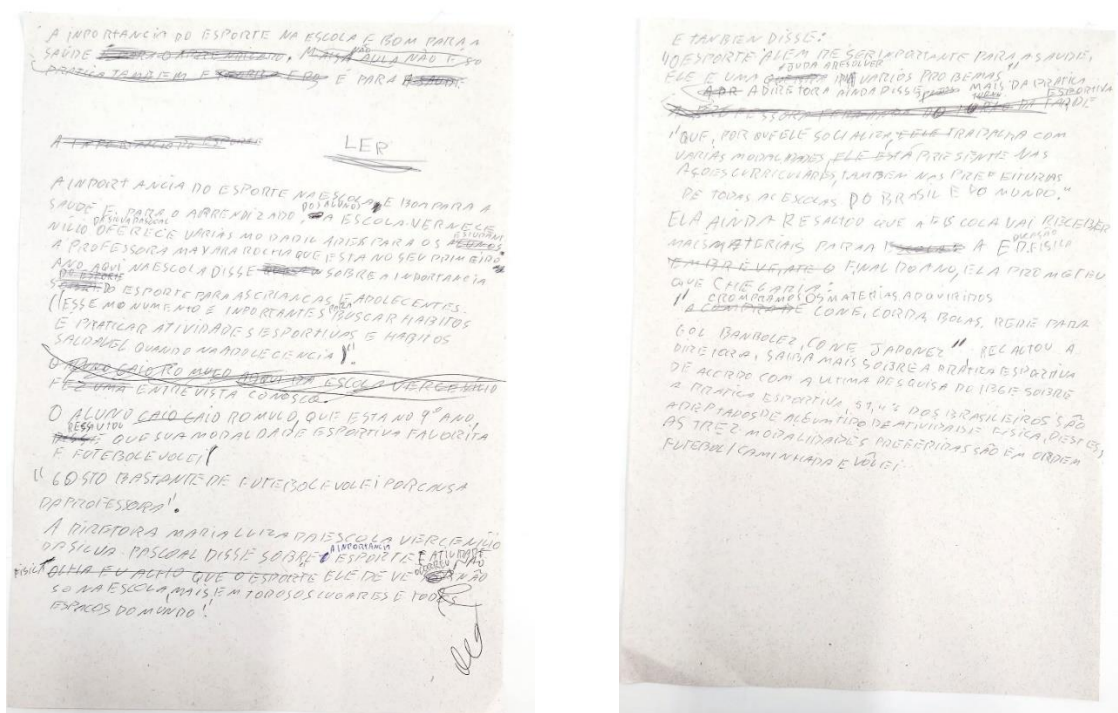


Figura 53. Reportagem escrita pelo Grupo Esportes: Crédito: Deyvison Longui.

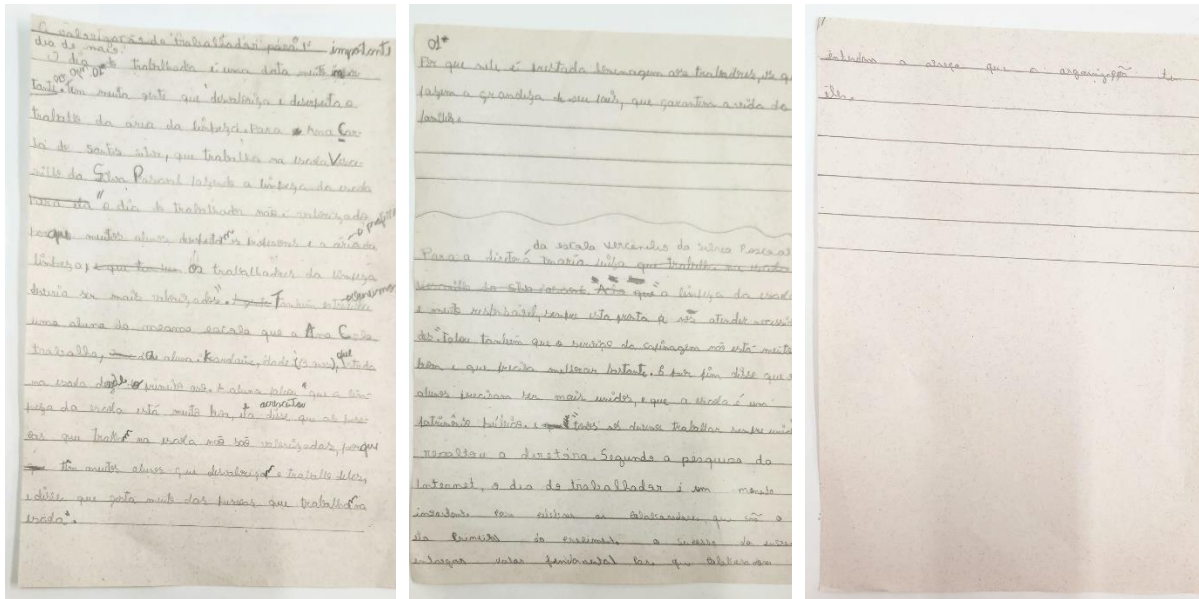


Figura 54. Reportagem escrita pelo Grupo Trabalho: Crédito: Deyvison Longui.

3.3.5. Artigo de Opinião

Para a apresentação deste novo gênero, os alunos foram arguidos se eles gostavam de dar suas opiniões, seja sobre os acontecimentos da escola, das conversas em casa, dos filmes e novelas assistidas, dos jogos de futebol. Todos disseram que sim. Também foram questionados sobre se eles já, alguma vez, tinham lido algum artigo de opinião, onde ele era publicado, qual era função desse tipo de texto e que tipo de assunto poderia ser abordado. A resposta de todos, de forma inicial, era que não tinham lido sobre isso. Numa outra pergunta, foram indagados se sabiam a diferença entre opinar, argumentar e discutir. Alguns disseram que sim, dizendo que argumentar era aprofundar seu ponto de vista.

A partir disso, foram introduzidos nesta “nova” modalidade da esfera jornalística, que tem por objetivo convencer o leitor a respeito de um tema polêmico, normalmente que divide a sociedade e costuma ser de interesse social e que pode ser encontrado em jornais/revistas (impressos e virtuais), blogues e sites. A partir de um artigo de opinião em mãos, escolhido de forma aleatória, foi apresentado que este gênero jornalístico. Dividia-se em partes:

- O Título: que é uma pequena frase que nomeia o texto e que precisa dar dicas sobre a mensagem que será passada. E que o título pode ser criativo e instigante para atrair a atenção do leitor.

- A Introdução: é o primeiro parágrafo do texto e que deve apresentar o assunto abordado, mostrando o problema que será discutido, além do contexto no qual está inserido e das informações necessárias para que o leitor fique atento ao assunto.
- O Desenvolvimento: é a parte em que se aprofunda a discussão sobre o problema, o espaço para comprovar as afirmações feitas, trazer exemplos, fazer comparações, mostrar pesquisas e dados e tudo o mais que for relevante para comprovar o seu ponto de vista. É a maior parte do texto, pois é nela que se forma o corpo textual.
- A Conclusão: é a finalização do texto, o momento em se apresenta o desfecho para as discussões anteriores e o momento de propor soluções ou medidas paliativas para o problema. Assim como a argumentação precisa estar bem fundamentada, para comprovar o ponto de vista, a conclusão deve indicar que o autor tem sugestões para amenizar o problema.



Figura 55. Artigo do Jornal O GLOBO utilizando para mostrar a estrutura do gênero Opinião. Crédito: Deyvison Longui.

Figura 56. Alunos lendo os artigos para tomarem conhecimento de sua composição. Crédito: Deyvison Longui.

Novamente, utilizando-se de jornais e revistas, foi demonstrado nesses exemplares onde fica essa seção e de que forma esses artigos são apresentados aos leitores (Figura 55). A partir disso, os estudantes foram agrupados em duplas e puderam manusear os periódicos e ler alguns artigos (Figura 56) para identificar o autor, onde está inserido no veículo, o assunto abordado, argumentos. Na sequência, eles foram orientados a escolher um artigo, fazer novamente uma leitura do texto selecionado (Figuras 57 e 58) e preencher uma tabela disponibilizada (Figura 59) com base nas informações sobre o artigo

selecionado na pesquisa. A final, foi solicitado que eles socializassem a síntese das respostas (Figura 60). Uns conseguiram reconhecer mais facilmente, outros demonstraram dúvidas. Após uma nova explicação e abordagem de interação, puderam realizar o exercício.



Figuras 57 e 58. A partir da escolha do artigo, os alunos preenchem uma tabela de perguntas.

Atividade: análise do artigo de opinião selecionado

<p>Suporte onde o artigo de opinião foi publicado/veiculado e nome da seção:</p>	
1. Qual o título do texto?	
2. Quem é o autor?	
3. Quais outras informações sobre o autor aparecem no texto? Onde elas aparecem?	
4. Qual o tema abordado neste texto?	
5. Que ponto de vista o autor defende?	
6. Que justificativas/argumentos ele usa para defender essa ideia?	
7. Vocês concordam com esse ponto de vista?	

Figura 59. Tabela disponibilizada para preenchimento com base nas informações sobre o artigo selecionado.

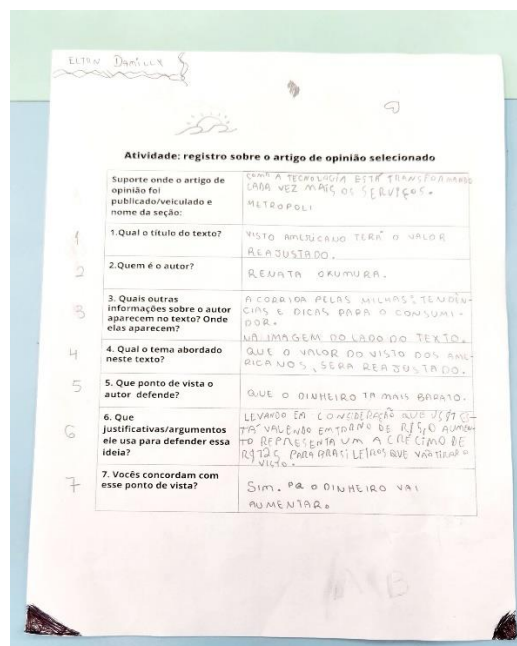


Figura 60. Respostas dadas por uma dupla de alunos sobre o artigo selecionado. Crédito: Deyvison Longui.

3.3.6. O Editorial

Ainda dentro da temática Opinião, mas para a introdução do gênero jornalístico Editorial, foi dito aos alunos que nessa aula eles iriam ampliar a questão opinativa a partir de uma linguagem em movimento, que não era somente a deles, mas que permitisse expressar o pensamento das questões que nos rodeiam, dos posicionamentos que nos cercam por meio da construção de um texto que mostrasse esse ideal coletivo, de grupo.

Para isso, foi apresentado que o Editorial é um texto jornalístico em que a opinião de uma instituição sobre determinado assunto é exposta. Ele é fundamental para que o público eleitor saibam as posições tomadas por determinado veículo de comunicação. Os temas podem ser diversos, desde questões políticas até entretenimento, como moda, esporte, dentre outros. Além disso, que esta modalidade é escrita de forma impessoal, predominando a argumentação e, diferentemente do artigo de opinião, o texto nem sempre é assinado.

E que a estrutura também possui introdução, desenvolvimento e conclusão, e os jornais e revistas reservam um espaço para seus editoriais, contendo destaque (páginas com cores diferentes, por exemplo). Já na TV e no rádio, o editorial é lido em momentos de pico, de grande importância para o programa, para atingir o máximo de espectadores possível.

Para adentrar nesse campo, a proposta foi apresentar, inicialmente, uma imagem (Figura 61) para que os alunos pudessem identificar o local. Como resposta, os alunos apontaram que a foto era de um imóvel onde trabalham vereadores e políticos (é a Assembleia Legislativa onde atuam os deputados estaduais). Depois foi mostrado o título acima dessa fotografia (Figura 62) e pedido que lessem e explicassem se era possível relacioná-lo à imagem visualizada anteriormente.

Com o título, eles apontaram e questionaram o valor apresentado, responderam se sabiam o que era tíquete e para que servia e também foram indagados sobre polarização. Sobre o valor, todos disseram que era bem alto e que os pais deles não recebiam isso como ajuda para comprar alimentos; que o valor do tíquete era ainda maior que o salário recebido por muitos; lembraram que era também acima do salário-mínimo no Brasil – R\$ 1.320,00 (equivalente a € 236,00); e que o salário dos deputados era bem alto e não precisavam desse valor para comprar alimentos.



Figura 61. Imagem de Editorial para que os alunos pudessem identificar o local. Crédito: Portal A Gazeta. Em 17/05/2023.

Opinião da Gazeta

Tíquete de R\$ 1,8 mil faz polarização política na Assembleia desaparecer

Deputados de todo o espectro ideológico estão de mãos dadas, mostrando que é possível encontrar o consenso quando há interesse pessoal. Lembrando que o benefício foi aprovado por unanimidade, de uma forma convenientemente sorrateira

Publicado em 17/05/2023 às 01h:00



Sede da Assembleia Legislativa do ES. Crédito: Carlos Alberto Silva

Figura 62. Chamada do Editorial de A Gazeta em 17/05/2023. Crédito. Portal A Gazeta.

Concluída essa etapa, os alunos receberam cópia do texto disponível no Editorial publicado no portal A Gazeta, em 17/05/2023. Em duplas, foi solicitado que fizessem a leitura e destacassem a opinião expressa no texto sobre o assunto, bem como os argumentos que se apresentam em função dessa opinião. Com esta etapa concluída, eles foram reorganizados para que pudessem conversar sobre as descobertas feitas pelas duplas e sintetizassem a opinião do grupo, bem como os argumentos e o fechamento do texto.

A proposta é que apresentassem opinião e argumento (Figuras 63 e 64) e que isso fosse colocado no papel e pudesse ser lido para todos depois, chegando ao projeto de texto inicial do Editorial. E como forma de auxiliar na produção textual, eles contaram com um modelo com sugestão de frases e conectivos que pudessem utilizar durante a produção textual (Figura 65).

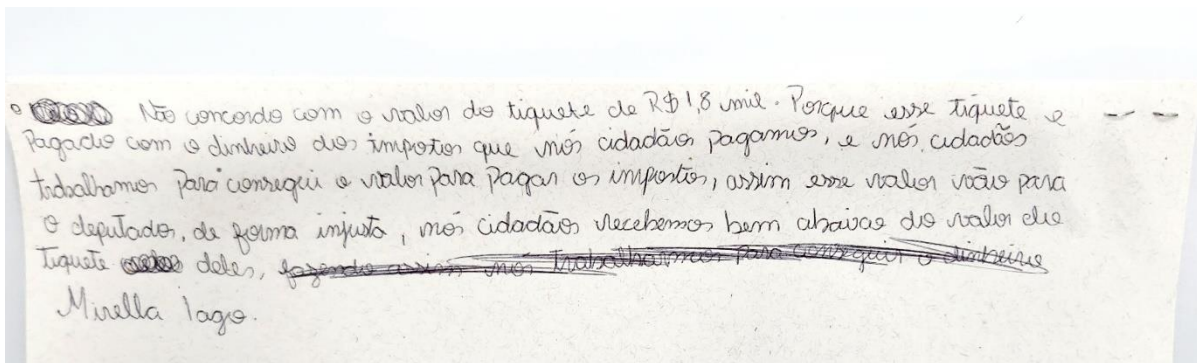


Figura 63. Opinião e argumento de uma dupla de alunos se os deputados deveriam receber ou não ticket-alimentação. Crédito: Deyvison Longui.

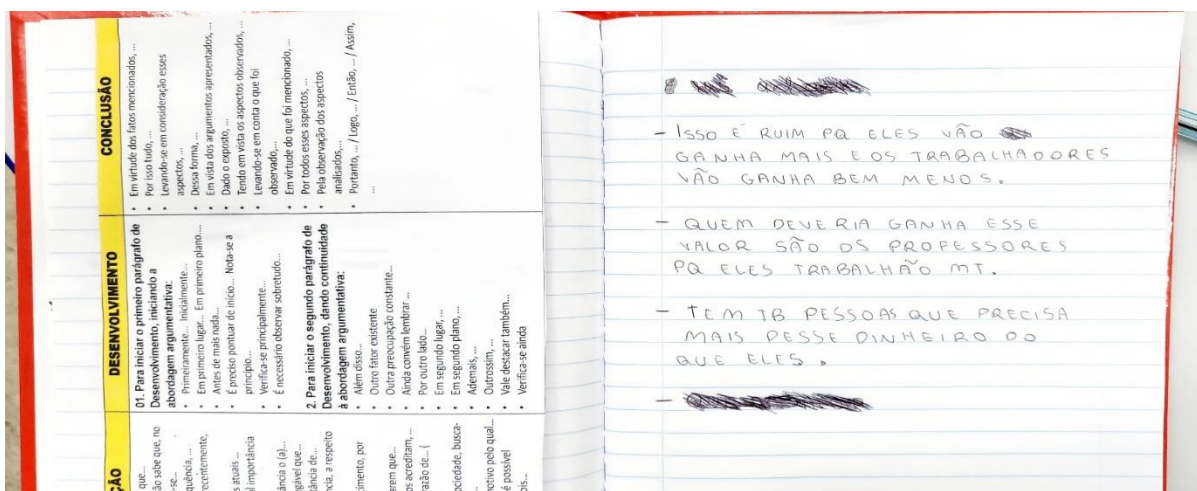


Figura 64. Outra dupla de alunos deu suas opiniões e argumentos sobre o recebimento de ticket pelos deputados estaduais. Crédito: Deyvison Longui.

INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	CONCLUSÃO
<ul style="list-style-type: none"> • É de conhecimento geral que... • Grande parte da população sabe que, no país, há tempos, observa-se... • Cogita-se, com muita frequência, ... • Muito se tem discutido, recentemente, acerca de... • Muito se debate, nos dias atuais ... • O (A) ... é de fundamental importância em... • É de fundamental importância o (a)... • É indiscutível que.../ É inegável que... • Muito se discute a importância de... • Comenta-se, com frequência, a respeito de... • Não raro, toma-se conhecimento, por meio de... • Apesar de muitos acreditarem que... • Ao contrário do que muitos acreditam, ... • Pode-se afirmar que, em razão de... (devido a, pelo) • Ao fazer uma análise da sociedade, busca-se descobrir as causas de... • Talvez seja difícil dizer o motivo pelo qual... • Ao analisar o (a, os, as)..., é possível conhecer o (a, os, as)..., pois... 	<p>01. Para iniciar o primeiro parágrafo de Desenvolvimento, iniciando a abordagem argumentativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Primeiramente... Inicialmente... • Em primeiro lugar... Em primeiro plano... • Antes de mais nada... • É preciso pontuar de início... Nota-se a princípio... • Verifica-se principalmente... • É necessário observar sobretudo... <p>2. Para iniciar o segundo parágrafo de Desenvolvimento, dando continuidade à abordagem argumentativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Além disso... • Outro fator existente • Outra preocupação constante... • Ainda convém lembrar ... • Por outro lado... • Em segundo lugar, ... • Em segundo plano, ... • Ademais, ... • Outrossim, ... • Vale destacar também... • Verifica-se ainda 	<ul style="list-style-type: none"> • Em virtude dos fatos mencionados, ... • Por isso tudo, ... • Levando-se em consideração esses aspectos, ... • Dessa forma, ... • Em vista dos argumentos apresentados, ... • Dado o exposto, ... • Tendo em vista os aspectos observados, ... • Levando-se em conta o que foi observado,... • Em virtude do que foi mencionado, ... • Por todos esses aspectos, ... • Pela observação dos aspectos analisados,... • Portanto, ... / Logo, ... / Então, ... / Assim, ...

Figura 65. Modelo com sugestão de frases e conectivos que podem ser utilizados durante a produção textual do artigo e editorial.

Nota-se que as duplas conseguiram apresentar uma opinião e o argumento sobre o assunto levantado, que, ao serem apresentados por todos, ajudaram a formar uma opinião do grupo, por tanto, os elementos para a elaboração de um Editorial. O Editorial em si eles irão desenvolver para o primeiro número do Jornal Escolar.

3.3.7. Fotografia

A fotografia é uma forma de linguagem que pode trazer ao aluno informações importantes do ponto de vista histórico, social e econômico, assim como outras questões. Dentre os benefícios de sua utilização, estão o estímulo do aluno para o desenvolvimento do senso crítico na interpretação da realidade, reconhecimento das questões sociais que o cercam e, ainda, reflexão sobre os temas atuais. Além disso, o uso de fotos em sala de aula também fomenta interesse dos estudantes, uma vez que a grande maioria deles são usuários de mídias sociais, atualmente, como Instagram, Facebook e Tik Tok. Essas redes têm apostado na imagem como forma de demonstrar emoções e transmitir informações de maneira mais eficiente que os textos.

Para a implementação deste gênero, optou-se por uma aula visando atentar para estes pontos, a interpretação das linguagens, com a apresentação de técnicas básicas e exercícios que pudessem incentivar os alunos a terem um novo olhar sobre o que veem através da tela de uma câmera fotográfica

e de um aparelho de celular, sendo este último dispositivo aquele a que eles têm acesso e mais utilizam. A atividade teve início com este pesquisador indagando se o grupo gostava de tirar fotografias. A maioria dos alunos respondeu que não fazia fotos – por não ter prática, interesse e não querer aparecer mesmo em momentos importantes, como um aniversário, um casamento ou um almoço em família, para citar os exemplos dados; outros que registravam situações do seu dia e eram adeptos de *selfies* para publicação nas redes sociais.

Também foram perguntados se tinham participado de alguma exposição de pintura ou fotográfica. A resposta recebida foi que sim, quando a escola levou para ver as telas do pintor Van Gogh, em uma exibição na cidade ocorrida em 2022. Por fim, foram questionados sobre se já tinham ido ao cinema e quase todos disseram que sim (a intenção não era saber quantas vezes, mas se conheciam). Tais perguntas foram formuladas porque estão relacionadas à fotografia.

Com base nas respostas, o assunto começou a ser aprofundado e explicado para eles: que tais imagens, em fotos, pinturas e nas cenas de filmes, são interpretações da realidade, até mesmo a imagem captada de um objeto diante da câmera constitui uma criação pelo ângulo, escolha de luz, enquadramento, tratamento ou mesmo pela pose do fotografado, com trajes e posição do corpo. Então, para envolver o grupo, foi apresentada uma fotografia (Figura 66) e pedido que eles relatassem o que viam. A imagem fazia referência a ônibus e pessoas caminhando e não possuíam, neste momento, referências sobre o assunto, como título ou legenda. A foto foi publicada no portal de notícias local A Gazeta³².

As respostas foram: movimento de pessoas, congestionamento, trânsito, dia de calor. Apenas um aluno apontou se tratar de paralisação. Após isso, a mesma foto com toda a sua dimensão foi apresentada e o grupo pôde observar que era de uma manifestação que impediu a circulação de ônibus e os passageiros precisaram seguir a pé (Figura 67), ocorrida no dia anterior a esta atividade, em uma cidade vizinha situada na Região Metropolitana.

32 Disponível em <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/justica-proibe-bloqueios-de-rodoviaros-no-es-sob-pena-de-multa-de-r-50-mil-0523>



Figura 66. Imagem inicial apresentada aos alunos para que pudessem relatar o viam. Crédito: Portal A Gazeta.

A Gazeta

Após paralisação

Justiça proíbe bloqueios de rodoviários no ES sob pena de multa de R\$ 50 mil

Medida será adotada no caso de os manifestantes voltarem a fazer protesto como o da última segunda-feira, que paralisou a Grande Vitória sem que a população fosse avisada do movimento

Manifestação impediu circulação de ônibus e passageiros precisaram seguir a pé. (Kaique Dias)

Aline Nunes
Repórter / anunes@redgazeta.com.br

Publicado em 30 de maio de 2023 às 20:58 3min de leitura

Figura 67. A foto com toda a sua dimensão foi apresentada e o grupo pode observar que era de uma manifestação que impediu a circulação de ônibus e dos passageiros. Crédito: Portal A Gazeta.

Nesse momento, praticamente todos lembraram do acontecido, porque foi bastante noticiado nos meios de comunicação e mídias sociais. Ainda aproveitando esta ocasião, foram trabalhadas questões relativas ao título como forma de ampliar o conhecimento do vocabulário e dos entendimentos relativos à paralisação, bem como a importância de terem seus pontos de vista sobre o assunto. Todos apontaram ser contra a forma como ocorreu a manifestação, sem dar comunicação sobre o manifesto à população, embora concordem com o direito de greve dos trabalhadores.

Tendo suas mentes já um pouco aguçadas, partimos para a segunda parte da aula, que foi composta pela apresentação de equipamentos profissionais e de aprendizagem de técnicas básicas para a realização de fotos, que, antecipo, deu início de uma experiência que seria única para eles até este momento de suas vidas. O fotógrafo Marcos Salles, com larga experiência na cobertura de notícias e eventos pelo Jornal *A Tribuna*, foi convidado para mostrar esse “novo mundo” para os estudantes. Para começar, o fotojornalista apresentou a câmera digital profissional, as lentes utilizadas (normal, grande angular, teleobjetiva), flash e aparelho usado para medir a luz (Figura 68). Esse foi um momento de grande curiosidade e surpresa para os alunos que, ao manusearem os equipamentos, puderam perceber o peso das lentes e da câmara, como se encaixam e como deveriam segurar, movimentar a lente, acertar o foco, escolher a velocidade, olhar o visor, definir o ângulo e enquadramento até apertar o botão, ouvir o clique e registrar o momento (Figura 69). “Irado”, “muito legal”, “posso fazer de novo?” eram o que mais se ouvia do grupo.



Figura 68. O fotojornalista apresentou a câmera digital profissional e os equipamentos. Crédito: Deyvison Longui.



Figura 69. Os alunos aprenderam técnicas e puderam manusear a câmera digital profissional e suas lentes. Crédito: Deyvison Longui.

E ouviram do fotógrafo, em seguida, a importância de se escolher uma boa luz para o registro, evitando assim a contraluz e uma exposição excessiva que pudesse “estourar” a foto no momento do clique, bem como o que observar durante o momento do enquadramento e como melhorar esse campo de visão na tela. Para ilustrar, foi feita uma comparação da mesma cena e como aparecia na tela da câmera digital e no visor do celular (Figura 70). Os alunos ainda aprenderam como melhorar esse recurso, utilizando dicas e modos disponíveis no aparelho móvel (Figura 71).



Figura. 70. O fotógrafo apresentou como é vista a imagem no celular e na câmera profissional. Crédito: Deyvison Longui.



Figura 71. Os alunos aprenderam como fazer no celular o enquadramento da imagem e recursos disponíveis. Crédito: Deyvison Longui.

Com as técnicas aplicadas, chegou o momento de colocar em prática o que ouviram, observaram e aprenderam. Para isso, utilizaram a câmera profissional e o celular. A atividade foi definir o que queriam fotografar, onde, pensar o enquadramento e fazer a foto. Mas tinham de fazer o mesmo registro com os dois dispositivos, para depois serem analisado por si próprios, os colegas e o fotógrafo. Os alunos se organizaram e todos realizarem a atividade – estava acessível apenas uma câmera profissional e era preciso a presença do profissional. As Figuras 72, 73 e 74 mostram o exercício aplicado por um estudante, que escolheu o professor de Língua Portuguesa como personagem, estando ele em frente a estantes de livros da biblioteca lendo um exemplar. A Figura 72 tenta mostrar o ângulo adotado pelo aluno, a Figura 73 o registro feito por esse estudante na câmera profissional e, a Figura 74, a foto tirada no celular.



Figura 72. Ângulo escolhido pelo aluno. Crédito: Deyvison Longui.



Figura 73. Registro feito pelo aluno usando a câmera profissional. Crédito: Deyvison Longui.



Figura 74. Registro feito pelo aluno usando o celular. Crédito: Deyvison Longui.

Ao questionar o aluno que fez este registro sobre qual foto ele mais gostou, respondeu de imediato que a do celular, porque não sentiu o peso da câmara e pôde observar melhor o que poderia incluir na cena. Os colegas disseram preferir a imagem feita pelo celular. Destacou, sem ser indagado, que na imagem do celular a mochila não havia ficado em frente ao professor e que a mesa tinha se destacado também. Essa análise mostra que o aluno tentou empregar no exercício o que aprendeu. Os demais estudantes também realizaram a atividade de forma bem satisfatória, apontando que aprenderam positivamente. O fotógrafo aproveitou o momento e reforçou que, ao registrar pessoas, a cabeça e a maior parte do corpo não devem ser cortados.

3.3.8. Charge

Charge é um desenho humorístico, com ou sem texto, que, veiculado geralmente pela imprensa, critica um fato de conhecimento público (Figura 75). A palavra charge tem origem no francês *charger* e significa “carga”. Provavelmente foi adotada porque, na charge, em geral, exagera-se na caracterização de alguém ou de algo para torná-lo cômico.

Como gênero textual, a charge compõe-se de dois tipos de linguagem: a verbal (o texto) e a não verbal (o desenho) – Figura 76. Por vezes, pode ser composta apenas pela linguagem não verbal. Nos últimos anos, este gênero tem sofrido transformações em seu modo de composição e em sua forma de veiculação. Na TV e na internet já aparecem em versões eletrônicas (ou animadas) utilizando recursos de som e de movimento.



Figura 75. A charge é um desenho humorístico que critica um fato de conhecimento público.
 Fonte: Intenet.

A aplicação deste gênero tem como proposta que os alunos o percebam como unidade textual de sentido completo. Para isso, durante a atividade, foi trabalhada a correlação texto/contextual para compreensão da mensagem contida na charge; a leitura da mensagem, principalmente nos seus aspectos de crítica, sátira e paródia; e a identificação do caráter da mensagem sintética da charge (Figura 77).

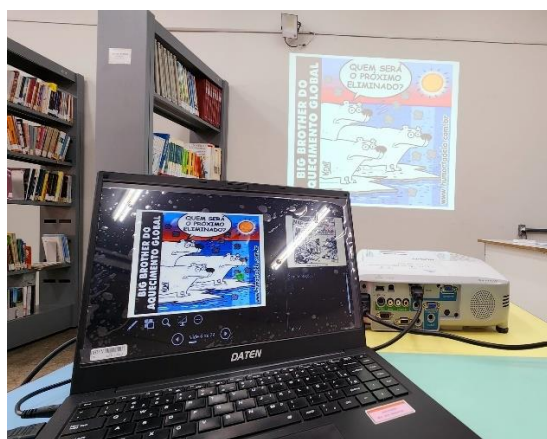


Figura 76. Apresentação da charge e suas formas de linguagem. Crédito: Deyvison Longui.

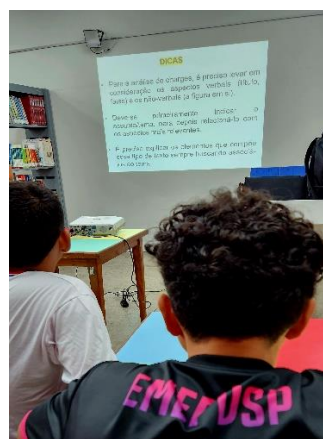


Figura 77. Os alunos receberam dicas para análise. Crédito Deyvison Longui.

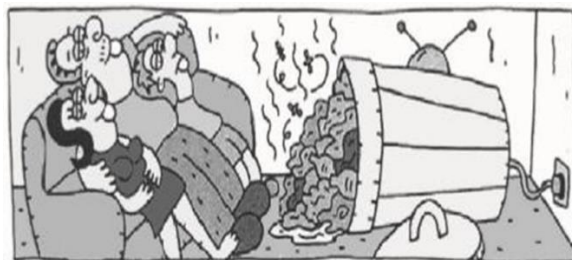
Assim, foram apresentados aos alunos exemplos de charges que brincavam com seus elementos construtivos: sem palavras, com elementos sobrepondo-se ao não-verbal, com humor nas falas dos personagens, e correlação palavras/ilustração (Figura 78). E, para a análise, foi explicado que deveriam levar em consideração os aspectos verbais (títulos, falas) e os não-verbais (as figuras em si).

Também foi explicitado que, às vezes, o autor/chargista passa a mensagem por meio de subentendidos. Assim, ao visualizarem a charge, o grupo deveria dizer que assunto ou assuntos era (m) capaz (es) de encontrar na imagem e, ainda, qual a crítica presente. Deviam, primeiramente, indicar o tema, para depois relacioná-lo com o contexto em geral.



RIC. Disponível em: www.nanquim.com.br. Acesso em: 8 dez. 2012.





Caco Galharido. 2001. Disponível em: <http://solinguagem.blogspot.com.br>. Acesso em: 7 dez. 2012.



Figura 78. Exemplos de charges apresentadas e que brincavam com seus elementos construtivos. Fonte: Internet/A Gazeta/Tribuna Online.

Logo na primeira análise, cuja charge fazia referência ao período do Carnaval e não possuía título ou balões de texto (a primeira à esquerda da lista de figuras acima), o grupo demonstrou dificuldade para inferir sobre o que se tratava e não emitia entendimento e opiniões sobre ela. Foi pedido então pelo pesquisador que observassem com mais atenção aos detalhes da imagem, como se estivesse exercitando o “Jogo dos 7 Erros”. Essa analogia fez com que apontassem as primeiras impressões, dizendo que a charge mostrava: pobre, rico, data comemorativa, impostos. Então, questionou-se que data poderia ser e por quê? Como resposta disseram que era o Carnaval porque o personagem demonstrava alegria, divertia-se, bebia, comemorava e jogava fitinhas de papel no ar. Com a sinalização positiva, deram-se conta que o outro personagem era o mesmo, mas no período seguinte à época festiva, completando que o homem estava: triste, com dívidas, sem dinheiro, que era o dia a dia dele.

Nas charges posteriores, embora demonstrando um pouco de indecisão, já expressavam suas leituras e

percepções do que observaram e analisaram. Sem ajuda inicial, conseguiam elencar o tema, a compreensão e a crítica. Em charges mais complexas, precisavam de um “empurrão”, mas conseguiam ter uma análise mais consistente. Até brincavam sobre o assunto.

3.3.9. Crônica

A origem da palavra crônica remonta ao vocábulo grego *chronikós*, que significa "tempo", pelo latim *chronica*. Assim, ao lermos uma crônica estamos diante de um gênero textual em que a questão temporal é fundamental. Outro ponto importante é que esta modalidade trata da realidade, do cotidiano, a partir de uma linguagem e temas mais simples, na maioria das vezes, relacionados ao passado e à infância.

Foi explicado o significado da palavra, que este gênero textual foi apresentado ao grupo de alunos, enfatizando ainda que a Crônica pode despertar, no autor e nos leitores, uma reflexão ou transformação, fazendo uso ou não do humor. E que sua escrita faz pensar sobre a vida e também sobre o mundo a partir de um pequeno evento cotidiano.

Em resumo: a crônica é um gênero curto com características narrativas, descritivas e argumentativas. Para isso, apresenta pequenas histórias, seguidas de uma interpretação pessoal do autor; utiliza a descrição para caracterizar espaços, personagens e outros elementos que sejam importantes para o texto; e usa a argumentação quando deseja defender um ponto de vista.

Após a breve enunciação, um dos alunos disse que gostava do gênero, lia quando podia textos de vários autores e, uma vez por outra, “tentava escrever algo sobre seu dia a dia”. Ele não tinha um autor que mais gostava (na verdade, ele não conhecia autores específicos da crônica). Outros disseram conhecer, por conta da escola – o tema já via sido apresentado nas turmas do 8º e 9º anos.

Desses que disseram ter já conhecimento do gênero, dois disseram que era difícil escrever, elaborar um texto. Foi então sugerido um rápido exercício: que fechassem os olhos e imaginassem uma cena vivida recentemente ou que tinha acabado de acontecer durante o retorno à escola para as aulas do Clube do Jornal. E que contassem essa história para os colegas, com os detalhes que pudessem mostrar, ainda de olhos fechados.

Um pouco encabulados e tímidos, começaram a narrar suas histórias, uma sobre o percurso de casa até a escola e, outra, de um momento ocorrido numa praça do bairro, e puderam assim perceber, pelos relatos descritos, que escrever uma crônica não era assim tão difícil. E que uma outra forma de construir

o texto seria contar para o amigo ou amiga a história vivenciada em uma festa, para que eles pudessem “imaginar” como ocorreu, mesmo que eles não tivessem participado.

Após a conclusão desse momento, foi destacado, a partir dos contos apresentados pelos alunos, que a Crônica permite ao narrador desenvolver seu estilo próprio de narração. Para complementar a aula, uma crônica foi lida (Figura 79) para que os estudantes pudessem perceber sua construção, crítica e humor: “A bola”, escrito por Luís Fernando Veríssimo³³, em “Comédias para ler na escola” (Anexo 6).



Figura 79. Alunos prestando atenção na crônica contada pela bibliotecária. Foto: Deyvion Longui.

O grupo, então, foi questionado sobre o que acharam. Disseram que o texto era interessante e que mostrava o quanto as tecnologias estão na vida das pessoas hoje em dia (ou seja, a crítica da história). Aproveitando a história da crônica, foram indagados sobre se costumavam brincar de outros jogos fora os eletrônicos, acessados por vídeo games e computadores. A resposta foi que sim, e dentre

³³ Luís Fernando Veríssimo é um escritor, humorista, cartunista, tradutor, roteirista de televisão, autor de teatro e romancista. Com mais de 80 títulos publicados, é um dos mais populares escritores brasileiros contemporâneos. É filho do também escritor Érico Veríssimo.

asbrincadeiras estavam: futebol na rua, queimada³⁴, pique-esconde³⁵, pique-bandeira³⁶. Mas que agora preferiam outro tipo de jogos, principalmente porque estavam crescidos.

Ainda foram perguntados sobre o que mais mostrava o texto, e completaram: a relação entre o pai e o filho. Como não apontaram algo mais, foi enfatizado ainda que, na crônica, Veríssimo quis mostrar as mudanças entre gerações e que alguns objetos, como no caso da bola, começam a perder o valor para as novidades. E que tudo foi demonstrado por meio de um texto engraçado e divertido.

Como etapa seguinte, foi proposto aos alunos como exercício a escrita de uma crônica coletiva ou individual (Figura 80). Para a sua construção, receberam as seguintes dicas: a escolha de uma situação do cotidiano; curiosidades que essa situação desperta; a utilização de humor ou de crítica; que o início tivesse uma breve narrativa da situação do dia a dia que inspirou o tema; que mostrassem no desenvolvimento a exposição das ideias, análises ou curiosidades; e, na conclusão, uma frase de efeito, se possível.

Na folha preparada para a construção da crônica, ainda constavam outras dicas e um roteiro para ajudá-los na elaboração do texto referente a este gênero – Fato do cotidiano, o que querem criticar (opinião sobre o assunto, personagens e suas relações, local, o que vamos esperar, o que vai acontecer. Como tema o grupo escolheu “O uso da tecnologia muito cedo” (Figura 81).



Figura 80. Alunos realizando a atividade de escrita de uma crônica. Foto: Deyvison Longui.

³⁴ Queimada ou jogo do mata é um esporte coletivo em que os jogadores de duas equipes tentam acertar os oponentes com uma ou mais bolas, evitando serem atingidos. O objetivo de cada equipe é eliminar todos os membros da equipe adversária, acertando-os com bolas lançadas

³⁵ Esconde-esconde, pique-esconde ou escondidas é uma brincadeira infantil, na qual enquanto uma pessoa fica com os olhos fechados contando até certo número combinado com os participantes (geralmente três pessoas ou mais), os demais participantes se escondem.

³⁶ Pique-bandeira, captura à bandeira ou rouba bandeira é um jogo tradicional no qual dois times, cada um possuindo uma bandeira (ou outro objeto), tem como objetivo capturar a bandeira do time adversário, localizada na "base" desse time, e trazê-la de volta ao seu território em segurança.

Assim, a introdução da crônica como gênero textual na rotina dos alunos é importante porque, ao produzirem esse tipo de conteúdo, eles aprendem algumas estruturas linguísticas próprias, como os verbos no pretérito perfeito e imperfeito, de estados e de transformação, e as formas narrativas em primeira pessoa; ficam próximos de textos mais acessíveis para a leitura e para a produção da escrita; e desperta um olhar sobre o cotidiano.

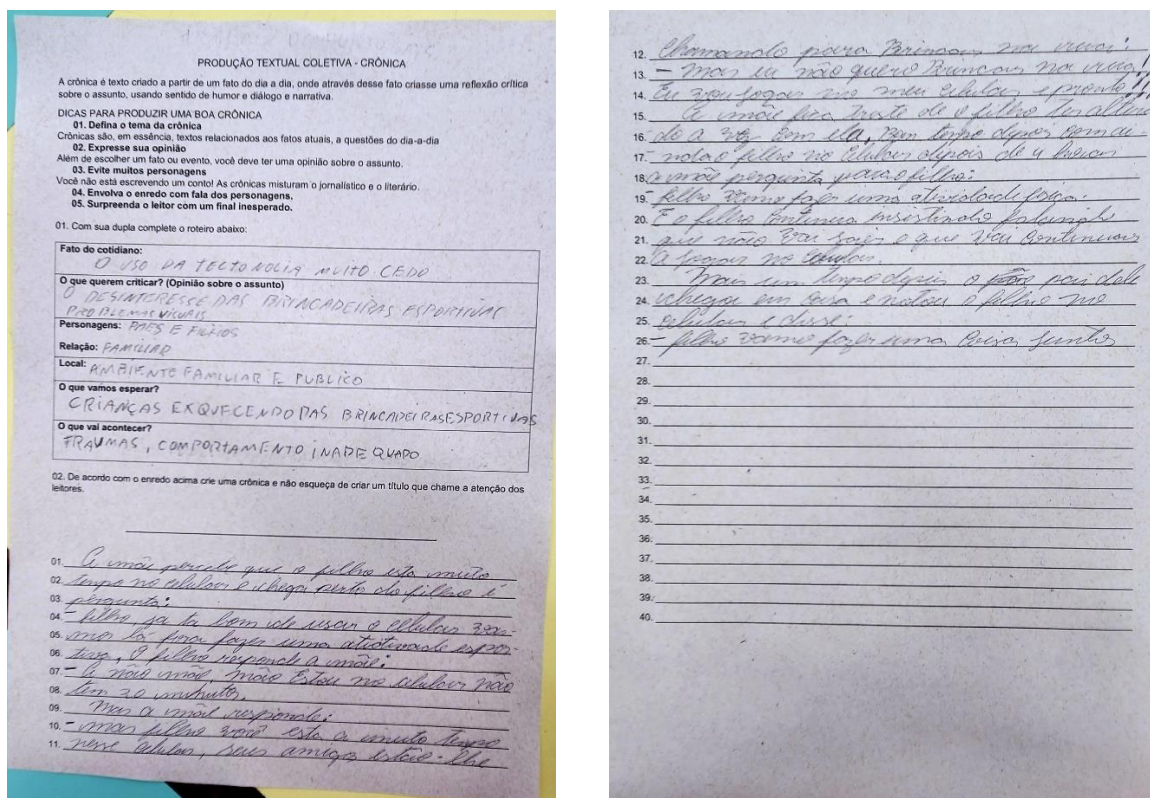


Figura 81. Crônica escrita por um aluno. Foto: Deyvison Longui.

3.4 Visitando um veículo de comunicação

Com o avanço no aprendizado das técnicas textuais do gênero jornalístico, os alunos do Clube do Jornal puderam ter um dia de aula diferente. O grupo foi conhecer de perto o funcionamento de uma Redação, os bastidores da notícia e observar os processos de produção jornalística na prática, relacionando com os conceitos aprendidos nas atividades que desenvolveram. O local da visita foi a Rede Gazeta (Figura 82), o maior grupo de comunicação do Espírito Santo, localizado em Vitória, e que possui portal on-line de notícias, rádios e TVs (afiliadas da TV Globo).

Era início de uma tarde de quarta-feira quando os alunos embarcaram no transporte (Figura 83) em

frente à escola Vercenílio, que os levaria até a sede da empresa. No percurso de cerca de 5,5 km e que demoraria uns 15 minutos, vivia-se muita expectativa e ansiedade por verem os repórteres e apresentadores que assistiam pela TV de casa e como seria um veículo de comunicação. Na chegada, ainda na recepção, o primeiro impacto ao se depararem a poucos metros dali com um estúdio de rádio e poderem ver pelo vidro (aquário, no jargão jornalístico) os profissionais atuando.



Figura 82. Fachada da Rede Gazeta de Comunicação. Foto: Deyvison Longui.



Figura 83. Alunos no transporte até a Gazeta. Foto: Elane Uliana.

Perguntas foram logo formuladas: Está no ar? Aquilo que aparece na TV é a programação? São somente estas duas pessoas trabalhando? Vou poder entrar? Fotos e *selfies* marcaram esse primeiro momento. Foram rapidamente recebidos pelo chefe de Reportagem da Redação Integrada, Geraldo Nascimento, que deu as boas-vindas e falou para eles como seria a visita (Figura 84), o que eles conheceriam e as normas/regras que deveriam ser seguidas durante o percurso, no qual participaria e explicaria sobre cada departamento de comunicação da Rede Gazeta.

Ao atravessarem o portão de acesso (catraca), a empolgação tomou conta do grupo e era possível ver, nos olhares e sorrisos de cada um, o entusiasmo por participar de algo que não imaginavam um dia poder fazer. A primeira parada foi na Redação Integrada e, no caminho até lá, o grupo encontrou pelo corredor dois repórteres da TV Gazeta, afiliada da TV Globo. Uma aluna sussurrou para a colega: “Essa é a Priciele (Venturini), que aparece na TV, nos jornais”.

Ao adentrarem a Redação se depararam com dezenas de profissionais em um mesmo espaço (Figura 85), mas que estavam distribuídos por veículos, separados apenas por estações de trabalho, sem nenhuma divisória/parede. Uma frase de impacto logo foi dita por um aluno: “É muita gente!”. Geraldo então respondeu que sim e que a partir daquele momento eles conheceriam como tudo era feito.

O chefe de Redação explicou que aquele primeiro grupo de profissionais fazia parte do portal A Gazeta (www.agazeta.com.br), principal veículo de divulgação da Rede, após o encerramento da versão impressa do Jornal A Gazeta, em 2019. Alguns estudantes prontamente disseram que conheciam o site e outros que acessavam o conteúdo sempre que possível nos finais de semana.



Figura 84. Geraldo Nascimento falou para o grupo como seria a visita e o que eles iriam conhecer. Foto: Deyvison Longui.



Figura 85. Os alunos se depararam com dezenas de profissionais em um mesmo espaço na Redação Integrada. Foto: Deyvison Longui.

Um estudante então perguntou como a notícia chegava até eles, na Redação (Figura 86). Geraldo explicou a partir de um exemplo: um gatinho está no alto de um poste, não consegue descer e está em sofrimento. Então, o morador faz contato com A Gazeta, por telefone ou WhatsApp, para informar esse acontecimento e pedir ajuda para o felino. Também explicou que o morador também podia fazer contato direto com a Prefeitura.

A partir desse momento, contou para os alunos que os jornalistas acionam o município e outras instituições por e-mail ou telefone para confirmar a informação e saber como será feito esse trabalho de resgate. Também disse que o repórter pode ir ao local, para conversar com moradores e ver o trabalho em andamento. Com as informações apuradas, escrevem o texto para publicação no portal. Se a televisão for acionada, o repórter vai até o local e é produzida uma matéria para o telejornal. Para o rádio, a mesma coisa. Outro aluno então, após o relato do chefe da Redação, disse: “É como estarmos aprendendo nas aulas que participamos”.

O setor seguinte que conheceram foi G1 ES (www.g1.com.br/es), outro portal de notícia, mas que segue os assuntos publicados pela TV Globo e TV Gazeta (emissora local afiliada). Ao lado estava a TV Gazeta e os jornalistas que trabalham fazendo a produção das notícias que viriam nos telejornais. Também conheceram de perto o trabalho de “montagem” de uma notícia que é vista pela TV, ao presenciarem um profissional fazendo o trabalho em uma Ilha de Edição (Figura 87). Eles ficaram muito atentos e

interessados sobre como era feita a junção entre imagem e áudio de uma determinada matéria.



Figura 86. Indagado, Geraldo explicou como a notícia chegava até a Redação. Foto: Deyvison Longui.



Figura 87. Na Ilha de Edição, os alunos conheceram a montagem de uma matéria para o telejornal. Foto: Deyvison Longui.

Da Ilha de Edição, eles seguiram para a área dos estúdios da TV, onde puderam ver de perto cenários, câmeras, gruas, *teleprompter* e outros equipamentos utilizados para fazer o jornal enquanto está no ar, ao vivo. Até lá, porém, eles puderam conhecer em tempo real a área e o funcionamento da sala de *switcher* da TV e do Controle Mestre (Figura 88), que é o setor que seleciona e organiza vídeos a serem exibidos, conforme roteiro de programação e comerciais da TV. “Nossa, parece uma nave espacial com tantos botões e controles para apertar”, comentou uma estudante. “É daqui que sai o comercial que você vê na TV da sua casa, um seguido do outro, e os programas como novela, jornais e filmes”, explicou Geraldo. “É muita responsabilidade”, enfatizou outro aluno, atento ao trabalho do profissional.

Ainda no estúdio de TV, os alunos puderam tirar fotos, fazer perguntas sobre equipamentos e seus usos. Eles ouviram também uma pequena explanação de Geraldo sobre a carreira dele e sobre o que o motivou a vencer na profissão (Figura 89). Foi um momento bem interessante e em que os alunos ficaram muito atentos, pois a maioria deles vivem, de certa forma, a mesma situação de vida que foi relatada pelo chefe de Redação: negro, nasceu e cresceu em uma comunidade de periferia, mas com os estudos conseguiu se formar na universidade, alcançou um bom emprego e atualmente está em um posto de comando na empresa onde trabalha.

Geraldo destacou para o grupo de alunos que um projeto como o que eles participavam devia ser encarado com proveito por ser muito importante. Ressaltou que quando há qualquer tipo de intervenção ou relação com crianças ou alunos, principalmente em bairros periféricos, cheios de necessidades, deve ser encarado como uma oportunidade, de mudança de vida e de crescimento futuro.



Figura 88. Os alunos ficaram atentos ao funcionamento do Controle Mestre da TV. Foto: Deyvison Longui



Figura 89. Gerando contou sobre a carreira e o que motivou a vencer na carreira. Foto: Deyvison Longui.

Ao retornarem para a recepção, encontraram com dois apresentadores de TV, que são considerados por eles como ídolos e famosos: Daniela Abreu, que apresenta o telejornal da noite, o ES 2, e Mário Bonela (Figura 90), que comanda/apresenta o primeiro telejornal da manhã, o Bom Dia ES. Foi um momento de muita tietagem e fotos dos alunos com os dois jornalistas.

A visita à Rede Gazeta de Comunicação (Figura 91) foi, claro, assunto no dia seguinte na escola, com os alunos mostrando fotos para os colegas de classe e falando sobre o que viram e puderam aprender a partir da participação no Clube do Jornal.



Figura 90. Pausa para fazer fotos com o ídolo da TV, Mário Bonela (agachado). Foto: Deyvison Longui.



Figura 91. A visita à Rede Gazeta foi assunto na escola no dia seguinte: Deyvison Longui.

3.5 Escolhendo o nome do Jornal Escolar

Com os estudantes participantes do Clube já conhecendo as técnicas de produção de notícias, chegou o momento de escolherem o nome do jornal (Figura 92) que iriam produzir e representaria a escola e o que eles aprenderam durante as oficinas sobre os gêneros jornalísticos. Sentados em volta de uma

grande mesa, foi explicado que alguns pontos deviam ser levados em consideração para a escolha do nome de um jornal: ser simples, fácil de pronunciar e de lembrar e que o nome do jornal também precisa refletir o tipo de conteúdo que será publicado.



Figura 92. Reunião com o grupo de alunos para definição do nome do Jornal Escolar: Foto: Deyvison Longui.

Como exemplo, foram apresentados alguns exemplares de jornal e revistas em circulação atualmente, para que eles pudessem elencar sugestões. Então, foi solicitado que cada um sugerisse até três nomes para que pudessem ter opções de escolhas. Foram apresentados por eles: Jovens Informados; Clube do Jornal News; Jornal VSP; Jovens VSP; Diário dos Estudantes; Notícia Ativa; Espaço Aberto; VSP News; e Planeta News. Os próprios estudantes, à medida que iam ouvindo os nomes, foram excluindo alguns títulos e optando por outros.

Após amplo debate entre eles, chegaram a dois nomes: Notícia Ativa e Diário dos Estudantes. E, por iniciativa deles, resolveram colocar os dois em votação, vencendo o Notícia Ativa por pequena margem. Num consenso, pediram para incluir a frase “Jornal do VSP” abaixo do nome Notícia Ativa. Com a definição do nome, foram perguntados o que Notícia Ativa – Jornal do VSP representava para eles e disseram que “passa aquilo que estavam aprendendo”, “ajuda a divulgar as notícias da escola”, “os alunos e professores podem mostrar o que estão fazendo”, “ganhamos voz” e “podemos mostrar o que acontece no nosso bairro também”.

O passo seguinte foi a definição das funções que eles exerceriam para a produção e elaboração. Foi apresentado que em uma Redação, como aquela que eles puderam conhecer visitando a Rede Gazeta,

tem o pauteiro, o repórter, o editor, o fotógrafo, o revisor, o diagramador. A maioria quis atuar com repórter, indo a campo fazer entrevista, dois escolheram ser fotógrafos, por ter se entusiasmado com a oficina de fotografia. “Gostei muito e quero colocar em prática o que aprendi”, contou. E outros quiseram ser editores, revisores e atuar na montagem e elaboração das páginas – por serem mais tímidos.

3.5.1 Criando as seções, pautas, textos e montando a 1ª edição

Após escolherem as funções em que atuariam no *Notícia Ativa – Jornal do VSP*, os estudantes iniciaram as discussões para a escolha das seções que fariam parte do exemplar. Novamente, contaram com o apoio dos periódicos de grande circulação a que tinham acesso, para definição do que queriam mostrar no primeiro número e, depois, fechar as pautas/assuntos que iriam divulgar.

Foi explicado que o jornal teria o formato A4 (do tamanho de um caderno grande, para exemplificar), com quatro páginas com conteúdo frente e verso, dobrado, em cores, que seria impresso em gráfica para distribuição por eles na escola e na comunidade/bairro onde moram e teria uma tiragem estimada de 500 exemplares.



Figura 93. Os estudantes discutindo os nomes das seções para o Jornal Notícia Ativa. Foto: Deyvison Longui.

Entusiasmados, iniciaram as discussões para fechar os nomes das seções (Figura 93). Então, após um consenso entre eles, sugeriram que o jornal tivesse como subdivisões iniciais: Escola, que mostrasse o que está em atividade; Comunidade, para contar o que ocorre no bairro de importante e de interessante

para todos saberem; Entretenimento, com charges e tirinhas criadas pelos alunos e dicas dos estudantes sobre leitura, séries, games e músicas; e um Editorial inicial para retratar a importância do projeto para eles. Indicaram também outras seções, que, segundo eles, poderiam ser incluídas a partir dos assuntos e temas de interesse, como Dia a Dia e Personalidade.

3.5.2 Produzindo o *Notícia Ativa – Jornal do VSP*

Funções de trabalho e seções escolhidas, eles se reuniram para a primeira reunião de pauta (Figura 94 e 95). Não quiseram definir um colega que pudesse atuar como “pauteiro” e apresentasse sugestões de assuntos que seriam transformados em matérias para o jornal. Propuseram que todos pudessem compartilhar temas para notícias. Foi explicado que eles deveriam levantar assuntos com base nas seções criadas e que a quantidade de pautas fosse suficiente para “preencher” todo o jornal, com fotos e textos, nas suas quatro páginas, a partir das aulas de produção de notícias, entrevista, reportagem, fotografia e opinião.

Assim, eles sugeriram e foram aceitas as seguintes pautas para apuração: para a seção Comunidade, a feira livre do bairro e o projeto “Quem luta, não briga” foram escolhidos. Em Escola, a proposta foi divulgar a reabertura da Biblioteca e o passeio à Rede Gazeta. No Entretenimento, definiram que haveria um classificado literário, com dicas de livros pelos alunos, charges/tirinha e história em quadrinhos, e resenha de um livro.



Figura 94 e 95. Os alunos se reuniram para definir os assuntos que fariam parte do primeiro número do jornal. Foto: Deyvison Longui.

À medida que iam sugerindo os assuntos, alguns estudantes já mostravam o interesse de escrever sobre ele. Outros que gostariam de participar também. Então, eles mesmos definiram quem iria participar da apuração sobre determinada notícia e escrever os textos apontados para o primeiro número. Foi permitido que o assunto pudesse ter trabalho individualmente ou em grupo, desde que todos eles pudessem aplicar os gêneros textuais do jornalismo que aprenderam nas oficinas.

Foi explicado que eles tinham um prazo para apuração da notícia e entrega do texto, como ocorre nos veículos de comunicação, seja jornal, televisão, rádio ou on-line. E que esse prazo deveria ser respeitado por todos para não haver atraso para o trabalho do revisor, do editor, da equipe da montagem das páginas e posterior publicação.

3.5.3 Apurando a notícia

Já sabendo de sua pauta, o estudante-repórter foi para a “rua” em busca das informações para a sua notícia, acompanhado do fotógrafo, que, conhecendo o assunto, procurou a melhor imagem para ilustrar a matéria que estava sendo produzida. Antes, eles se reuniram com o pesquisador e com o professor de Língua Portuguesa para orientações e procedimentos para a atividade.

Foi ressaltado que a saída era restrita apenas para essa finalidade e que não deveriam e não podiam ter outro propósito. Durante a atividade, os alunos foram acompanhados por mim, pelo professor ou pela bibliotecária. A direção da escola não permitia que fossem desacompanhados para o trabalho extraclasse.



Figura 96 e 97. Aluna fazendo entrevista com uma feirante e com uma frequentadora da feira. Foto: Deyvison Longui.

Durante o momento da apuração das notícias (Figura 96 e 97), foi observado todo o processo de construção dessa primeira fase da notícia: a abordagem do estudante-repórter ao personagem, como eles conversaram para que pudessem conquistar e ter um entrevistado, as perguntas que foram feitas (eles previamente fizeram um roteiro, como aprenderam na oficina), a atuação do estudante-fotógrafo (Figura 98) e sua movimentação para poder fazer o melhor clique.

Os alunos puderam usar um gravador e o celular para o registro fotográfico. De forma geral, eles souberam executar muito bem a atividade proposta, alguns com um pouco de timidez ainda, mas outros

com total desenvoltura. Seguiram o que aprenderam e o conteúdo apurado tinha dados e informações que possibilitavam ter um texto que fosse transformado em notícia.



Figura 98. Foi observado a atuação estudante-fotógrafo e sua movimentação para poder fazer o melhor clique. Foto: Deyvison Longui.

Entre uma conversa e outra com novos entrevistados – foi pedido que entrevistassem mais de um -, conversava com eles e dava orientações (mais sobre aprofundar as perguntas para ter mais informações), mas pude notar que seguiam bem o planejado. O professor de Língua Portuguesa e a bibliotecária também relataram a mesma coisa, que os alunos que acompanharam souberam trabalhar bem a apuração.

3.5.4 Escrevendo a matéria

Com as apurações das notícias feitas, foi montada uma Redação para que eles pudessem escrever sobre suas matérias. Primeiro, foi pedido que eles fizessem isso de forma manual (Figura 99), escrevendo em papel o que tinham levantado de informações e já colocando na sequência da notícia ou reportagem. Nesse momento de escrita, alguns encontraram um pouco de dificuldade para fazer a abertura do texto, por conta de toda a informação que tinham levantado/apurado.

Mas foram lembrados das aulas sobre notícia e reportagem em que utilizaram a pirâmide invertida, escolhendo o que é mais importante para vir primeiro, e responder as perguntas do lead que tinham disponível – não necessariamente todas no primeiro parágrafo. Também fiz um exercício pedindo para que eles contassem o que haviam apurado, levantado de informações. Após narrarem, fui perguntando o que era mais relevante sobre o assunto e valia a pena a ser mostrado no texto.

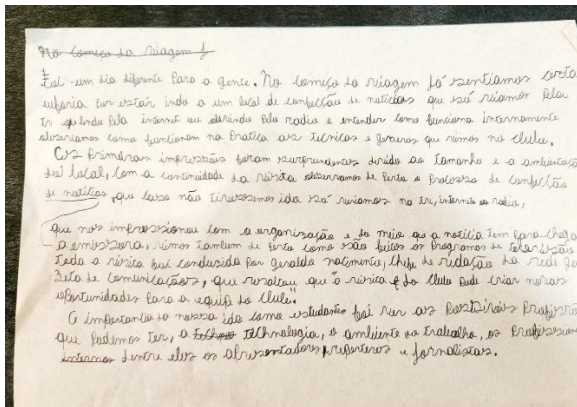


Figura 99. Primeiro, foi pedido que eles fizessem isso de forma manual. Foto: Deyvison Longui.

Foi um dia diferente para a gente. No começo da viagem já sentíamos certa euforia por estar indo a um local de confecção de notícias que só víamos pela TV ou lendo pela internet o ouvindo pelo rádio e entender como funciona internamente observamos como funciona na prática as técnicas e gêneros que vimos no clube.

As primeiras foram surpreendentes devido ao tamanho e ambientação do local. Com a continuidade da visita observamos de perto a confecção de notícias que se não tivéssimos ido só veríamos na TV, internet ou rádio, que nos impressionou com a organização e do meio q a notícia tem para chegar a emissora, vimos também de perto como são feitos os programas de televisão.

Toda a visita foi conduzida com Geraldo Nascimento chefe de redação da rede gazeta de comunicações, que ressaltou que a visita do clube pode criar novas oportunidades para a equipe do clube.

A importância da nossa ida como estudante foi ver possíveis profissões que podemos ter a tecnologia, o ambiente de trabalho, os profissionais, dentre eles os apresentadores, repórteres e jornalistas

Figura 100. Com o texto pronto, puderam usar o computador para transportar o conteúdo do papel para a tela. Foto: Reprodução.

Assim, pude perceber que eles conseguiram “construir” em suas mentes as matérias a serem redigidas, e os textos começam a ser entregues. O passo seguinte foi o apoio na correção do conteúdo escrito, observando possíveis falhas na grafia, vocabulário e normas gramaticais.

Em seguida, com o texto pronto e previamente analisado, eles puderam usar o computador para transportar o conteúdo do papel para a tela (Figura 100). Assim, eles poderiam ver e melhorar o que escreveram e o estilo que usaram, reforçando o aprendizado. Também foi solicitada uma sugestão de título para a sua notícia. Todos conseguiram finalizar no prazo estipulado e foi possível perceber o empenho e dedicação de todos na realização da tarefa e produção textual das notícias (Figura 101).



Figura 101. Momento de produção textual das notícias apuradas para o jornal. Foto: Deyvison Longui.

3.5.5 Fazendo a edição

Apesar de não interferirem diretamente na produção das notícias, os estudantes-editores (Figura 102) tiveram um papel importante na Redação, pois de certa forma coordenaram as seções do jornal, escolhendo qual matéria seria incluída por página, qual ficaria acima ou abaixo tinham de fazer o título e a legenda das fotos e decidir qual o assunto, daqueles que haviam sido produzidos, que seria a matéria de capa. De forma inusitada e sem qualquer interferência, o grupo escolheu que um editorial deveria ser a “matéria de capa” deste primeiro número do *Notícia Ativa* para mostrar a importância do projeto.



Figura 102. Trabalho dos alunos-editores que coordenaram as seções dos jornais. Foto: Deyvison Longui.

Os alunos que participam desta função contaram que era uma responsabilidade muito grande, mas interessante. Eles contaram com o apoio e assistência deste pesquisador, que é jornalista e trabalhou durante alguns anos como editor de um portal on-line. Para o auxílio, foi feito um resgate da aula de fotografia, em que puderam fazer atividades de legenda, não descrevendo a imagem, mas passando informações sobre aquele registro com base no conteúdo do texto.

Para o título, também foi feito um resgate das aulas de notícia, entrevista e reportagem nas quais era sugerido que dessem uma sugestão de título ao fim do texto criado. Também puderam pesquisar títulos e legendas nos jornais que usaram em atividades anteriores. Assim, eles se sentiram mais seguros e, com a ajuda necessária, conseguiram sugerir e desenvolver a função, sugerindo boas chamadas para a matéria. As legendas também tiveram boas frases.

3.5.6 Criando a página

Com as matérias prontas e os textos editados e as imagens selecionadas pelos estudantes-fotógrafos com legendas, o grupo deu início a elaboração do layout das páginas do jornal. Para a montagem do primeiro número foi escolhido o programa Canvas, por ser uma plataforma de design gráfico de fácil manuseio e entendimento para os alunos.

Com o apoio novamente dos jornais disponíveis em sala de aula, que tinham projetos gráficos variados, os alunos (Figura 103) puderam sugerir o tipo e o tamanho da letra (fonte) a ser usada nos textos, legendas e títulos. O uso ou não de fios para divisão de matérias. De barras ou caixas para chamar a atenção das seções/editorias. E palavras-chave para resumir a matéria a ser contada.

Todo esse processo contou diretamente com as sugestões deles, que em grupo definiam o que seria ou não adotado para implementação na página, que ia sendo construída com a ajuda do professor de Língua Portuguesa, porque os alunos não tinham conhecimento necessário para utilização total da plataforma. Foram eles também quem definiram como ficaria o nome Notícia Ativa – Jornal do VSP no topo da primeira página. Ainda sugeriram a inclusão do brasão da escola.



Figura 103. Na elaboração do layout do jornal, os alunos puderam sugerir o tipo e o tamanho da letra (fonte) a ser usada nos textos, legendas e títulos, além de outros grafismos com o apoio do professor. Foto: Deyvison Longui.

Aos poucos, as páginas foram ganhando forma a partir do texto editado e com a inclusão das fotos e definição de como elas ficariam nas páginas. Cada matéria ganhou o nome do seu autor, ou seja, estudante-repórter e as fotos os créditos dos estudantes-fotógrafos que fizeram os registros. Era possível perceber a ansiedade dos alunos em querer ver o produto pronto. O trabalho de diagramação durou duas aulas.

3.6 Notícia Ativa - Jornal do VSP - Versão impressa

Com o layout concluído, foi feita uma impressão das páginas e uma montagem preliminar (Figura 104) do exemplar, para que os estudantes pudessem fazer uma revisão e encontrar possíveis erros, falhas na diagramação e, ainda, a checagem de informação, se necessário. Foi ressaltado que essa é uma etapa muito importante no processo de publicação de jornais e revisas antes de ser liberado para impressão.

Com tudo revisado, a primeira edição do jornal foi enviada à gráfica para impressão (Figura 105). A tiragem foi estipulada em 500 exemplares para atender a distribuição na escola e na comunidade onde a unidade de ensino está localizada.



Figura 104. Versão preliminar do número 1 do Notícia Ativa. Foto: Deyvison Longui.

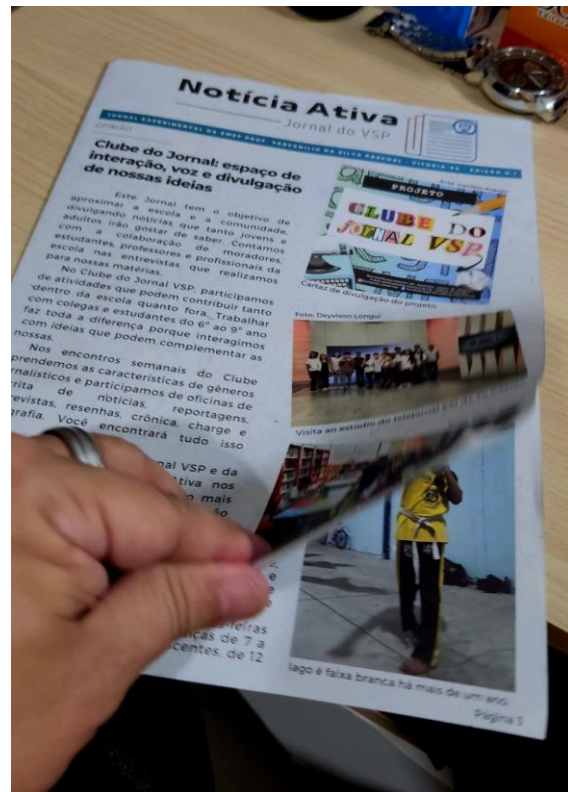


Figura 105. Versão impressa do Notícia Agora. A tiragem foi 500 exemplares. Foto: Deyvison Longui.

O Notícia Ativa – Jornal do VSP (Figura 106) foi concebido em formato A4 (do tamanho de um caderno grande, para exemplificar), com quatro páginas com conteúdo frente e verso, dobrado, em cores. VSP é a sigla usualmente utilizada pela comunidade escolar (professores, alunos e pais) para designar Vercenílio da Silva Pascoal.

Notícia Ativa

Jornal do VSP

JORNAL EXPERIMENTAL DA EMEF PROF. VERGENILIO DA SILVA PASCOAL - VITÓRIA-ES - EDIÇÃO N.1

OPINIÃO

Clube do Jornal: espaço de interação, voz e divulgação de nossas ideias

Este Jornal tem o objetivo de aproximar a escola e a comunidade, divulgando notícias que tanto jovens e adultos irão gostar de saber. Contamos com a colaboração de moradores, estudantes, professores e profissionais da escola nas entrevistas que realizamos para nossas matérias.

No Clube do Jornal VSP, participamos de atividades que podem contribuir tanto dentro da escola quanto fora. Trabalhar com colegas e estudantes do 6º ao 9º ano faz toda a diferença porque interagimos com ideias que podem complementar as nossas.

Nos encontros semanais do Clube aprendemos as características de gêneros jornalísticos e participamos de oficinas de escrita de notícias, reportagens, entrevistas, resenhas, crônica, charge e fotografia. Você encontrará tudo isso aqui.

Participar do Clube do Jornal VSP e da confecção do jornal Notícia Ativa nos possibilitou desenvolver uma visão mais ampla da sociedade e da organização interna da escola. Nossos encontros, além de divertidos, nos permitem desenvolver habilidades de escrita, leitura, fotografia e senso de companheirismo.

Boa leitura.
Equipe do Clube do Jornal VSP.



Arte: Ivanildo Araújo

Cartaz de divulgação do projeto.



Foto: Davidson Longuê

Visita ao estúdio do telejornal Est da TV Gazeta.



Foto: Eliene Uliana

Alunos em atividade.

Página 1

ESCOLA

Conhecendo os bastidores da notícia

Por Alam, Davi e Jamyllé

Foi um dia diferente para a gente. No começo da viagem já sentíamos certa euforia por estar indo a um local de confecção de notícias que só víamos pela TV ou lendo pela internet ou ouvindo pelo rádio. Observamos como funciona na prática as técnicas e gêneros que vimos nas oficinas de produção do Clube.

As primeiras impressões foram surpreendentes devido ao tamanho e ambiente da local. Com a continuidade da visita, observamos de perto a confecção de notícias que, se não tivéssemos ido, só saberíamos pela TV, internet ou rádio. Ficamos impressionados com a organização e o meio que a notícia chega à emissora, vimos também de perto como são feitos os programas de televisão.



Foto: Eliene Uliana

Estudantes conhecendo a produção de notícias.

Toda a visita foi conduzida pelo chefe de Redação da Rede Gazeta de Comunicação, Geraldo Nascimento, que ressaltou que a visita dos estudantes pode criar novas oportunidades para a equipe do Clube.

A importância da nossa ida foi poder ver possíveis profissões que podemos ter, a tecnologia, o ambiente de trabalho, e os profissionais, dentre eles apresentadores, repórteres e jornalistas.

REABERTURA

Biblioteca Francisco Aurélio Ribeiro abre suas portas

Por Caio e Lucas

A biblioteca Francisco Aurélio Ribeiro reabriu na segunda quinzena de maio. Com a reabertura, os estudantes ficaram super felizes com o espaço renovado. Depois de dois anos de obras, a biblioteca ganhou pintura, iluminação, forro, toldado, estantes, ar-condicionado, impressora, um novo computador e leitor óptico. O novo layout deixou o espaço mais acolhedor.

A bibliotecária Eliane Couto Uliana disse que está muito feliz com a reabertura da biblioteca. Segundo ela, "a biblioteca está mais bonita. O espaço remodelado permite melhor acesso ao acervo e tem atraído mais frequentadores".

O estudante Guilherme Rodrigues, de 13 anos e do 8º ano B, "achou o máximo a reabertura da biblioteca e que todos podem se desenvolver com a leitura". Também disse que gosta da biblioteca porque ele aprende a ler melhor. O gênero favorito dele é filosofia.



Foto: Luit Otávio

Alunos realizando atividades na biblioteca.

Página 2

COMUNIDADE

Feira aproxima moradores e comunidade

Por Danylla, Kailane e Laura

A feira livre de Joana D'Arc incentiva os moradores a melhorar a relação entre eles e a desenvolver a economia do bairro, ofertando produtos saudáveis e frescos.

A moradora Aneliia Afonso, de 71 anos, que reside no bairro há mais de 40 anos, ressaltou que gosta mais de comprar na feira para incentivar a venda de mercadorias na comunidade. "A feira me salvou durante a pandemia da Covid-19 porque era o único lugar que eu podia ir para comprar frutas e verduras", disse.

Wendrya Vitória Costa, de 19 anos, enfatizou que a feira é bem tranquila e as pessoas são muito educadas.



Foto: Gabriel Santos

Wendrya oferece vários produtos frescos.

"O produto que eu mais vendo é a mandioca branca", contou a feirante. O trabalhador da barraca de pastel, Luiz Felipe da Silva, de 19 anos, e que atua na feira há 1 ano, disse que a vontade dele é aprender coisas novas.

"Quero experiências de trabalho que me ajudem a ter novas oportunidades", afirmou. Ele contou que vende mais de 300 pastéis a cada feira.

A feira livre acontece toda quinta-feira, das 15h às 20h, na rua Osias Sarmiento Rodrigues, em Joana D'Arc.



Foto: Gabriel Santos

Luiz Felipe trabalha na feira há 1 ano. Foto: Gabriel Santos



Foto: Gabriel Santos

Aneliia prefere comprar na feira. Foto: Gabriel Santos

ESPORTE

Quem luta, não briga!

Por Davi, Gabriel e Iago

O projeto de artes marciais "Quem luta não briga" existe há dois anos e vem ajudando crianças e adolescentes a desenvolverem autoconfiança, coordenação motora, disciplina, responsabilidade e defesa pessoal.

O aluno Iago Gabriel diz que o projeto lhe ajudou a fazer novos amigos, melhorar a comunicação e a ter mais disciplina. Iago ressaltou que no começo não estava interessado. "Mas agora não abro mão do projeto e não falta nenhum dia", ressaltou. Atualmente ele está na faixa branca de kickboxing - primeira de sete graduações.

O professor de artes marciais, Michael Filipe, contou que está dando aula há dois anos e destacou: "o projeto ajuda a afastar crianças e adolescentes da violência, a não brigarem na rua e a saírem do sedentarismo".

O projeto funciona às segundas e quartas-feiras nos horários de 19h às 20h, para as crianças de 7 a 11 anos, e das 20h às 21h para os adolescentes, de 12 a 18 anos, no bairro Joana D'Arc.



Foto: Gabriel Santos

Iago é faixa branca há mais de um ano.

Página 3

ENTRETENIMENTO

Classificados Literários

Por Danyela

"O livro de Alejandro Rosas, do gênero infantil, conta sobre uma garotinha que dormia sempre na cama de seus pais, mas o tempo passou e ela foi crescendo e teve que dormir na sua própria cama e, só assim, descobriu que a sua cama é a mais gostosa do mundo". Livro Bibi vai pra sua cama. Recomendação de Sofia Ramos, de 8 anos, do 2º B.



Foto: Luit Otávio

"O livro de Jostein Garder, do gênero de romance filosófica, fala de uma história que se passa na década de 90. A personagem principal é Sofia Aamundsew, uma menina de 14 anos que mora na Noruega com seus pais". Livro O Mundo de Sofia. Recomendação de Guilherme Rodrigues, de 13 anos, do 8º B.

TIRINHAS



DAVI E JAMYLLÉ

Rainha Vermelha

Por Mirela

O livro a Rainha Vermelha trata das diferenças de classes sociais, de forma que os jovens entendam melhor o assunto. Na história, as classes sociais são divididas entre os que tinham sangue vermelho e aqueles que tinham sangue prateado. As pessoas de sangue vermelho eram desprezadas pelo seu tipo de sangue, pois não tinham poder nenhum. Já os prateados, tinham poderes e eram considerados acima dos vermelhos. Essa história coloca Mare, a personagem principal, contra os desejos de seu coração.

Os personagens são: Mare, a vermelha com poderes de prateado; Evangeline, a magron; importante; Clara, a rainha manipuladora; e Falely, a vermelha rebelde.

Gosto de livros que tratam deste assunto porque falam sobre algo que acontece muito na realidade. São diferenças que os outros classificam como melhor ou pior. São assuntos que devem ser trabalhados com os jovens.

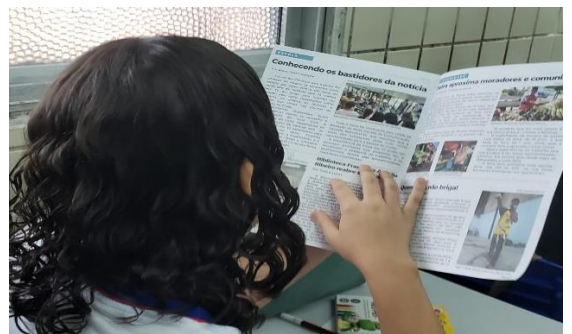
Respostas: O jornal Notícia Ativa é uma publicação experimental produzida por alunos do 6º ao 9º ano que participam do projeto Clube do Jornal VSP. Equipe Longuê (coordenador), Yliana (coordenadora), Davidson Longuê, Eliene Uliana e Ivanildo Araújo (relatores); Alan Santos Souza (PB), Bernardo Souza (Burguês), Caio Tolentino Padilha (PA), Danyela Souza Cordeiro (PA), Danylla Afonso da Silva (PA), Davi Baretto Cordeiro (PA), Elton de Jesus Rodrigues (PA), Gabriel Santos Costa (PA), Igor Gabriel de Mendonça, Jamyllé Moura B. Santos (PA), Jhonata Silva Rocha (PA), Kailane Afonso Oliveira (PA), Laura Santos Souza (PA), Luit Otávio de A. Almeida (PA), Lucas Ribeiro P. Galvão (PA), Mirela Ramos (PA), Vitória Lúcia de Souza (PA), Yliana Souza exemplares: Agostinho.

Página 4

Figura 106. O jornal Notícia Ativa foi concebido no formato A4 com quatro páginas com conteúdo frente e verso, dobrado, em cores. Foto: Reprodução.

3.6.1 Lançamento na Escola

Com a primeira edição do Notícia Ativa – Jornal do VSP impressa, foi feito um planejamento para lançamento e distribuição na escola (Figuras 107, 108, 109 e 110), que contou com momentos que contemplassem os turnos matutino e vespertino. O evento contou com a participação da comunidade escolar, composta por alunos, professores e pais/responsáveis, que se reuniram no pátio da unidade de ensino.



Figuras 107, 108, 109 e 110. A distribuição do jornal na escola contou com momentos que contemplaram todos os turnos e envolveu professores, pais e alunos. Foto: Deyvison Longui.

Num primeiro momento, alunos que integraram o projeto relataram para a turma da manhã como foi participar das oficinas e suas experiências na produção dos gêneros textuais do jornalismo para a produção do primeiro número do jornal. A diretora da escola, Maria Luíza, ressaltou que “o projeto desenvolvido com os alunos de construção de um jornal fez a diferença, foi realizado de maneira organizada e movimentou o protagonismo dos estudantes, que participaram ativamente”.

Ressaltou também a importância de os pais lerem o jornal, que possui assuntos que abordam o território onde moram, das ações da escola, ou seja, possui informações que envolvem toda a comunidade escolar. “O jornal, ainda, é mais um recurso para incentivar a leitura de vocês, estudantes”, pontuou.

Em seguida, o grupo de alunos entregou aos presentes um exemplar do jornal e, depois, foi de sala em sala para também contar sua experiência e distribuir um exemplar para cada colega da escola. Era

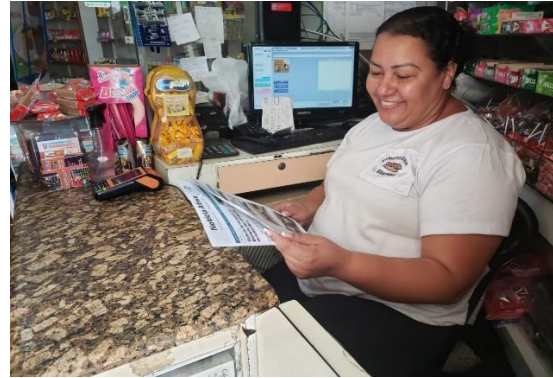
possível perceber a satisfação dos demais estudantes ao receberem o jornal, ao folhearem, lerem e encontrar assuntos de interesse sobre a escola e da comunidade. Alguns chegaram a contar que tinham assuntos para o próximo número e gostaria também de participar. Os professores também receberam e elogiaram a iniciativa.

3.6.2 Entrega no Bairro/Comunidade

Após o momento na escola, o grupo de estudantes também foi fazer a entrega do primeiro número do jornal no comércio e para os moradores do bairro (Figuras 111, 112, 113 e 114). A escola está localizada num ponto estratégico, que reúne ao seu redor lojas e estabelecimentos que prestam serviços em geral, como salão de beleza, oficina mecânica, padaria, supermercado, dentre outros. Era visível a empolgação dos alunos, ao saírem do portão da escola para fazerem a distribuição do primeiro exemplar. Os estudantes sentiam um orgulho por estarem entregando um produto que foi feito por eles.

O primeiro local de parada foi em uma oficina mecânica, que fica na mesma rua da escola. Durante a apresentação do jornal e falando sobre o projeto, uma surpresa: os estudantes descobriram pelo dono da oficina que uma senhora entrevistada para o jornal, a Dona Anelia Afonso, que fazia compras na feira livre, era a mãe dele. “É a minha mãe! Ela vai ficar superfeliz”, ouviram do proprietário do estabelecimento ao ver a foto dela no jornal.

Em seguida foram na barbearia, na padaria, no supermercado, na loja de material de construção. Os alunos abordaram as pessoas que estavam dentro desses comércios e as que estavam na rua. A cada novo local, a cada nova abordagem, era gratificante perceber o orgulho dos estudantes em falar do jornal e a receptividade dos moradores e comerciantes ao recebem o exemplar.



Figuras 111, 112, 113 e 114. Estudantes percorrendo o bairro para fazer a distribuição do Jornal Notícia Ativa. Foto: Iranilso Araújo.

Na chegada à feira livre, mais uma surpresa: os alunos também encontraram com outro personagem que virou notícia, ao dar entrevista para o jornal. O encontro foi com o professor e responsável pelo projeto “Quem luta, não briga”, assunto do jornal. O docente era só felicidade e foi logo contando para os feirantes e frequentadores o feito realizado pelos alunos.

E aproveitou para fazer com os alunos a divulgação do jornal em uma transmissão ao vivo (*live*) na rede social dele. Também divulgou o jornal nos grupos de WhatsApp do bairro e do qual faz parte. Ainda na feira livre, os estudantes iam abordando as pessoas e falando sobre o projeto e jornal. A feirante que foi entrevistada para o primeiro número pôde se ver no jornal e logo disse: “Eu estou no jornal, que legal”, falou empolgada.

Durante o processo de distribuição do jornal para a comunidade, pude perceber que os alunos mais tímidos ou que apresentavam receios em se comunicar com o outro, mudaram por aquele momento, que foi entendido por eles como muito importante, vencendo barreiras, com orgulho das suas produções. Foi e é gratificante ver o crescimento do aluno nesse sentido. Outro ponto que me chamou a atenção diz respeito à forma como os estudantes apresentavam o exemplar para os moradores. Por iniciativa própria

deles, enfatizavam que o jornal não era somente da escola, mas da comunidade também. E os moradores demonstraram entender isso e receberam a iniciativa com bons olhos. Perceberam que a escola estava ultrapassando os muros e estava indo até eles ao mostrar assuntos e projetos do bairro. Algo como “a escola está nos vendo”.

3.6.3 Divulgação nas mídias sociais

Tão logo ocorreu a distribuição na escola e na comunidade, o primeiro número do Notícia Ativa – Jornal do VSP também foi publicado nas mídias sociais da EMEF Vercenílio no Instagram e no Facebook (Figura 115). O jornal, em formato de pdf, também foi enviado a todos os pais pelo grupo de WhatsApp da qual fazem parte na escola.

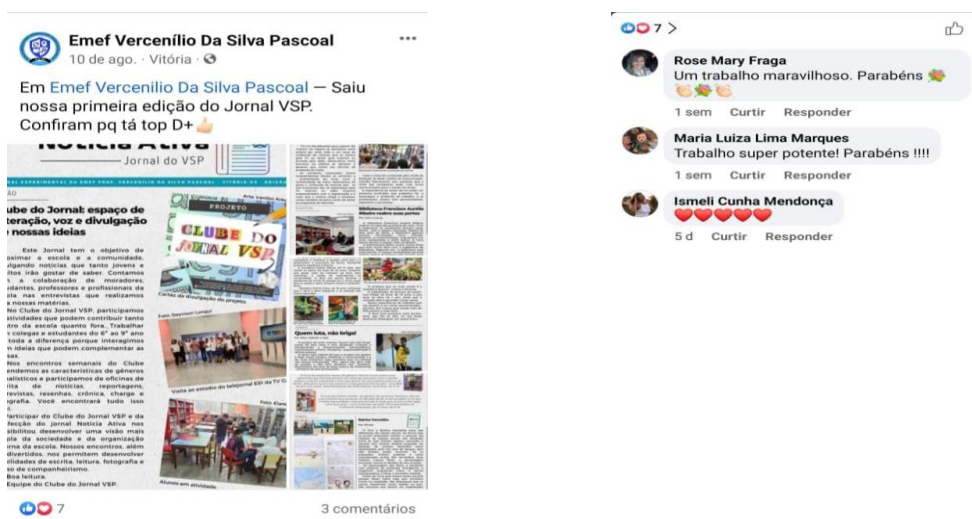


Figura 115. Divulgação do Notícia Ativa na página do Facebook da escola teve bons comentários. Foto: Reprodução.

3.7 Apresentando e divulgando o projeto de intervenção

O projeto de intervenção-ação deste pesquisador, em execução na Escola Municipal de Ensino (EMEF) Vercenílio da Silva Pascoal, foi apresentado na terceira edição do Congresso Biblio InformES (Figuras 116 e 117), que ocorreu em 7 de julho, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O coletivo preparou um dia de palestras e mesas redondas para os profissionais que atuam em bibliotecas públicas e escolares. O encontro contou com apoio do Conselho Regional de Biblioteconomia da 6ª Região (Estados do Espírito Santo e de Minas Gerais). Dentre os temas que foram discutidos no encontro estavam o papel das bibliotecas no contexto dos e-books e bases de dados, o marketing da

biblioteca para alcançar a comunidade, pesquisa escolar, fontes de informações e projetos e iniciativas que agregassem mais a participação dos alunos.



Figuras 116 e 117. O projeto de intervenção-ação foi apresentado no Congresso Biblio InformES realizado em julho deste ano. Foto: Divulgação Congresso.

O projeto foi inscrito pela bibliotecária da Emef VSP, Elane Couto Uliana, que participou da execução deste projeto de ação, e foi o único a ser selecionado neste seguimento para apresentação no Congresso. Na entrevista em anexo (Anexo 7), a profissional conta sobre o que a motivou na participação, retornos obtidos sobre o projeto e a importância desta iniciativa para a escola e alunos.

Além do Congresso Biblio InformES, este projeto de intervenção e o Jornal Escolar Notícia Ativa também foram apresentados no Fórum de Diretores das Escolas Municipais de Vitória, que ocorreu no mês de agosto de 2023, e também ganhou divulgação na newsletter do projeto Mais Brasil³⁷, que é enviado por e-mail para os professores e profissionais que participam do programa.

37 Mais informações sobre o programa em <https://www.ensinabrasil.org.br/>

Capítulo 4

Avaliação e propostas de melhoria

Para esta etapa, foram utilizados como instrumentos para fazer a Avaliação a observação do pesquisador durante todo o processo de investigação, além de reuniões com professores, corpo pedagógico e direção escolar e com os estudantes do grupo de intervenção, que puderam explicar as suas experiências em participar de um projeto deste porte. Não foi aplicado nenhuma ferramenta padronizada, como um questionário por exemplo, para medir a diferença nas competências de literacia mediática desses alunos, por considerar a realidade vivenciada por eles em seu ambiente escolar e domiciliar. Assim, a análise consistiu na percepção dos estudantes e dos demais participantes, os quais privilegiei em ver, ouvir e examinar fatos ou fenômenos, que ocorriam no decorrer da operacionalização das atividades propostas, sem criar situações artificiais. Isso permitiu a mim entender padrões, detectar mudanças e descrever situações.

4.1. Avaliação inicial da intervenção e da 1ª edição do jornal

Com o lançamento e a distribuição do primeiro número do jornal *Notícia Ativa*, foi realizada uma reunião de avaliação, visando identificar o desenvolvimento do projeto nestes quase cinco meses de execução. Ao todo, os estudantes que participaram do Clube do Jornal receberam 60 horas de formação nos gêneros textuais do jornalismo. A reunião de avaliação ocorreu com a participação deste pesquisador, do professor de Língua Portuguesa, da bibliotecária, da diretora e do corpo pedagógico da Escola e foi um momento de muita reflexão.

Foi destacado pelos profissionais da escola que a intervenção proposta foi ousada, mas que cumpriu sua finalidade e gerou um produto – o Jornal *Notícia Ativa* – que pode ser considerado da escola e também da comunidade. E que isso era possível de se perceber quando os alunos promoveram a distribuição dos exemplares e demonstraram orgulho em falar do projeto em que participaram e aprenderam, puderam retratar também os demais alunos do colégio e, ainda, da comunidade em poder fazer parte de uma iniciativa, que não imaginavam ter.

Ressaltaram que o projeto é promissor e que queriam continuar com uma segunda edição no semestre. Que desde o início da sua implementação, foi bem planejado. Que os alunos participantes do Clube do Jornal puderam aprender mais sobre os gêneros textuais da esfera jornalística, saber qual o propósito

comunicativo desses gêneros, como eles estão circulando nas mídias sociais e em outras plataformas. Enfatizaram que o projeto possibilitou ainda melhorias na leitura, na escrita, de convívio e participação nas aulas e em casa, no amadurecimento, da criticidade, da opinião e também da criatividade. E que isso foi possível por mesclar no grupo alunos do 6º ao 9º ano que puderam conviver juntos durante as oficinas que eram ministradas e interagir mais com os colegas.

Também foi enfatizado que a forma como ele foi conduzido, por meio de oficinas no contra turno das aulas para o desenvolvimento de um jornal escolar, saiu do formato tradicional que normalmente é realizado e que isso fez toda a diferença para o aprendizado dos alunos e para se chegar na publicação de um jornal que foi praticamente todo desenvolvido pelos estudantes, ao participarem de cada processo, da criação, passando pelo aprendizado dos gêneros até chegar na fase de montagem do jornal e envio para a gráfica. Evidenciaram que “o protagonismo dos estudantes esteve sempre em evidência”.

Os estudantes também foram reunidos e questionados sobre o que acharam do projeto e o que poderia ser melhorado. Reforçaram estar felizes e orgulhosos com o jornal e que aprenderam muito nas oficinas. Alguns disseram que não esperavam ter uma versão impressa, embora desde o início soubessem que fazia parte da proposta. Pediram que as oficinas tivessem mais movimento, no sentido de ter mais aulas práticas que teóricas, mas que sabiam que tinham que aprender antes o que precisa ser feito.

Também apontaram querer mais produções de assuntos além dos muros da escola, mas destacaram ser importante explorar o ambiente da unidade de ensino, conversando e entrevistando outros personagens que não apenas professores e alunos, como também outros os vigilantes, as profissionais da limpeza, os auxiliares da secretaria escolar, por exemplo. E, ainda, ouvir sugestões dos demais alunos para a produção das matérias.

4.2 Refletindo sobre o processo

Neste projeto de ação, trabalhei com um grupo de estudantes do 6º ao 9º ano de uma escola pública municipal do ensino fundamental na cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo, que passaram a integrar o Clube do Jornal. Este espaço foi criado como forma de possibilitar aos alunos participantes deste estudo terem acesso às oficinas e vivências propostas e voltadas para a produção de conteúdo, a partir dos gêneros textuais da esfera jornalística – Notícia, Entrevista, Reportagem, Crônica, Artigo de Opinião, Editorial, Charge e Fotografia - e o desenvolvimento e publicação de um Jornal Mural, o Notícia Ativa – Jornal do VSP. Visa, assim, demonstrar e apresentar, para a escola e a comunidade na qual está

inserida, o resultado do aprendizado, bem como das interações advindas desse processo e as relações incentivadas e a floradas pela literacia mediática.

Para perceber isto e para responder ao tema principal deste relatório - Jornal Escolar: ferramenta de interação entre alunos/escola e comunidade e a consolidação de competências da literacia mediática -, realizei o estudo e tive um olhar atento aos estudantes em cada atividade proposta e realizada, tendo como base o modelo de análise estruturado a partir dos pontos elencados por Pereira, Pinto & Moura (2015), por meio uma grelha de observação (Anexos 1, 2 e 3) previamente formulada para identificar e atender às minhas questões. Também foram observados os objetivos propostos e, ainda, utilizadas entrevistas com profissionais, cujo guião está disponível no Anexo 4, e aplicado um questionário simples (também disponível no Anexo 5) aos alunos para o entendimento do que sabiam e compreendiam sobre jornais e mídias de comunicação. Durante a execução de toda a intervenção houve por mim, e certamente também dos demais envolvidos, experiências igualmente valiosas que proporcionaram perceber o estágio em que a comunicação chegava e era transmitida pelos alunos.

O levantamento realizado para a fase de Diagnóstico permitiu ter acesso a informações que ajudaram no planejamento das atividades que foram desenvolvidas durante a intervenção. Esse foi um fator fundamental uma vez que, pelos dados coletados, verificou-se que o grupo de alunos participantes apresentava deficiências na identificação e utilização de certos gêneros textuais do jornalismo, como a notícia por exemplo, dentre outras dificuldades. Esta descoberta permitiu fazer a implementação/instituição de um período antes do início das atividades propostas e que fosse destinado exclusivamente para que os alunos passassem a ter mais contato com as mídias às quais tinham acesso e seus conteúdos. Esse período foi chamado de Momento Notícia.

A implementação do Momento Notícia fez a diferença para o início da intervenção e durante sua execução porque, a partir dele, os estudantes podiam ampliar seus campos de informações, aprofundar o assunto que havia trazido para o Clube do Jornal, conhecer o ponto de vista do colega, debater temas variados e que achavam importantes ou estavam ligados ao seu contexto escolar ou familiar e, assim, terem outras perspectivas. Antes dessa prática, os alunos eram consumidores e produtores de conteúdos nas mídias sociais, como Instagram, Facebook e TikTok, além dos veículos tradicionais de comunicação, sem se darem conta do tipo de informação que estavam propagando e divulgando. Com a introdução desse novo momento, o grupo passou a pensar melhor sobre o que estavam comunicando.

A oferta de livros com temáticas variadas e de diversos autores para a leitura complementar aos textos que eles já consumiam nas mídias sociais, além das informações que passaram a perceber e a ter por

meio de novos hábitos diários de procurar assuntos nos veículos de comunicação para o Momento Notícia, também fez com os alunos ganhassem mais conteúdo e segurança para o desenvolvimento das atividades propostas. Isso facilitou a introdução de cada gênero textual da esfera jornalística, bem como na realização das atividades que foram apresentadas, uma vez que o grupo passou a entender e a compreender melhor a formação, a construção e a estruturação da escrita textual dos gêneros os quais estavam colocando em prática nas oficinas. A introdução destes mecanismos vai ao encontro do que diz Moran (2018, p. 1) ao enfatizar que:

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos em que trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las.

Ainda nessa linha de pensamento, os alunos foram orientados sobre como consumir criticamente as informações e mensagens que recebiam e incentivou-se o uso de tecnologias diversas para expressar seus pontos de vista como produtores de mídia. Desta forma, o hábito de ler jornal e de também buscar regularmente por informações e notícias a partir de outras plataformas complementou e ampliou o aprendizado, provocando uma atitude engajada e interessada pelo que acontecia fora da escola.

Na realização das atividades, o entendimento e a participação do grupo, embora fossem considerados por alguns estudantes às vezes muito teórico, acabavam ganhando outro “gosto” e interesse nos exercícios propostos, sempre voltados para prática de cada gênero trabalhado. Notava-se o interesse e o comprometimento dos alunos em querer fazer a atividade, ora apontado como difícil por uns e fácil por outros. Independentemente do ano escolar que estavam cursando, se do 7º ou do 9º ano, o exercício era feito por todos, de forma mais ampla e aprofundada a partir da bagagem cultural que tinham por alguns, aliado à facilidade de aprendizado, ou de forma mais objetiva por outros.

Algumas dificuldades foram encontradas em relação à escrita dos textos formulados pelos alunos, como grafia errada de palavras, pontuação, uso do tempo verbal, parágrafos, mas estas ganhavam reforço visando a sua correção e aprendizado para os próximos artigos a serem escritos. Contudo, embora tivessem essas deficiências, os estudantes apresentavam estilo próprio para o texto e tinham desenvoltura para a elaboração do conteúdo, criando histórias, fatos, notícias e reportagens de forma bem criativa e além do esperado.

A criação do Clube do Jornal também foi um facilitador, que destaco, por ser visto pelos estudantes como um espaço mais informal, fora do ambiente de sala de aula e onde podiam interagir melhor com os colegas, professor e este pesquisador, por terem mais tempo para aprenderem sobre os gêneros textuais e atividades propostas e, assim, desenvolverem suas habilidades. Um dia era destinado para o conhecimento do conteúdo e, no outro seguinte, para colocarem em prática o que absorveram. Ressalto que esse método trouxe resultados positivos e mais aproveitamento.

Em sala de aula, o assunto também poderia ser introduzido de forma mais dinâmica ou mais aprofundada, dependendo da quantidade de temas a serem trabalhados pelo docente e do tempo disponibilizado para isso, a partir da proposta curricular a ser seguida, contudo nota-se que, no dia a dia, isso não ocorria. O que não significa que os estudantes deixariam de aprender o conteúdo nas aulas de Língua Portuguesa.

Aprenderiam sim e estariam dentro da proposta ser alcançada, se o gênero fosse ensinado de forma mais interessante, com maior dedicação do docente e mais comprometimento dos alunos, mas normalmente não ocorre desta forma. Contudo o que se percebeu, a partir dos dados levantados por meio da avaliação diagnóstica aplicada pela escola no início do ano letivo, foi que este aprendizado acabou sendo empurrado para cada ano seguinte, não obtendo a evolução esperada pelos alunos.

Assim, posso inferir que o grupo de estudantes conseguiu desenvolver as habilidades necessárias em relação às técnicas para operar a mídia/jornal e lidar com elas; demonstrou ter raciocínios, atenção, linguagem necessárias e demais capacidades mentais e cognitivas para a realização da atividade e de trabalho com a mídia/jornal; também externou ter consciência, a ampliação e ainda o aprimoramento dela por meio dos exercícios propostos; e mais comprometimento com a ética e valores das informações que recebiam e transmitiam, por perceberem a importância de estarem atentos aos conteúdos consumidos e a sua relação com a mídia que usavam – antes não havia essa diferenciação.

Para cada indicador definido para avaliar o alcance ou não das competências esperadas, posso inferir que: em relação ao conhecimento dos códigos, das diferentes estruturas narrativas, das categorias e dos gêneros que compõem os diversos produtos mediáticos, os estudantes conseguiram compreender a sua formatação e característica, de forma mais rápida para categorias textuais, como Notícia e Entrevista, e um pouco mais demorada em Reportagem e Charge, devido a sua complexidade e densidade, mas com novas explicações, exemplificações e exercícios, fecharam o entendimento e souberam desenvolver bem as atividades.

Sobre a compreensão do funcionamento das ferramentas de comunicação para entender como as

mensagens são criadas e utilizá-las para se comunicar, com a realização das tarefas após receberem as informações necessárias os alunos passaram a ter mais percepção e entendimento sobre esse processo, conseguindo fazer comparações entre os gêneros aprendidos e externando como poderiam usá-los no seu dia a dia. Quanto à habilidade de participar e interagir com os conteúdos midiáticos, não houve dificuldade uma vez que todos já eram envolvidos com mídias sociais e faziam usos das plataformas quase que diariamente.

No que diz respeito ao reconhecimento da inovação e originalidade de produtos midiáticos, os alunos demonstram não ter essa percepção no início da intervenção, mas no decorrer da sua execução passaram a desenvolvê-la, à medida que iam aplicando os gêneros do jornalismo aprendidos, entendendo o uso nos diversos meios de comunicação e plataformas disponíveis, chegando a ter a compreensão esperada ao seu final, principalmente quando da publicação do Jornal Escolar, com um produto em mãos, impresso.

Essa mesma dinâmica ocorreu no que cerne à compreensão das intenções e dos interesses contidos nas mensagens, que foram despertadas e tendo outros prismas de entendimento ao longo da intervenção. Para as etapas de produção, não houve dificuldades para o seu entendimento, desenvolvimento e execução. No que concerne à avaliação quanto à capacidade para selecionar e partilhar informação, aqui houve uma mudança positiva. Os alunos passaram a fazer esse procedimento de forma mais consciente e responsável, observando atentamente seu conteúdo e questionando sua veracidade. Nesse sentido, a fiabilidade das fontes passou a ser algo rotineiro, ao ponto de levar esse hábito para seus familiares e amigos. Também aprenderam e passaram a confirmar as informações que consideravam duvidosas.

A evolução também pôde ser verificada em sala de aula, com os alunos integrantes do Clube do Jornal tornando-se mais participativos, interagindo com o professor e explanando o que aprenderam nas oficinas em assuntos correlatos ministrados na disciplina de Língua Portuguesa, além de ajudarem os demais colegas nas atividades propostas. Essa mudança de comportamento é outro ponto significativo que a intervenção ajudou a provocar, bem como a melhoria do desempenho do grupo na realização de exercícios, trabalhos e testes, alcançando maior aproveitamento e, conseqüentemente, crescimento na pontuação das notas obtidas.

Desta forma, esse crescimento no conjunto de conhecimentos, capacidade e atitudes, considero estar de acordo com o que Pereira, Pinto & Moura (2015, p. 24) destacaram ao afirmarem que “a competência mediática deve contribuir para o desenvolvimento da autonomia pessoal dos cidadãos e cidadãs, assim

como do seu compromisso social e cultural”. Também pondero que o estudo contemplou as capacidades de análise, de leitura crítica, de questionamentos ou de transposição que a abordagem por competências pode oferecer, conforme apontam Pereira, Pinto & Moura (2015, p. 23), e ainda contribuiu para o pluralismo dos meios de comunicação e para a qualidade dos conteúdos, seguindo assim os conceitos inferidos por Lopes (2011, pp. 14-15).

No que tange à relação escola/aluno e escola/comunidade, percebeu-se mudanças que considero positivas nesse processo. Com a publicação do Jornal Escolar e a sua distribuição houve o rompimento de uma “barreira” nesta interação. A avaliação dos indicadores propostos mostrou que na participação da comunidade escolar houve um considerável engajamento e mobilização de professores, servidores e moradores do bairro para a realização do jornal e a produção do conteúdo para o primeiro número. Todos foram muito receptivos e acessíveis na colaboração.

Esse engajamento também foi visível para as trocas de informações necessárias para a realização das tarefas e produção do jornalzinho. Também foi percebida a preocupação e a importância demonstradas para a seleção dos temas que fariam parte do jornal, que deveriam ter assuntos da comunidade, e retratar de forma fiel a informação que seria divulgada.

Antes do Jornal Escolar, essa interação era mais limitada e somente existia quando ocorria algum evento ou reunião com a escola, algo considerado mais “burocrático”, com envio de mensagens de textos ou ligações telefônicas. Houve uma mudança, com a publicação chegando até a casa dos pais/responsáveis dos estudantes com assuntos que abordavam o território onde moravam, as ações da escola, com temas que envolviam toda a comunidade escolar.

Outro ponto de destaque foi o fato de os alunos participantes poderem apresentar para os colegas de outras turmas suas experiências, quando da entrega do primeiro exemplar. Foi possível perceber a satisfação dos demais estudantes ao receberem o jornal, ao folhearem, lerem e encontrar assuntos de interesse sobre a escola e da comunidade. Alguns chegaram a contar que tinham assuntos para o próximo número e gostaria também de participar. Os professores também receberam e elogiaram a iniciativa e demonstraram interesse em participar com alguma atividade.

Com a comunidade não foi diferente e houve uma resposta muito satisfatória também. A distribuição do exemplar fora dos muros da escola fez ressaltar a empolgação dos alunos e o orgulho que eles sentiam por entregarem um produto que foi feito pelo grupo. Destaco mais uma vez que os alunos mais tímidos ou apresentavam receios em se comunicar com o outro, deixaram de ser ou ter essas situações por aquele momento que foi entendido por eles como muito importante, vencendo barreiras, com orgulho

das suas produções. Por iniciativa própria, enfatizavam que o jornal não era somente da escola, mas da comunidade também. E os moradores demonstraram entender isso e receberam a iniciativa com bons olhos.

Desta forma, a ferramenta do Jornal Escolar, que foi instituída e teve edição publicada, possibilitou neste estudo confirmar o que Brandão (2007, p. 1958) descreve como um produto “que acompanha e ajuda a comunidade a relacionar a sua atividade e que se assume como a necessária ponte entre a escola e a comunidade” e ainda que:

O jornal que melhor serve a escola, designadamente os alunos, é aquele que consegue envolver activamente, em todas as fases e momentos do processo, o maior número de alunos, dando-lhes voz e atribuindo-lhes responsabilidades, que constitua um espaço de promoção dos seus anseios ou de resolução das suas preocupações, que se assuma como um defensor e promotor da escola, acompanhando e ajudando a comunidade a acompanhar a sua actividade... e que potencie o acompanhamento da actualidade dentro da escola e da sala de aula. Por fim, que seja também um verdadeiro jornal, organizado e produzido como tal, escrito com correcção e utilizando os diversos géneros jornalísticos.

Desta forma, acrescento alguns relatos de alunos que resumem o aprendizado em relação ao aprendizado das competências de literacia mediática e também da sua relação com a escola e comunidade.

“Antes de entrar para o jornal eu não tinha muita consciência sobre a produção de textos nem a importância de ficar bem-informada. O jornal que produzimos, além de divertir quem lê, quisemos mostrar iniciativas da comunidade e que não estão sozinhos e tem sim pessoas que conseguem vê-los. O jornal ajudou muito a reavaliar os meus conceitos e descobrir o que quero fazer, que é ser escritora. As oficinas do jornal me ajudaram a conhecer os gêneros textuais do jornalismo e a melhorar minha escrita”, Danyella.

“Aprendemos muito sobre gêneros textuais em atividades divertidas e interessantes, que nos levaram a conseguir confeccionar um jornal, que junta notícias da sociedade e da escola, num projeto que ficou muito bom e temos muito orgulho disso”, Davi.

“O que contribuiu para mim no jornal foi que aprendi novos gêneros textuais, favorecendo para o meu aprendizado na Língua Portuguesa. Também aprendi a trabalhar em grupo melhor, com pessoas mais

novas e mais velhas, com idades diferentes da minha e de séries mais avançadas”. Mirella.

“O projeto me ajudou a trabalhar mais em equipe e ter uma maior relação com os moradores da região da nossa escola”, Bernardo.

Ao analisar e avaliar o cumprimento dos objetivos apontados, e pelo que já foi inferido acima e que estão diretamente relacionados também, considero que as questões elencadas para o desenvolvimento em curto e médio prazos foram alcançados durante a execução deste projeto de intervenção. As propostas de longo prazo - proporcionar competência que façam os estudantes cidadãos críticos que conhecem a realidade da sua comunidade e conseguem articulá-la com o conjunto de saberes e conhecimentos constituídos e adquiridos; e estudar a potencialidade dos jornais escolares como veículo de inovação, dinamização e motivação do espaço escolar – percebo que ainda estão em andamento e caminham de forma significativa para a sua realização, uma vez que a escola continua a oferecer o Clube do Jornal e as oficinas para a formulação do próximo número do jornal escolar.

4.3 Segunda Edição do *Notícia Ativa – Jornal do VSP*

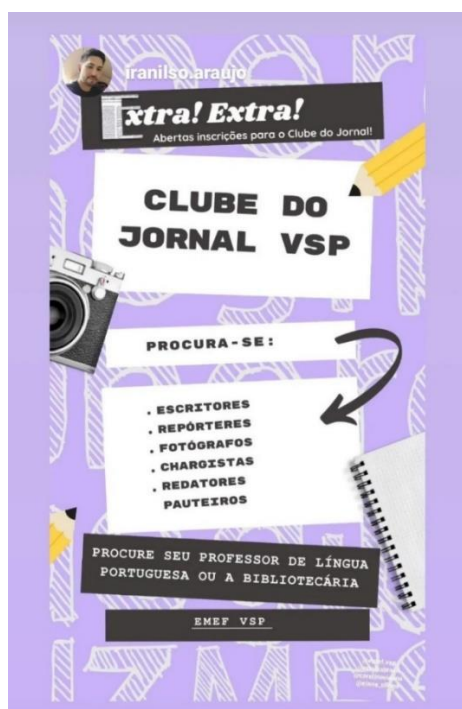


Figura 118. Cartaz divulgado na escola e nas redes sociais para chamar os alunos a participarem do Clube do Jornal e da 2ª edição do Jornal Ativa. Reprodução

A partir da reunião de avaliação do projeto e também da conversa com os alunos que participaram da primeira edição, foi dado início a um novo planejamento, visando agregar mais ainda a produção e o desenvolvimento do segundo número do jornal *Notícia Ativa* (Figura 118). A proposta é contar com a participação do atual grupo – a maioria já disse querer continuar – e ainda ampliar a oferta de vagas no segundo semestre, se possível.

O aumento do número de estudantes participantes está em definição com a direção da escola porque depende, principalmente, da confirmação da liberação de alimentação para os alunos - pode ser um lanche após as oficinas ou a disponibilização de almoço depois do período de aula e a permanência deles na escola para a aula extraclasse. A alimentação é obrigatória quando ocorrem atividades no contraturno da unidade de ensino.

Além da ampliação do número de participantes, também está em análise a realização de mais atividades práticas. Como eles agora já têm conhecimento da técnica, seria possível avançar a produção de mais matérias, tanto na escola quanto na comunidade, agora de forma mais individualizada ou ainda em grupo, se necessário. As sugestões de pauta, de assuntos, poderiam vir dos próprios alunos participantes como também deles ouvirem as propostas dos demais colegas da escola.

Ainda como forma de dinamizar a prática, pode ser implementada também a atuação dos alunos do Clube como mentores e multiplicadores do que aprenderam para os demais colegas. Isso poderia ocorrer tanto nas aulas do contraturno, como também nas salas de aula, durante a apresentação de gêneros textuais do jornalismo, que fazem parte da grade curricular da Língua Portuguesa.

Essa iniciativa pode ser considerada um pouco ousada, mas essa proposta vem da percepção da participação mais efetiva do atual grupo quando de alguma atividade em que os gêneros eram trabalhados em sala: os estudantes não ficavam dispersos e davam exemplos do aprendizado ocorrido nas oficinas do Clube. Eles contariam com a supervisão deste pesquisador e também do professor.

Outra proposta é que os demais alunos da escola também participem, ofertando matérias escritas sobre os assuntos de seu interesse ou de produções realizadas a partir de atividades propostas pelos docentes das outras disciplinas nas salas de aula. Essas matérias fariam parte do jornal, em uma nova seção, e seriam analisadas pelos estudantes-editores para publicação. Esse espaço foi um dos pontos sugeridos pelos alunos, como também de professores que ficaram muito interessados em utilizar o jornal como parte do planejamento pedagógico de suas aulas.

Inicialmente, as oficinas do Clube do Jornal neste segundo semestre foram programadas para terem início em 15 de setembro de 2023, sempre às quintas, com aulas no período das 13h às 15h. A

publicação do segundo número, também em versão impressa, deve ocorrer até o final do mês de novembro. Também foi pensado que as produções de matérias produzidas pelos alunos durante esse novo período também sejam publicadas nas redes sociais da escola.

Considerações Finais

Com a execução deste projeto de investigação-ação foi possível perceber que o processo de introdução e de realização de atividades, tarefas e ações voltadas para a consolidação de competências de literacia mediática nas escolas ajudam no desenvolvimento de competências e habilidades que fazem com que os estudantes tenham a capacidade de consumir informações com maior reflexão e, ainda, na produção de conteúdo com mais responsabilidades.

Isso é fundamental nos tempos atuais, pois, diariamente, recebemos centenas de mensagens e dezenas de vídeos e áudios com temas e assuntos diversos e, em sua grande maioria, não temos conhecimento de quem os produziu. São compartilhados nas mídias sociais sem sequer ser checada a veracidade das informações acolhidas.

Nesse sentido, considero o letramento mediático como um importante meio para mudar a consciência das pessoas e, ainda mais, dos estudantes, sejam eles crianças, adolescentes e jovens, por ainda estarem formando sua base cultural e de conhecimento, permitindo que desenvolvam as habilidades de uma leitura crítica e de interpretação dos diferentes tipos de textos, códigos e mensagens a que estão suscetíveis.

Foi o que pude observar durante a execução desta intervenção, na qual os alunos que participaram das oficinas de produção dos gêneros textuais do jornalismo, visando a produção de um Jornal Escolar, conseguiram ampliar seus horizontes por meio das ferramentas oferecidas e adquirir a capacidade de interrogar de onde veio certa informação, quem e com que intenção a produziu; de analisar evidências mostradas como argumentos; saber reconhecer o que é conteúdo e o que é informação falsa; e distinguir a diferença entre os tipos de linguagens, por exemplo.

Então, ao conhecerem uma notícia, realizarem entrevistas, escreverem uma reportagem, identificarem as entrelinhas de uma charge, darem a opinião individual em um artigo ou coletivamente em um editorial, ao mesmo tempo analisando manchetes, investigando os conteúdos e as narrativas, confirmando a confiabilidade das fontes, os estudantes colocaram em prática as competências da literacia mediática.

Assim, a partir do estímulo da interpretação, da apuração dos argumentos e da produção de textos de gêneros jornalísticos variados, os estudantes puderam sustentar as suas ideias, consumir informações de qualidade, distinguindo-as de comunicação rasa, superficial, e até inverídica, e sendo capazes de fazer análises e aferir ideias, conceitos e informações, apropriando-se deles com convicção e segurança

Além disso, eles, os estudantes tornam-se ainda multiplicadores destas ações em sua unidade de ensino,

com familiares, com amigos e no bairro onde moram, rompendo muros e promovendo a integração entre escola e estudantes e escola e comunidade. Interação esta que era ponto de análise também desta intervenção. Pude comprovar a sua ocorrência quando da distribuição do jornal impresso e foi percebido pelo grau de pertencimento provocado pelo periódico nos moradores, que se viram contemplados e fazendo parte de uma publicação que os representava e abrindo uma comunicação e um espaço até então inexistente.

Desta forma, ao retornar à pergunta “Em que medida é que a implementação de um Jornal Escolar pode contribuir para a interação entre alunos/escola e a comunidade e para a consolidação de competências de literacia mediática?”, a resposta é de várias madeiras e possibilidades, haja vista que com a sua instituição e a publicação do primeiro número do Jornal Escolar *Notícia Ativa* foi possível identificar mudanças sociais e interações que antes não existia, como já foi descrito.

Nesse percurso para implementação da intervenção, houve algumas dificuldades encontradas para a sua realização, dentre elas o horário de execução: período da tarde, no contraturno escolar. Por não ser uma unidade de tempo integral, alguns estudantes voltavam para casa e retornavam para a escola. Isso fazia com que parte deles desanimassem, mas iam mesmo chegando um pouco atrasados. No início, ainda quando da entrevista, os estudantes disseram que precisavam ajudar em casa, embora quisessem muito participar. E isso também é um fator a ser levado em consideração.

Então, enquanto não há a totalidade de escolas em Vitória na modalidade de tempo integral, uma possibilidade seria a inclusão desta proposta dentro da grade curricular que atualmente é oferecida. Poderia estar ligada às aulas de Língua Portuguesa, com mais horas-aula durante a semana sendo dedicada a execução do Clube do Jornal. Isso ajudaria na maior participação dos estudantes, pois já estariam dentro do turno de ensino que estão matriculados e fortaleceria também as iniciativas voltadas para o protagonismo estudantil.

Embora como jornalista saiba me aproximar e falar com as pessoas para poder fazer entrevistas, por exemplo, a implementação de um projeto de ação no qual há uma relação entre o investigador e o sujeito da investigação me fez ter ainda mais cuidado para que o desenvolvimento ocorresse sem percalços. Digo isso porque qualquer limite ultrapassado poderia interferir no resultado em apuração. Como observador participante interagia quando era necessário, observava sempre e ajudava na solução de problemas e dificuldades apresentadas nas atividades, que porventura viessem a ocorrer.

Ainda mais quando o grupo de estudo é criança/adolescente, estudantes, uma população vulnerável e que requer critérios para a sua participação. Essa foi a segunda vez que ocorre a minha interação com

esse público. A primeira foi durante a graduação para o desenvolvimento do projeto de final de curso, numa época bem diferente da de agora. O resultado foi a publicação de uma revista reportagem com o tema “Um Olhar sobre a Infância, que abordou a vida de pequenos capixabas não contemplados pelo Estatuto da Criança. Meninos e Meninas que trabalhavam nas ruas, moravam em área rural e estavam no movimento sem-terra.

Como no projeto de antes, a intervenção de agora foi um grande exercício que serviu para aguçar ainda mais minha sensibilidade. Uma experiência ímpar, como muitos aprendizados também - não somente os alunos aprenderam. E feliz por repassar ensinamentos e fazer cada participante, cada estudante, cada menino ou menina, ter um novo olhar, novas perspectivas para a vida, serem mais humanos, mais conscientes e críticos como cidadãos que são.

Referências Bibliográficas

- A Gazeta na Sala de Aula (2022). *Rede Gazeta*. Retirado de <https://www.redegazeta.com.br/a-empresa/responsabilidade-social/a-gazeta-na-sala-de-aula/>
- Abib, Hoppen & Hayashi Junior. (2013). Observação participante em estudos de administração da informação no Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, 53, 604-616.
- Albuquerque & Fonseca. (2012). *A construção do conhecimento a partir da leitura do jornal impresso em sala de aula*. Comunicação apresentada no VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. Aracaju.
- Andrelo & Bighetti. (2015). Media literacy, memória e eleições—um experimento sobre como jovens interpretam o apelo à memória na campanha presidencial de 2014. *Comunicação & Educação*, 20 (2), 27-36.
- Aufderheide & Firestone. (1993). *Media Literacy: A Report of the National Leadership Conference on Media Literacy*. Queenstown: Aspen Institute.
- Baltar. (2006). *Competência discursiva & Gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula*. 1ª ed. Caxias do Sul: EDUCS.
- Baltar. (2003). *A competência discursiva através dos gêneros textuais: uma experiência com o jornal em sala de aula*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Retirado de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2516>
- Bauer. (2016). O valor público da Media Literacy. *LÍBERO*, (27), 9-22.
- Bazerman. (2006). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Cortez.
- Benavente, Rosa, Costa & Ávila. (1996). *A literacia em Portugal. Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Betancourt. (2004). Géneros periodísticos: para arropar su hibridez. *Estudios sobre el mensaje periodístico*, 10, 319-328.
- Brites. (2011). Jornais escolares e a promoção da literacia cívica e mediática. *Literacia, Media e Cidadania*. In Sara Pereira (Org.). *Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania"* (pp. 537-548). Braga, Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

- Brydon-Miller, Greenwood & Maguire. (2003). Why Action Research? *Action Research*, 1(1), 9–28.
<https://doi.org/10.1177/14767503030011002>
- Cellard. (2008). A Análise Documental. In: Poupart, J. et al. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*, p. 295-316. Petrópolis, RJ. Vozes.
- Chizzotti. (2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. Cortez editora.
- Coutinho. (2005). *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal: uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*.
- Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira. (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. Retirado de
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10148>
- Coutinho. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Coimbra: Almedina.
- Danna & Matos. (2015). *Aprendendo a Observar*. (3ª ed.) São Paulo: Edicon.
- Denzin & Lincoln. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Artmed.
- Escola da Serra lança 3ª edição do jornal Beato News (2022). *Portal de Notícias da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo*. Retirado em
<https://sedu.es.gov.br/Not%C3%ADcia/escola-da-serra-lanca-3a-edicao-do-jornal-beato-news>
- Faria. (2008). *Como usar o jornal na sala de aula*. 10. ed, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto
- Freinet. (1974). *O jornal escolar*. Portugal: Estampa.
- Fastrez. (2010). Quelles compétences le concept de littératie médiatique englobe-t-il? Une proposition de définition matricielle. *Recherches en communication*, 33, 35-52
- Fernandes. (2022). *Competências de literacia mediática: avaliação, perfis e propostas formativas* (Doctoral dissertation). Retirado de
<https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/101674>
- Ferrés. (2007). La competencia en comunicación audiovisual: dimensiones e indicadores. *Comunicar*, 15(29), 100-107.
- Ferrés & Piscitelli. (2012). La competencia mediática: propuesta articulada de dimensiones e indicadores. *Comunicar: Revista científica de Comunicación y educación*, 19(38), 75-82.
- Gil. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas SA.

- Gonçalves. (2008). Jornal escolar: da periferia ao centro do processo educativo. In *Comunicação e Cidadania. Actas do 5º Congresso da SOPCOM* (pp. 1953-1965).
- Gray. (2012). *Pesquisa no mundo real*. 2ª ed. Porto Alegre: Penso.
- Günther. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: teoria e pesquisa*, 22, 201-209.
- Ijuim. (2000). Jornal escolar do instrumento didático ao instrumento complexo. *EccoS Revista Científica*, 2(2), 115-121.
- Isaias. (2009). *¿ Por qué y para qué leer el diario en la escuela?: de la prensa escrita a la revista escolar*. Rosario (Argentina): Homo Sapiens, 2009.
- Jornal Escolar aborda tema do cotidiano de alunos e moradores de Santa Leopoldina (2019). *Portal do Governo do Estado do Espírito Santo*. Retirado de <https://www.es.gov.br/Noticia/jornal-escolar-aborda-tema-do-cotidiano-de-alunos-e-moradores-de-santa-leopoldina>
- Lavado & Castro. (2001). Projeto de pesquisa (Parte V–amostra). *Castro AA. Planejamento da pesquisa*. São Paulo: AAC.
- Lemos. & Pinto. *Jornal escolar: da periferia ao centro do processo educativo*. Retirado de <http://www.jornalescolar.org.br/securefiles/arq-BRANDAO-C-jornal-escolar-da-periferia-ao-centro-do-processo.pdf>
- Lessenski. (2018). Media Literacy Index. *Open Society Institute – Sofia*. Retirado de <https://milunesco.unaoc.org/mil-resources/new-media-literacy-index-2018/>
- Livingstone. (2003). *The changing nature and uses of media literacy*. Media@lse Electronic Working Paper, 4.
- Lopes. (2015). Avaliação de competências de literacia mediática: instrumentos de recolha de informação e opções teórico-metodológicas. *Media & Jornalismo: Uma Revista Do Centro de Investigação Media e Jornalismo*, 15, 44-69.
- Lopes, Pereira, Moura & Carvalho. (2015). Avaliação de competências de literacia mediática: o caso português. *Revista Observatório*, 1(2), 42-61.
- Lutz. (2013). O jornal impresso na educação: usos e perspectivas. *ANAIS DO ENIC*, (5). Retirado de http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/9/artigo_simposio_9_823_cleyton.lutz@ifms.edu.br.pdf.

- Maroco. (2018). *Análise Estatística com o SPSS Statistics.: 7ª edição*. ReportNumber, Lda.
- Manzini. (2008). Considerações sobre a transcrição de entrevistas. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas. Amostras e técnicas de pesquisa. Elaboração, análise e interpretação de dados*, 7, 152.
- Manzini. (1990). A entrevista na pesquisa social. *Didática*, 26, 149-158.
- Marra et al. (2020). Literacia mediática e accountability da mídia nas salas de aula: como desenvolver tais temas com professores. *18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.
- Mattar. (1999). *Pesquisa de marketing* (Vol. 6). São Paulo: Atlas.
- Medina. (2001). Gêneros jornalísticos: repensando a questão. In *Revista Symposium, Ano* (Vol. 5, pp. 45-55).
- Melo. (2003). *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Mantiqueira.
- Melo & Assis. (2016). Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 39, 39-56.
- Minayo. (Org.). (2001). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Moran. (2018). Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 02-25.
- Moreira. (2005). Análise documental como método e como técnica. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 269-279.
- Oliveira. (2022). *Criação de narrativas digitais e literacia mediática: investigação-ação com alunos do ensino secundário*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Os cem anos (ou talvez um pouco mais) dos jornais escolares (2022). *Público*. Retirado de <https://www.publico.pt/publico-na-escola/artigo/cem-anos-jornais-escolares-1999098>
- Parratt. (2008). *Gêneros periodísticos en prensa* (Vol. 49). Ciespal.
- Parente. (2012). *Comunidade, escola, jornal escolar: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. Retirado de [file:///C:/Users/dlong/Downloads/2012_CristianeParenteSaBarreto%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/dlong/Downloads/2012_CristianeParenteSaBarreto%20(2).pdf)
- Pasquali. (2010). *Instrumentação Psicológica Fundamentos e Práticas*. Porto Alegre: Artmed.

- Pereira, Pinto & Moura. (2015). *Níveis de literacia mediática: Estudo exploratório com jovens do 12º ano*. Braga: CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho.
- Pinto. (2002). *Informação, conhecimento e cidadania—a educação escolar como espaço de interrogação e de construção de sentido, comunicação*. Retirado de https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2758/1/mpinto_IntervGulb_2002.pdf
- Pinto. (2003). A educação para os media, uma aposta com futuro. In *Luces en el laberinto audiovisual: Congreso Iberoamericano de Comunicación y Educación. Huelva, octubre de 2003* (pp. 46-56). Grupo de Investigación Agora.
- Pinto. (2003). *Correntes da educação para os media em Portugal: retrospectiva e horizontes em tempos de mudança*. Retirado de <http://repositorium.uminho.pt/handle/1822/40628>
- Potter & Thai. (2016). Conceptual challenges in designing measures for media literacy studies. *International Journal of Media and Information Literacy*, (1-1), 27-42.
- Por dentro do mundo dos Jornais Escolares. Onde os estudantes crescem e ganham voz (2022). *Forum Estudante*. Retirado de <https://forum.pt/reportagem/jornais-escolares-um-espaco-para-crescer-e-dar-voz-aos-estudantes>
- Portas. (2021). Literacias para a mídia: um estudo bibliográfico sobre a fundamentação do conceito de educação midiática. In *Congresso Internacional Internacional Comunicação e Consumo* (Vol. 8). Retirado de <https://comunicon.espm.edu.br/wp-content/uploads/2021/11/AFONSO-PORTAS.pdf>
- Quivy & Campenhoudt. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Portugal. Gradiva.
- Reis. (2010). Taxonomia dos gêneros jornalísticos no rádio: Proposta de uma nova tipologia. *Comunicação & Sociedade*, 32 (54), 51-70.
- Salles. (2012). *Valores em circulação-A Gazeta na sala de aula*. Tese de Doutoramento, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil. Retirado de <http://repositorio.ufes.br/handle/10/2154>
- Santaella & Nöth. (2020). *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. Iluminuras.
- Santos, Amaral & Mamede. (2013). Using the action-research method in information systems planning creativity research. In *2013 8th Iberian Conference on Information Systems and Technologies (CISTI)* (pp. 1-7). IEEE.

- Schön. (1992). *Formar professores como profissionais reflexivos*. Lisboa: Dom Quixote, 2, 77-91.
- Spinelli & Almeida Santos. (2019). Saberes necessários da educação midiática na era da desinformação. *Revista Mídia e Cotidiano*, 13 (3), 45-61.
- Thoman. (2003). *Skills and Strategies for Media Education*. Santa Monica: Center for Media Literacy (CML).
- Thoman & Jolls. (2003). *Literacy for the 21st Century – An Overview & Orientation Guide to Media Literacy Education*. Santa Monica: Center for Media Literacy (CML).
- Traquina. (2005). *Porque as notícias são como são*. Insular Livros.
- Tripp. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e pesquisa*, 31(03), 443-466.
- Unesco. (2005). *Hacia las sociedades del conocimiento. Publicaciones Unesco. París*.
- Yin. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso.

Anexos

Grelha de Observação Aula/Oficina Anexo 1

Data: ____/____/____ Gênero Jornalístico: _____

Descrição da Aula/Oficina	Pontos Positivos	Pontos Negativos	Intervenção Realizada	Situação Apresentada pelos Alunos	Observações
(Atividade 1)					
(Atividade 2)					
(Atividade 3)					

Grelha de Observação
Competências da Literacia Mediática
Anexo 2

Data: ____/____/____ Gênero Jornalístico: _____

Componente	Indicador	Situação Positiva	Situação Negativa	Atitudes/ Comportamento	Observações
Códigos/Gêneros Textuais/Estruturas Narrativas	Conhecimento dos códigos, das diferentes estruturas narrativas, das categorias e dos gêneros que compõem os diversos produtos midiáticos				
Ferramentas de comunicação	Compreensão do funcionamento das ferramentas de comunicação para entender como as mensagens são criadas e utilizadas para se comunicar				
Participação/Interação	Habilidade de participar e interagir com os conteúdos midiáticos				
Produções Artísticas	Reconhecimento da qualidade estética e avaliação da inovação e originalidade de produtos midiáticos				
Difusão Mediática	Conhecimento sobre etapas de produção				
Compreensão das Mensagens	Compreensão das intenções e dos interesses contidos nas mensagens midiáticas				
Rotinas de trabalho	Capacidade para selecionar e partilhar informação				
Intenções das Mensagens Mediáticas	Fiabilidade das fontes e participação com alternativas				

Grelha de Observação
Relação Alunos/Escola e Comunidade,
Anexo 3

Data: ____/____/____ Atividade: _____

Componente	Indicador	Situação Positiva	Situação Negativa	Atitudes/ Comportamento	Observações
Produção e Difusão do Conhecimento	Capacidade de selecionar e partilhar informações fidedignas recebidas/ Participação da comunidade escolar				
Valores					
Canais de Comunicação					

Guião de Entrevista

Anexo 4

- Caracterização do Entrevistado (a)

1. Nome, Idade e Estado Civil
2. Nível de escolaridade e formação académica
3. Quanto tempo trabalha na área?
4. Quanto tempo trabalha neste local?
5. Já ocupou outras funções/cargos?

- Descrição da atividade de trabalho

1. Em que consiste o seu trabalho?
2. Qual é seu público de atuação e faixa etária?
3. Como se considera atuando como professor/profissional?

- Sobre o tema em análise

1. A escola/instituição realiza algum projeto/ação voltado para a área da comunicação?
2. Os gêneros textuais do jornalismo fazem parte do aprendizado dos estudantes?
3. De que forma isso ocorre?
4. Como acontece o ensino-aprendizagem da literacia mediática na escola/instituição?
4. Como é trabalhado/desenvolvido as competências relacionadas à literacia mediática e de outras habilidades?
6. Qual a importância de trabalhar esse tipo de ação/intervenção na escola/instituição?
7. Quais seriam os benefícios para as crianças de ter essa oportunidade de desenvolver projetos ou participar dessa intervenção?

8. Como analisa a relação entre escola/alunos e comunidade?

9. A escola/instituição promove ações visando essa integração?

- Sobre o desenvolvimento do projeto

1. Como a direção, professores e equipe pedagógica avalia as atividades que foram desenvolvidas?

2. Como perceberam o grupo formado pelos alunos de vários anos para o projeto?

3. Como avalia a participação dos alunos?

4. O que observaram no desenvolvimento dos alunos e do grupo durante o projeto?

5. O que identificaram de mudança comportamental dos alunos?

6. Houve melhora das competências estudadas e de outras habilidades?

7. Consideram que os alunos que participaram do projeto tornaram-se sujeitos mais críticos e conscientes?

8. Acham que a forma que o projeto foi conduzido trouxe inovação e melhorias para o aprendizado?

9. De que forma consideram que a literacia midiática trouxe benefícios?

10. Como foi trabalhar abordando as competências da literacia midiática?

11. Como comparam trabalhar os gêneros textuais dentro do programa em sala de aula e a sua complementação extraclasse?

12. Houve uma consolidação das competências de literacia midiática pretendidas pelo projeto?

13. Considera que o projeto de intervenção proporcionou a interação entre alunos/escola e comunidade?

14. Consideram que um jornal escolar cumpre esse papel?

15. O projeto de intervenção apresentou alguma dificuldade/falha no seu desenvolvimento?

Questionário Alunos X Notícias

Anexo 5

Nome:

Turma:

Idade:

1. Como você costuma saber das notícias e assuntos de seu interesse?
2. Você lê frequentemente/às vezes ou já leu algum jornal em papel (impresso)?
3. Diga qual jornal costuma ler ou já leu.
4. Se lê frequente/às vezes ou já leu, onde costuma fazer a leitura do jornal?
5. Quais seções/temas costumam te interessar mais na leitura do jornal em papel ou do noticiário?
6. Quanto tempo fica lendo o jornal ou sabendo das notícias que te interessa/interessou?
7. Conhece as seções/partes que é composta um jornal em papel? Cite algumas.
8. Sabe o que é notícia, entrevista, reportagem, opinião e crônica? Escolha um tema e diga o que é para você?
9. Conte como acha que é feito um jornal em papel/impresso e as tarefas/funções que precisa.
10. Como acha que o Clube do Jornal/jornal Escola pode te ajudar no seu dia a dia?
11. Como o Clube do Jornal/Jornal Escola pode integrar e melhorar a situação do seu bairro/comunidade e também a escola?

Crônica de Luís Fernando Veríssimo

Anexo 6

A bola

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola. O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse “Legal!”. Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

— Como e que liga? — perguntou.

— Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

— Não tem manual de instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

— Não precisa manual de instrução.

— O que é que ela faz?

— Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

— O quê?

— Controla, chuta...

— Ah, então é uma bola.

— Claro que é uma bola.

— Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

— Você pensou que fosse o quê?

— Nada, não.

O garoto agradeceu, disse “Legal” de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado Monster Baú, em que times de monstros disputavam a posse de uma bola em forma de bip eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentavam se destruir mutuamente.

O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina. O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

— Filho, olha.

O garoto disse “Legal”, mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro de couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa ideia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

Entrevista com a bibliotecária Elane Uliana

Anexo 7

- O que é e qual a proposta do congresso que você participou? Fale um pouco sobre ele.

O Biblio InformES é um congresso que reúne bibliotecários de todos os municípios do Estado do Espírito Santo para apresentar projetos e trabalhos que são desenvolvidos pelas bibliotecas e pelas escolas, visando divulgar as iniciativas em suas diversas plataformas, proporcionando novas oportunidades para os alunos.

- O que te motivou a inscrever o projeto em andamento na Emef VSP?

O que me motivou a participar e a inscrever o projeto neste congresso foi o diferencial do Jornal Escolar, que foi implementado na Escola Vercemílio, por meio de um projeto de intervenção de mestrado e que contou com a criação de um Clube do Jornal no qual os alunos participantes puderam aprender em oficinas os gêneros textuais do jornalismo, escrever suas matérias e publicar o conteúdo desenvolvido em jornal um impresso. O que costuma ocorrer com jornais escolares é a sua implementação em salas de aulas, trabalhados por professores de Língua Portuguesa assuntos relacionamento a um tema específico. Sair desse lugar-comum foi o diferencial do projeto, que ainda foi desenvolvido fora do ambiente da sala de aula e no contra turno. E mostrar esse projeto diferenciado para o todo o Estado faz parte da nossa competência como profissional bibliotecário e para promover as ações e iniciativas da escola.

- Você teve algum retorno sobre o porquê da escolha do projeto pela Comissão do Congresso?

Com a inscrição do projeto, uma comissão avaliou todas as propostas e selecionou aquelas fossem mais interessantes e consideradas inovadoras. No caso do Vercemílio, a escola, informaram que a sua aceitação ocorreu por ser uma iniciativa interessante e diferenciada, por não ser apenas um jornal escola, mas sim um projeto que oportunizou novas experiências e aprendizados para o grupo de alunos que participou dessa iniciativa, a partir das oficinas, produção de conteúdo e todo o processo de montagem de um jornal.

- Como foi sua apresentação?

Considerado que a apresentação foi muito boa, pude apresentar todo o projeto e suas fases até o momento da realização do congresso e conseguimos chamar a atenção de todo o público presente quanto a essa nova proposta.

- O que os participantes comentaram/acharam sobre o projeto da Emef VSP?

Após o término do grupo de apresentações da qual participei, muitos colegas profissionais vieram parabenizar a iniciativa e dizer que essa proposta de colocar os estudantes para participar de oficinas de gêneros textuais a partir da criação de um Clube era um diferencial, por não ser um jornal de divulgação, ter alunos protagonistas e que abria novas oportunidades para a implementação de um Jornal Escolar.

- Qual foi sua avaliação sobre ter levado essa iniciativa para um Congresso?

De forma geral foi muito importante tanto para mim, enquanto bibliotecária, quanto para os alunos e para a escola de serem representados em um Congresso Estadual que reunia diversas iniciativas na área da educação. Conseguimos divulgar o trabalho que está em realização e incentivando também que outros profissionais e escolas também desenvolvam projetos como este que estamos ainda execução durante o ano.

- Gostaria de dizer algo mais?

Um projeto como este é importante porque ele coloca o aluno para participar, para atuar como protagonista, para ter mais criticidade, para conhecer mais leituras, sejam elas de livros, de notícias e de textos interessantes, outros recursos informacionais diferentes. Tudo isso contribui para o crescimento e o desenvolvimento dele tanto dentro quanto fora da escola.

Exemplo de Autorização de Participação/Aluno

Anexo 8

**EMEF PROFESSOR VERCENÍLIO DA SILVA PASCOAL
BIBLIOTECA FRANCISCO AURÉLIO RIBEIRO
PROJETO PROTAGONISMO ESTUDANTIL
CLUBE DO JORNAL**

AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO

Eu: Natalia Ramos
(nome do pai, da mãe, ou responsável legal), autorizo, meu filho (a)
+ Marella Ramos
(nome da estudante), a participar do Clube do Jornal todas as terças-feiras e quartas-feiras no período de **14h as 16h** na Emef Professor Vercenílio da Silva Pascoal.

Por ser verdade, firmo a presente autorização.
Vitória, 05 de abril de 2023.

[Assinatura]
(Assinatura)

Termo de Consentimento para Entrevista

Anexo 9

Você está sendo convidado(a) a participar de uma entrevista sobre_____. A entrevista será realizada por DEYVISON LONGUI BATISTA aluno do curso de Mestrado em Ciências da Comunicação/Informação e Jornalismo pela **Universidade do Minho**, sob orientação da professora doutora Sandra Marinho.

O objetivo desta entrevista é o conhecimento sobre sua trajetória escolar e sua relação como professor de Língua Portuguesa face a pesquisa Jornal Escolar: ferramenta de interação entre alunos/escola e comunidade e a consolidação de competências da literacia mediática.

A entrevista será realizada em um único encontro, no local e horário que você determinar. Sua participação é voluntária e livre de qualquer benefício financeiro. Você é livre para recusar-se a participar ou interromper a entrevista a qualquer momento.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário ao pesquisador (a) do projeto. As informações serão gravadas digitalmente durante a entrevista, para garantir uma maior fidelidade em seu registro. Você poderá receber esclarecimentos antes, durante e após a finalização do processo.

Vitória (ES), de de 2023.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

(Nome e Assinatura do participante da pesquisa)

Anexo 10

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA
Secretaria de Educação

AUTORIZAÇÃO

Recebemos a solicitação de **DEYVISON LONGUI BATISTA**, aluno do curso de Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade do Minho/Portugal, pleiteando a realização da pesquisa "**JORNAL ESCOLAR: FERRAMENTA PARA INTERAÇÃO ENTRE ALUNOS/ESCOLA E COMUNIDADE E A CONSOLIDAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DA LITERACIA MEDIÁTICA**", com o objetivo de verificar em que medida a implementação de um Jornal Escolar pode contribuir para a interação entre alunos/escola e comunidade e para a consolidação de competências de literacia mediática.

Informamos ao pesquisador que o estudo poderá ser realizado com os diálogos necessários junto à direção da Unidade de Ensino pleiteada e demais participantes da pesquisa para os devidos encaminhamentos.

Cabe ao solicitante apresentar Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido recebendo, assim, autorização para utilização dos dados coletados que deverão ser analisados sob a ética da pesquisa científica.

O trabalho final deverá ser encaminhado em arquivo PDF à Gerência de Formação e Desenvolvimento da Educação (GFDE), por meio do e-mail: seme.gfde@edu.vitoria.es.gov.br. A apresentação dos resultados da pesquisa poderá ser solicitada pela SEME à pesquisadora, a partir das demandas e necessidades de formação na área pesquisada.

As informações coletadas deverão ser utilizadas, exclusivamente, para a realização da pesquisa acima enfocada, sob o acompanhamento da GFDE.

Vitória-ES, 19 de março de 2023

**LUANA
SANTOS
LEMONS:09813938706
938706**

Assinado de forma digital por LUANA SANTOS
LEMONS:09813938706
Dados: 2023.03.24 08:03:21 -03'00'

Luana Santos Lemos

Subsecretária de Gestão Pedagógica
autorizado em 21/03/2023

O documento foi adicionado eletronicamente por VASTI GONCALVES DE PAULA, CPF: ***.59.366-** em 20/03/2023 14:54:29. Para verificar a autenticidade do documento, vá ao site <https://protocolo.vitoria.es.gov.br/validacao/> e utilize o código abaixo: 7AF2B18E-AD59-4C2A-944A-0730476855C9

